



FABIANE RIBEIRO

A MENINA FEITA DE ESPINHOS

UNIVERSO DOS LIVROS



**A MENINA
FEITA DE
ESPINHOS**

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar •
Bloco 2 • Conj. 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 •
São Paulo • SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail:

editor@universodoslivros.com.br

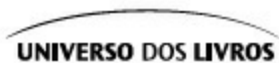
Siga-nos no Twitter:

[@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

FABIANE RIBEIRO

**A MENINA
FEITA DE
ESPINHOS**

São Paulo
2015



**© 2015 by
Universo dos
Livros**

Todos os
direitos
reservados e
protegidos
pela Lei 9.610
de
19/02/1998.

Nenhuma
parte deste
livro, sem
autorização

Diretor
editorial
**Luis
Matos**

Editora-
chefe
**Marcia
Batista**

Assistentes
editoriais
Aline

prévia por
escrito da
editora,
poderá ser
reproduzida
ou transmitida
sejam quais
forem os
meios
empregados:
eletrônicos,
mecânicos,
fotográficos,
gravação ou
quaisquer
outros.

**Graça
Letícia
Nakamura
Rodolfo
Santana**

**Preparação
Leonardo
Ortiz**

**Revisão
Jonathan
Busato**

**Arte
Francine
C. Silva**

**Valdinei
Gomes**

Capa
**Rebecca
Barboza**

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R369m

Ribeiro, Fabiane

A menina feita de espinhos /

Fabiane Ribeiro. — São Paulo :
Universo dos Livros, 2015.

352 p.

ISBN: 978-85-7930-824-6

1. Literatura brasileira 2. Literatura
fantástica I. Título

15-0538

CDD B869

Este livro é para aqueles que sabem conviver com espinhos,

Para aqueles que aceitam o diferente,

Que amam sem medos e preconceitos,

Que sabem que vão sentir dor em vários momentos da vida, mas não desistem por isso.

Para aqueles que gostam de giz de cera, bichos de pelúcia e rosas vermelhas.

Para aqueles que sabem chorar.

De verdade. Não apenas derramar lágrimas.

Para aqueles que veem beleza em tudo. Absolutamente tudo.

Mas se você não é assim, este livro ainda é para você, porque celebra justamente as diferenças.

E este livro é também para meus leitores, minha família, meus amigos, meus cães e para todos que me ajudam a continuar na carreira literária e apoiam cada uma de minhas novas histórias. Vocês são demais, e eu realmente desejo que também realizem seus sonhos!

SUMÁRIO

1º Ato Desabrochar

2º Ato Uma coleção de
momentos

3º Ato Escondido no canto da
alma

4º Ato O espelho

5º Ato Não há nada que eu possa
fazer para mudar e nada
que eu possa fazer para

entender

6º Ato A menina que, assim
como as roseiras, era
feita de espinhos

7º Ato À distância de um toque

8º Ato Sonhos que se tornam
fragmentos de vergonha

9º Ato Olhos tão azuis e tão
bonitos

“Ela é sozinha, porém, mais importante que todas vós, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que pus sob a redoma. Foi ela que abriguei com o para-vento. Foi por ela que matei as larvas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei se queixar ou se gabar, ou mesmo calar-se algumas vezes, já que ela é a minha rosa.”

— Antoine de Saint-Exupéry, em *O Pequeno Príncipe* (1943).

PRÓLOGO

Eu nasci assim. Com espinhos venenosos sobre toda a minha pele. Repelindo, assustando e repugnando as pessoas.

Meu aspecto é de um monstro. Medonho, feio e desrespeitoso. Para muitas pessoas é justamente isso que sou: um desrespeito à

humanidade; para outras, nem humana sou. Seria mais digno para seus olhos se eu não existisse. Na maioria das vezes, penso que elas estão certas e recolho-me à minha insignificância.

Eu deixo o mundo mais feio.

Entretanto, há vezes em que meu coração não aguenta e me pede para sair de casa, ver a cor do céu e sentir o cheiro da grama. E ver pessoas, acreditando que talvez elas não me olhem com ânsia de vômito, só para variar um pouco.

Isso nunca acontece; passo os dias seguintes chorando por ser tão feia e diferente.

Eu aprendi, com tantos olhares de nojo que recebi, que há beleza em tudo. Há beleza na tristeza e na dor, até mesmo na raiva. E há beleza na vida, em suas despedidas e em seus desencontros. E também em suas artimanhas maquiavélicas, sempre adiando a felicidade. Mas em mim, não. Não há beleza nenhuma em mim.

Não é bonito nem fácil ser eu mesma.

Além de comprometer minha aparência e impedir que eu seja tocada ou que toque alguém, os espinhos sobre minha pele também são uma máquina mortífera, pois

estão cheios de veneno. Sou uma força da natureza pronta para matar qualquer predador ao simples toque.

Se eu tivesse nascido com bula, os efeitos colaterais seriam: urticária, inchaço, ardência, lacrimação, irritação de mucosas, problemas respiratórios e, em caso grave, parada cardíaca.

Portanto, o aviso foi dado. Se você quer continuar a conhecer a trajetória sinuosa de minha existência literalmente espinhenta e venenosa, fique à vontade.

Nunca compreendi quando dizem que “nem tudo são flores”. Será que

quem fala isso já pensou como seria se tudo fosse espinhos? É assim comigo.

Foi assim comigo.

Até o dia em que...

Certos olhos me encontraram e viram algo belo em mim. Algo que eu nunca vi e nunca veria. Segundo suas próprias palavras, eu era bonita porque havia brilho no meu olhar. Não um brilho qualquer, mas aquele que só tem quem conhece a vida e suas facetas mais tristes, e ainda assim não desiste de caminhar sob o sol.

Ele disse que meus espinhos eram necessários porque eles

faziam de mim uma roseira rara. A única a caminhar sobre a terra e capaz de realmente se apaixonar.

Finalmente alguém havia visto pétalas em mim.

PRIMEIRO ATO

Desabrochar

CAPÍTULO 1

Esta é a minha história. Ela é sobre felicidade e sobre tristeza, porque uma não existe sem a outra.

Ela é também – e principalmente – sobre bondade.

A bondade presente em um olhar, quando optamos por ver o diferente como igual. A bondade de um

abraço apertado e de um aperto de mãos e de um beijo no rosto – coisas que jamais poderei fazer. A bondade de saber dizer palavras tão *gigantes* na hora certa: adeus, eu te amo, você é importante, você é belo.

A bondade presente naquele momento raro em que engolimos uma ofensa e, em seu lugar, entregamos uma flor.

Eu sempre adorei flores, principalmente rosas, mas nem sempre elas me protegeram. As coisas e as pessoas que amamos não estão do nosso lado em todos os momentos; às vezes caminhamos

sobre muitas pedras descalços e sozinhos. E mesmo que algumas pessoas estejam ao nosso lado, a caminhada de cada um, no fim das contas, é pessoal. Não que não haja amor, aprendizado mútuo e entrega em cada relação que estabelecemos ao longo de nossa existência. Estou dizendo que apenas nós somos capazes de realmente compreender a pior parte de cada uma das grandes e pequenas dores que enfrentamos.

Eu tive que conviver com a solidão por muito tempo, mesmo quando não estava tão sozinha assim. Ser diferente é algo

solitário.

Ter pessoas que ajudem é, sim, muito bom, e esta história apresentará várias dessas flores raras que desabrocharam em meu jardim.

E esta história é também sobre o meu desabrochar. Eu nasci um ramo de espinhos, querendo ser flor. E cada espinho em mim doeu desde o primeiro instante. Eu só consegui viver quando abracei a dor de ser quem sou – a dor tornou-se uma amiga e passei a caminhar do seu lado. Ela nunca foi embora, mas eu consegui sair do lugar e seguir meu caminho. *Sempre junto à dor.*

Lado a lado com meus espinhos.
Cada um sente na pele a dor de
ser quem é.

Comigo é literalmente isso que
acontece.

Aprendi da forma mais cruel
possível.

E, assim como ninguém nunca
compreendeu com clareza minhas
tristezas (apesar de alguns terem
tido o interesse e isso fez toda a
diferença), ninguém jamais
entenderá a escolha que mamãe fez.

Ela morreu quando eu nasci. Ela
deu sua vida pela minha (ninguém
nunca me disse isso, com essas
palavras, mas eu simplesmente sei

e, de alguma forma, acho que ela sabia também).

Quando foi para o hospital com hemorragia, papai disse que mamãe não chorou. Ela estava resignada e havia feito uma escolha.

Escolhera a minha vida.

Sem nunca ter tido a chance de ver meus espinhos, ela amou cada um deles.

Ela amou a sua pequena menina feita de espinhos sem preconceito ou dúvida. A menina que furou seu ventre e lhe tirou a vida e que nunca pôde olhar dentro de seus olhos e dizer “mamãe”.

CAPÍTULO 2

Meu pai, Rubens, me contou várias vezes que os exames que mamãe fez durante a gravidez estavam todos normais. Ela se cuidava e tinha boa saúde.

Ele fez questão de sempre me falar sobre o dia em que nasci e sobre o sacrifício que mamãe

fizera. Não para me culpar (ele jamais faria isso), mas porque nunca quis esconder de mim o que mamãe fez. Embora, com o tempo, ele tenha parado de falar sobre ela. Acho que é doloroso demais para seu coração.

Durante os meses em que morei em seu ventre, mamãe cuidou bem da alimentação, fez caminhadas relaxantes e sorriu o tempo todo. Segundo papai, ela exalava felicidade.

Eles eram um casal de idade já avançada e haviam tentado ter um bebê por muitos anos.

Quando o destino parecia não

desejar que fossem pais, desistiram da ideia, afinal eram felizes juntos e tinham sorte de ter um ao outro.

Papai tinha ganhado um dinheiro de herança, que eles usariam na criação do filho que não viera. Como eventualmente se conformaram com seu destino, compraram um chalé no campo, localizado a alguns quilômetros da estrada que levava para a cidade onde viviam.

Bem no topo de uma pequena colina, em uma clareira calma e florida, rodeado pela floresta, estava o chalé que mamãe amou desde o instante em que bateu os

olhos nele pela primeira vez.

Era uma casa pequena, pois a herança de papai não era assim tão grande. Ele era engenheiro e mamãe, professora. Estavam acostumados a viver com simplicidade, e aquela casinha de madeira no meio das árvores seria o lugar perfeito para passarem os fins de semana longe da cidade, e até criar alguns animais – o que a vida no apartamento não permitia.

Papai disse que os dias que passavam lá eram sempre tingidos de boas risadas e conversas agradáveis, passeios pelos arredores e planos para quando

envelhecessem juntos.

Nas primeiras férias que tiraram de seus respectivos empregos, após terem comprado o chalé, mamãe sugeriu que ficassem lá por mais de um fim de semana. Ela queria passar o mês todo naquele lugar mágico que tanto amava.

Imagino quantas memórias papai carrega dos dias que passou com mamãe no chalé. Eu nem havia nascido ainda e pareço ter lembranças daquela época. Calma. Feliz.

Naquele mês, mamãe finalmente engravidou quando eles menos esperavam.

Voltaram para a cidade quando as férias acabaram, mas iam ao chalé sempre que podiam nos meses que se seguiram. Mamãe amava tanto aquele lugar que tinha certeza que ele faria bem ao bebê. A mim.

E numa noite quente de verão, enquanto lia tranquilamente em sua cadeira de balanço, mamãe sentiu algo quente escorrer por suas pernas. Quando levou a mão à virilha, assustada, percebeu que era sangue.

Estava grávida de apenas seis meses, e papai tinha certeza de que a esposa havia se cuidado o

máximo possível. Mas, naquela situação, não havia dúvidas de que precisavam ir até o hospital.

Perderam tempo na estradinha de terra até alcançarem a rodovia e voltarem à cidade. Mamãe perdia sangue e parecia cada vez mais pálida.

Papai, com grossas lágrimas nos olhos, dizia-lhe para aguentar firme.

Ela aguentou. Por ele e por mim.

Chegou viva ao hospital, a tempo de salvarem seu bebê.

Apesar de todos os esforços e da transfusão sanguínea imediata, mamãe não resistiu. Perdera muito

sangue. Mas na verdade esse não foi o motivo de sua morte.

Algo perfurara seu útero e alguns órgãos abdominais.

Papai estava presente na sala de cirurgia quando fizeram a cesariana. Ele disse que pensou ter desmaiado ao me ver ser tirada de dentro da mamãe.

Porém, ele não desmaiou realmente, mas toda a luz do mundo se apagara. Foi como se sua mente tivesse dado um curto-circuito e, por alguns instantes, ele não ouviu meu choro e nem viu nada ao seu redor.

Ele viu um pequeno animal —

talvez até mesmo um monstro – ser retirado de dentro da esposa.

Os médicos disseram que ele tinha de sair dali. Fariam de tudo para salvar Liliana, minha mãe, e depois conversariam com ele e responderiam a todas as perguntas.

Ele não lembra como saiu do quarto, quem o escoltou até a sala de espera, nem quanto tempo se passou até que o médico viesse lhe dizer que não fora possível salvar sua esposa.

– O que era *aquilo* que saiu de dentro dela e que lhe causou hemorragia? – ele queria saber.

Com um olhar confuso, o médico

apenas respondeu:

— Aquilo, senhor, é sua filha.
Sinto muito.

Sinto muito.

Foi assim que o mundo me deu
boas-vindas.

CAPÍTULO 3

O médico depois lhe explicou que sua filhinha nascera com um distúrbio epidérmico muito raro. A camada superficial de sua pele tinha tendência a apresentar elevações, múltiplas e finas, no formato de espinhos. Eles eram bastante pontudos e haviam

lacerado o útero de Liliana e alguns órgãos adjacentes, levando-a à hemorragia e à morte.

E havia mais, o médico dissera. Aqueles espinhos secretavam uma espécie de muco, produzido pela própria epiderme modificada, que poderia ser fatal para quem o tocasse, ou, no mínimo, poderia causar diferentes reações, como o surgimento de urticárias ou problemas respiratórios.

— Então o senhor está me dizendo que minha filha também vai morrer? Seu próprio veneno a matará?

— De forma alguma. Eu não disse isso, senhor. O corpo dela

reconhece aquele muco como parte do organismo. Ela será imune ao veneno. Porém, as pessoas ao seu redor, que não possuem o veneno, não terão tal imunidade, e poderão ter as reações que citei, inclusive podendo morrer se tocarem a... *criança*.

— Mas por que o ultrassom nunca mostrou evidências desse distúrbio?

— Ele se apresenta de formas variadas. São raríssimas as ocorrências desse distúrbio no mundo. Eu mesmo só o vi em fotos de livros durante minha época de estudante. Porém, sei que o

surgimento dos espinhos pode variar um pouco, desde o ventre até os primeiros anos da vida da criança. O que teria sido melhor, pois sua esposa ainda estaria conosco – o médico pigarreou. – Mesmo se vocês estivessem na cidade e tivessem chegado mais rapidamente ao hospital, ela não teria sobrevivido, as lacerações foram profundas demais. No caso de sua filha, levou seis meses para que os espinhos irrompessem. Se o parto fosse antes disso, provavelmente nem mesmo a criança sobrevivesse.

Após ter dito o tal do *sinto muito*

mais umas três vezes, o médico se afastou.

Papai ficou sozinho por um tempo com os próprios pensamentos. Não sabia exatamente o que sentia. A dor da perda de Liliana era devastadora e cruel. Entretanto, o que pensar sobre a nova vida que saíra dela e que precisaria de um pai e de cuidados especiais? Ele não se julgava capaz. Não sozinho. Não sem o amor da sua esposa, que o inspiraria a ser um bom pai para aquela criança diferente.

Ele me contou que naquela noite caminhou pelos corredores do

hospital, ao redor do prédio e até mesmo na rua. Deixou que toda a dor se instalasse dentro de si. Chorou sem se importar com nada mais e implorou ajuda aos céus.

Então, quando o dia finalmente nasceu, ele voltou para o hospital e disse à enfermeira que desejava dizer adeus à esposa e conhecer a filha.

Ela o levou primeiro ao quarto onde o corpo de Liliana o aguardava.

Após passar uma hora junto da esposa dizendo “eu te amo” e “não me deixe” a cada arfar, ela finalmente teve que ser retirada

dali. E ele foi então dirigido à maternidade, onde me viu pela primeira vez.

Diz ele que queria muito me odiar. Por eu ser como era e por eu ter matado a pessoa que ele mais amava no mundo. Mas, por alguma razão que jamais soube explicar, assim que colocou os olhos em mim, ele me amou.

CAPÍTULO 4

A vida é uma coleção de momentos que, juntos, formam um livro.

Cada pessoa divide as páginas e os capítulos como quer e decide se sua história será feliz.

Os primeiros capítulos do meu livro foram preenchidos com bons

momentos na maioria das páginas. Eu ainda era muito pequena para compreender a dor e o peso de ser diferente. Não me importava se eu era bonita ou feia, e muitas vezes eu não questionava certas coisas.

Papai me preparou muito bem para ver o mundo como se apresentaria para mim. Assim que aprendi a falar, ele me explicava constantemente que eu não podia tocar nas pessoas nem nos animais, que eu deveria sempre manter uma distância segura.

Sempre que indagava o motivo, ele respondia: “Porque você é especial, Kat. Você é minha

menininha especial.”

E, naquela época, eu abria um sorriso e achava graça da explicação. Isso me bastava.

Papai me levava ao parquinho e, quando eu via outras crianças, corria feliz para fazer amizade com elas, sempre respeitando a regrinha do “não tocar” e “manter distância segura”. O problema é que elas fugiam de mim, corriam, até mesmo gritavam e choravam.

Eu achava que tudo era uma brincadeira e as perseguia pelo parquinho, como se brincasse de pega-pega. Demorou muito para eu compreender que causava medo e

repulsa, e que ninguém queria ser meu amigo.

Com o passar dos anos, acabei me cansando da amizade unicamente de papai, apesar de ele ser maravilhoso e compreensivo e não medir esforços para me fazer feliz.

Cansei da falta de abraços, de um beijo na testa, de carinhos na cabeça. Eles jamais viriam.

As explicações já não eram mais suficientes e eu me sentia enclausurada e distante do mundo, como se vivesse no interior de uma redoma de vidro. E os espinhos eram o vidro que me impedia de me

aproximar realmente de qualquer coisa.

“Me dá um abraço, papai”, passei a pedir com frequência quando tinha três anos.

“Você sabe que eu não posso, filha.”

Outras indagações passaram a fazer parte do meu dia a dia:

“Por que as outras crianças têm a pele tão lisa?”

“Por que elas não têm espinhos como eu?”

“Por que não posso deixar que se aproximem, mesmo?”

“Por que a mamãe não está aqui?”

“Ela poderia me dar um abraço?”

“Por que sai esse muco dos meus espinhos? Ele é como veneno?”

“O que é veneno, papai?”

“Por que não tenho amigos?”

“Por que as crianças correm e choram quando me veem? E por que os adultos ficam cochichando?”

“Por que tenho que ir a tantas consultas médicas?”

“Por que está doendo, papai? Por que minha pele dói, os espinhos doem e dói estar viva?”



As perguntas eram infinitas e papai nunca se recusava ou se cansava de responder. Creio que ele sentia pena de mim e da minha triste sina e me preparou o máximo que podia para as dificuldades que eu enfrentaria durante a vida.

Tive muita sorte de ter um pai tão amoroso e livre de preconceitos ou julgamentos.

Talvez uma pessoa menos compreensiva achasse um fardo pesado demais ter uma filha como eu e tivesse me deixado em alguma esquina qualquer e, então, fugido do país.

Talvez outro pai tivesse me dado

para o circo ou mesmo para o zoológico.

Mas não meu papai, que me amava sem limites e razões. Ele amava porque amava. E, acima de tudo, amava como eu era. Isso me deu forças para crescer feliz e, mesmo não compreendendo muitas das respostas que ele dava às minhas perguntas, eu aceitava que era diferente e que sempre seria assim.

Devo isso tudo a ele.

Papai Rubens passava horas, todas as semanas, costurando vestidos, acolchoados e fazendo sandálias especiais para mim.

Como eu possuía inúmeros espinhos com espaços ínfimos entre eles, por toda a extensão da minha pele, precisava sempre me sentar e deitar sobre assentos com acolchoados especiais para não me machucar. Os espinhos que sofressem esses atritos constantes sempre ficavam achatados, até deformados, e doíam muito.

Até mesmo minhas sandálias precisavam de acolchoados, além de serem feitas com tiras muito finas e maleáveis.

Meus vestidos geralmente eram de seda e bem leves para não grudar em meu corpo.

Quando completei seis anos, papai passou a me ensinar a costurar.

Ele não se queixava do trabalho; eu mesma fiz questão de aprender. Achava divertido e me sentia útil. As horas que passávamos costurando meus vestidos eram sempre divertidas e especiais e, com o tempo, fiquei muito boa nisso.

Como minhas roupas sujavam com frequência devido ao veneno que os espinhos secretavam, eu tinha de trocá-las várias vezes ao dia, então precisava de muitos vestidos mesmo.

Costurá-los era quase como brincar de casinha e, com o tempo, se tornou um de meus passatempos preferidos.

Papai colocava alguns desenhos que eu gostava de assistir na tevê, e nós ficávamos horas costurando no sofá.

Os anos foram passando e eu fui desabrochando sem nem perceber.

Não tinha uma família grande, mas tinha o melhor pai que uma garotinha poderia querer. Não tinha amigos, mas passava horas e mais horas na companhia de linhas, agulhas, tesouras e tecidos.

Gostava de dançar na sala,

correr de encontro ao vento e tomar chuva, quando ela era calma.

Nessas ocasiões, podia sentir quase como se alguém me abraçasse.

Assistia a muitos filmes e colecionava revistas de costuras.

Gostava também de livrinhos, quebra-cabeças e jogos de tabuleiro. Quando papai estava trabalhando, eu jogava sozinha.

Também aprendi a cozinhar um pouco e gostava de cozinhar o jantar para quando papai chegasse.

Ele não me escondia do mundo. Sempre que podíamos, saíamos juntos, e os olhares estranhos às

vezes me faziam derramar algumas lágrimas. Em outras ocasiões, eu não me importava.

Os anos seguiam e minhas pétalas foram se abrindo.

Aprendi a conviver com a dor que os espinhos causavam e com a dor de ser diferente.

As páginas iniciais da minha vida foram bastante coloridas e alegres – considerando todas as dificuldades – e hoje vejo, quando leio meu próprio livro da vida, que papai me deu uma infância muito feliz.

Altruísmo é o nome disso.

Ele deixou a própria dor de lado

para me fazer feliz.

CAPÍTULO 5

Para que papai ficasse mais próximo do trabalho, passávamos a semana toda no apartamento na cidade. Aos fins de semana, subíamos a colina e íamos até o chalé.

Lá eu era ainda mais feliz.

Longe de ser vítima de tantos

olhares e sussurros que enfrentava sempre que caminhava pela cidade, ali eu andava livremente pela mata ao redor do chalé. Conheci cada pedacinho dela.

As nascentes e pequenas cachoeiras pelo caminho, as árvores mais grossas, que destoavam das demais, as trilhas e os penhascos.

O chalé era uma casinha bastante agradável, que cheirava a madeira e me fazia sentir sempre acompanhada, devido aos sons dos animais na mata.

Era melhor que os sons de buzina na cidade.

Nas noites frias, papai acendia uma pequena fogueira e nós contávamos histórias engraçadas ou líamos algum de meus livrinhos enquanto olhávamos as estrelas.

Ele nunca falava de mamãe, nem se eu perguntasse.

Dizia que já tinha falado tudo que eu precisava saber.

Havia me contado sobre sua morte e como ela me trouxera ao mundo, mas se recusava a falar sobre como ela era quando eles namoravam, por exemplo. Dizia que não conseguiria.

“Sinto muito, Kat. Podemos mudar de assunto?”

Ouvi essas palavras tantas vezes que acabei desistindo de conversar com ele sobre mamãe.

Ela permaneceu distante e indecifrável, como as estrelas que eu gostava de observar.

Mas era estranho porque, de uma forma misteriosa, eu sentia que ela estava sempre comigo, como uma tatuagem invisível.

Ela certamente deixara sua marca em mim. E era profunda e reconfortante.

Um dia, no chalé, aconteceu algo que nos aproximou um pouco.

No subsolo da pequena casa de madeira, havia um porão

empoeirado e quase vazio, não fosse por uma velha mesa de carvalho.

Papai nunca descia até ali, mas um dia eu descí e descobri mais uma companhia para meus momentos de solidão.

Giz de cera.

Numa das gavetas da mesa de carvalho havia uma caixa de giz. Alguns deles estavam bastante gastos, mas ainda bons para desenhar.

Havia também alguns desenhos e outras folhas em branco.

Quando fiz papai descer até ali para me dizer do que se tratavam,

ele disse que eram da mamãe. Ela gostava de desenhar, principalmente quando estava grávida.

– Então esses desenhos são para mim? – perguntei, chorando, sem saber exatamente por quê.

– Certamente, Kat. Eu mesmo nunca tinha visto.

Aquele foi o maior tesouro que encontrei na vida.

Colei os desenhos na parede do porão.

Era lindo de ver como em todos os desenhos havia uma menininha. Era eu, de pele lisa, como mamãe pensou que eu seria.

Sem espinhos.

Ela me desenhava sempre sorrindo e, na maioria das vezes, eu estava na mata ao redor do chalé, nos lugares que agora conhecia e amava.

Mamãe desenhava muito bem, e ela me inspirou a seguir seus passos.

Papai fez um dedal emborrachado especial, para que não me machucasse com meus espinhos enquanto estivesse desenhando e, sempre que o giz ou as folhas em branco acabavam, ele comprava mais.

Eu passava horas no porão todos

os fins de semana em que íamos para o chalé, dando continuidade aos desenhos de mamãe.

Desenhei a mim mesma e tudo que gostava de fazer no dia a dia. Era a minha forma de contar minha história a ela.

Os desenhos se tornaram o meu verdadeiro livro da vida. Um guia de como eu desabrochava, feito uma rosa cheia de espinhos.

Por falar nisso, continuei a me desenhar sempre sem espinhos.

Eu sei que mamãe me amava e aceitava como eu era, só que eu queria imitar seus desenhos, e jamais fui capaz de me retratar

como eu era de fato, mas sempre como ela havia me imaginado antes de eu nascer.

Aquele porão se tornou um cantinho especial para mim. Era quase sagrado.

Era onde eu podia falar com mamãe e lhe contar, em silêncio, como eu me sentia e como havia sido minha semana.

Nunca mostrava os desenhos ao papai, e ele nunca descia até lá.

Eu mesma limpava e arrumava o local.

Cuidei da velha mesa de carvalho como se fosse de ouro — porque ela valia muito mais que

isso para mim – e passei a pendurar meus desenhos ao lado dos da mamãe.

Aquelas paredes contavam minha história e eu esperava que, de onde estivesse, mamãe a estivesse acompanhando. O giz de cera nos unia e nos tornava uma família completa.

CAPÍTULO 6

Quando atingi idade escolar, passei a estudar em casa. Papai comprou o material e os livros necessários para minha educação primária e, sempre que chegava do trabalho, ele mesmo me dava lições.

Eu adorava aprender e fazia até

mais tarefas do que ele pedia.

Porém, com o tempo, eu quis frequentar uma escola de verdade.

Ele jamais questionou essa decisão. Eu era pequena, mas madura o suficiente para compreender que não podia tocar ninguém e que os coleguinhas, a princípio, se assustariam com meus espinhos.

Fomos a uma escola conversar com a diretora, mas ela foi tão grosseira e incompreensiva sobre minha condição que eu não quis ficar ali.

Ela deixou bem claro que eu era uma ameaça para as outras crianças

e que não importava o quanto eu estivesse ciente de que não poderia tocar ninguém, os demais alunos não estariam tão cientes assim, e inevitavelmente algum acidente aconteceria.

— E se ela estiver certa, papai? — lembro-me de ter perguntado enquanto nos dirigíamos para conhecer uma segunda escolinha.

— Ela está redondamente enganada, Kat. Existem escolas inclusivas, que atendem pessoas com necessidades especiais e que têm funcionários qualificados para lidar com todas as situações. Na verdade, você poderia frequentar

até mesmo uma escola tradicional, já que não possui dificuldades de aprendizado. Todos têm direito à educação. Não pense nem por um momento que aquela mulher tinha razão. Seu caso será um pouco mais complicado, sim, mas não é por isso que devemos desistir. Os demais alunos terão que ser alertados, todos os dias se necessário, para que jamais se esqueçam de manter a distância segura. Os professores e funcionários terão que ficar de olho. Você terá que ser responsável o suficiente para jamais se aproximar muito de outra criança.

Você sabe disso desde que aprendeu a falar. Nós não vamos desistir.

Na segunda escola, apesar de algumas ressalvas, a diretora foi mais acolhedora e aceitou me matricular.

Papai e eu saímos radiantes de lá. Compramos o material e aguardamos com ansiedade o início das aulas.

Frequentei uma semana completa.

E nunca mais voltei.

Não apenas as crianças, mas também os adultos ao meu redor jamais pararam de me dirigir

afrontas e insultos.

Teve até uma garotinha que vomitou quando me viu, e dois garotos que mudaram de colégio quando os pais souberam que eles estavam na minha turma.

Eu era madura e, no geral, uma criança alegre, mas não havia preparo suficiente no mundo que me encorajaria a conviver diariamente com tanta rejeição.

Passei quase um mês chorando todas as noites enquanto papai me consolava.

Logo voltei às aulas em casa e me contentei com a companhia dos filmes, tecidos e dos desenhos a giz

de cera.

CAPÍTULO 7

Havia dias em que meus espinhos não doíam muito. Em outros, era insuportável ser daquela forma.

Papai pesquisou e conversou com farmacêuticos na cidade e passou a comprar algumas ervas e géis, misturando-os e fazendo

pomadas que aliviavam minhas dores.

Geralmente, as pontas dos espinhos ficavam fechadas, constrictas, e só abriam e secretavam o muco venenoso se fossem tocadas. Mas sempre havia espinhos rebeldes, que se abriam sem motivo e deixavam vaziar um pouco de veneno.

Isso não apenas manchava minhas roupas e me fazia ter de trocá-las várias vezes ao dia como, quando acontecia com os espinhos do rosto, deixava minha aparência ainda mais bizarra e constrangedora.

Eu parecia um monstro.

Entrar na adolescência não é fácil para ninguém, mas foi ainda mais difícil para mim. Não tive que lidar com a acne, mas tive que enfrentar as tormentas de me olhar no espelho e sentir repulsa da própria aparência.

Eu só tinha onze anos, mas já era muito madura, e sentia cada vez mais pânico ao fixar minha imagem refletida no espelho.

Tinha cabelos muito longos e dourados, levemente ondulados. Pele clara, o que sempre me fez imaginar se minhas bochechas seriam rosadas, caso não fossem

recobertas por espinhos.

Eu era também bastante magra e até um pouco alta para minha idade.

Os espinhos em mim eram incontáveis, cobriam todo meu corpo, e aquele veneno, mucoso e esbranquiçado, tornava-me repugnante.

Quando somos crianças, geralmente não nos importamos muito com as aparências. Eu tive uma infância diferente, sim, em muitos aspectos. Contudo, apesar de estar ciente de minhas diferenças e meus problemas, nunca me sentia tão mal com a minha imagem como comecei a me sentir quando cresci.

Foi mil vezes mais difícil que na infância, antes de eu completar uma década de vida. Por volta dos onze anos, passei a ter raiva e vergonha de ser como era e a chorar no meu quarto, longe de papai, implorando a Deus que tirasse aquelas coisas horríveis do meu corpo e que me deixasse ter uma aparência normal, mesmo que apenas por um dia.

Certa tarde, quando papai chegou do trabalho, eu chorava baixinho enquanto costurava na sala.

Estava tendo um dia particularmente difícil. Alguns espinhos das costas estavam realmente doloridos e a pomada

havia aliviado muito pouco, porque eu não tinha alcançado o lugar certo para espalhá-la como deveria pelas costas.

Não queria que ele me visse chorando. Não gostava de parecer ingrata ou mesmo infeliz perto dele. Não queria parecer mais fraca do que era, pois tinha certeza de que ele me julgava mais frágil que o restante do mundo.

Eu sempre reconheci todos os esforços que ele fizera para me fazer feliz. Não seria justo deixá-lo preocupado agora.

Puxei assuntos banais, perguntando sobre seu trabalho e

até se ele queria ir comigo comprar alguns tecidos novos quando tivesse uma folga.

E então não aguentei e acabei dizendo algo que vinha pensando há um tempo:

– A mamãe foi a única pessoa que me tocou, não foi?

– Como? – ele indagou, confuso e perturbado com a pergunta.

– Ela me tocou em seu ventre, eu tive contato com ela quando estava lá.

– Sim, Kat...

– E como os médicos me tiraram de sua barriga?

– Eu não tenho muita certeza,

filha. Eu estava fora de mim quando você nasceu. Muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo. Tenho certeza de que usaram alguns instrumentos para tirá-la de lá. Os médicos e as enfermeiras não encostaram em seus espinhos. Levaram o muco para ser testado em laboratório e confirmaram que você jamais poderia ser tocada.

— Então eu estava certa, a mamãe foi a única a encostar em mim, embora eu jamais consiga me lembrar de como é ser tocada.

— Você não deveria ficar pensando nessas coisas, filha.

— Você não pensaria se estivesse

no meu lugar? – Percebendo que fui grosseira, logo emendei: – Desculpe, papai, eu não quis ofendê-lo. Estou tendo um dia ruim, só isso. Espero que o fim de semana chegue logo, quero ir até o chalé e desenhar no porão, tenho certeza de que isso vai me acalmar.

– Você está crescendo, filha, é natural que certos conflitos passem por sua cabeça. Mas não se esqueça jamais daquilo que a fazia sorrir quando pequena.

– O que era, papai?

– Viver os dias com a certeza de que você é especial, e não uma aberração.

LIVRO DA VIDA

I

As páginas do livro da vida de qualquer pessoa são para serem vividas e não escritas. Mas eu gosto sempre de pensar bastante a respeito do que aconteceu comigo durante os anos em que estive crescendo. Desabrochando.

Às vezes, tomo algumas notas, só para registrar pensamentos ou sentimentos importantes que me

fizeram mudar um pouco por dentro, mesmo que eu não percebesse na hora.

É engraçado reparar em como a vida tem momentos de luz e escuridão. Em como a tragédia e a insanidade não existem de verdade.

E tudo, *tudo* vale a pena no fim.

Existem remédios para combater a solidão. E eles são compostos por doses de mudança de pensamento, somadas a exercícios diários de mudança de atitude.

Eu era pequena, mas já começava a aprender isso aos poucos.

CAPÍTULO 8

Esta é a minha história. Ela é sobre felicidade e tristeza, porque uma não existe sem a outra.

Ela é também – e principalmente – sobre bondade.

A bondade de mamãe ao me permitir a vida. E a bondade infinita de papai ao me fazer ver

cores em um mundo que teria tudo para se tornar branco e preto para alguém como eu.

A bondade de cada pessoa com quem cruzei na rua que não me dirigiu um olhar de repulsa. E a bondade que havia em mim mesma sempre que tentava encarar o desafio de conviver com as dores diárias de ser uma menina feita de espinhos.

Cresci e desabrochei como uma rosa, solitária em um campo infinito de provações que eu jamais compreenderia por completo.

Com o tempo, o giz, os filmes, os passeios na mata e as costuras não

foram mais suficientes.

Então papai passou a me comprar bichos de pelúcia.

Nunca gostei muito de bonecas quando pequena; preferia joguinhos. Quando já estava desabrochando e sentindo cada vez mais o peso da solidão sobre meus ombros, papai começou a comprar um bicho de pelúcia por semana.

Eles enchiam meu quarto e eu podia tocá-los. Era quase perfeito demais para ser verdade.

Havia bichos de todas as espécies, cores e tamanhos. E, mesmo que meus espinhos os manchassem com veneno, eu não

me importava e tocava-os sem medo ou restrições. Dormia abraçada a muitos deles.

Havia o Tuti-Fruti, que eu chamava apenas de Tuti – o primeiro que papai me dera –, e também havia o Frederico, o Huguinho, o Barnabé, o Timóteo, o Bob, o Todinho, o Fofo, o Cotton, o Lincoln, a Sasha, a Margarida, a Rebecca, a Anisabel, a Blubel, a Lulu, o Pomerode, o Doddy, a Inês, o Leôncio, o Arthurzinho, a Amanda, a Natasha, a Sofia e muitos outros.

E havia também o Sancho Pança, um cachorrinho cor de amêndoa,

que vestia um pijama azul e uma gravata borboleta e que eu apelidara de Pancho. Ele era meu preferido e passei a dormir melhor quando o abraçava.

Mas chegou um dia em que nada disso foi suficiente, e a eterna muralha que me separava de qualquer outra pessoa do mundo me pareceu alta demais.

Eu me sentia mais e mais sozinha e não passava um dia sequer sem derramar ao menos algumas lágrimas – desde que papai não estivesse por perto.

Perguntava-me diariamente se as rosas também choravam porque

tinham espinhos.

Eu era uma rosa solitária vivendo em meio à multidão, driblando as pessoas para que nenhuma delas encostasse em mim por acidente, evitando sempre os toques e contatos, abraçando bichos de pelúcia para afastar a solidão, e tendo o giz e a costura como alívios temporários para a minha tristeza.

Mais que nunca, quando me olhava no espelho, eu me via triste. E feia.

Já havia desabrochado, faltava agora aceitar que mesmo a mais vermelha das rosas, a mais especial, jamais deixaria de ter

espinhos.

Não seria tarefa fácil.

SEGUNDO ATO

*Uma coleção de
momentos*

CAPÍTULO 9

Cada vez mais passei a me refugiar da vida, da cidade, das pessoas. Enquanto ainda era pequena e achava graça das crianças correndo de mim no parquinho, eu certamente era mais feliz.

Quando, porém, passei a me

magoar profundamente com o nojo que via estampado nas faces que me encaravam, passei a sair do apartamento apenas quando extremamente necessário.

Já tinha perdido a esperança de ter amigos, frequentar uma escola ou ter uma vida normal.

Meus melhores momentos eram quando eu e papai íamos para o chalé.

Ali, junto à natureza, em um refúgio seguro, eu me permitia caminhar sem temores pela floresta, sentir o cheiro da grama e dos pinheiros e observar os animais e riachos, que sempre ouviam meus

prantos sem questionar.

Ainda havia um pouco de infância em mim, e, nos dias em que não sentia tantas dores, eu me permitia brincar por entre as árvores e fazer piquenique com papai.

Uma vez, quando caminhávamos na mata, em um fim de semana tranquilo longe da cidade, papai respirou profundamente e me encarou.

Eu sabia que ele queria dizer algo que o incomodava.

— Eu sei que você tem chorado, Kat. Tenho percebido cada vez mais que a frequência do seu pranto

aumenta. Eu... – Ele parou de falar por um instante e observou as árvores ao nosso redor, como se precisasse ganhar coragem. Ele não queria me machucar mais do que a vida já machucava. – Eu quero saber se existe algo que eu possa fazer para que sua tristeza diminua.

– Papai, eu não...

– Por favor, Kat, não diga que você não tem chorado – ele disse, interrompendo-me suavemente. – Eu te conheço, eu percebo, e, mais que ninguém, conheço seus problemas. Eles não são poucos, Kat, você é muito corajosa.

Engoli aquelas palavras com

pesar. Tentara de todas as formas esconder minhas lágrimas de papai, mas ele estava certo: ele era a pessoa que mais me conhecia no mundo.

— Corajosa, eu? Você não acha que sou fraca por chorar? — indaguei, sentindo-me levemente envergonhada.

Mal consegui sustentar o olhar de papai.

— De forma alguma — ele respondeu. — Você não é fraca, Kat. Pelo contrário. Você é a pessoa mais forte que eu conheço.

— Mas...

— Chorar não é sinônimo de

fraqueza, querida. A gente chora justamente por ser muito forte e por estar lidando com muita coisa. A gente guarda tudo, as dores, os medos e as tristezas dentro da gente, e em alguns momentos eles transbordam na forma de lágrimas. Chorar mostra o quanto somos fortes, carregando um peso muito grande nos ombros. Os fracos logo largam o peso, não o guardam e não o sustentam e, portanto, não têm por que chorar. Você é muito forte e suas lágrimas provam isso. Eu apenas queria poder diminuir um pouquinho sua dor, carregar um pouco do peso que está sobre seus

ombros.

Claro que não aguentei e deixei que as lágrimas escorressem ali mesmo, junto de papai, no meio da floresta. As palavras dele foram tão profundas e especiais que nunca mais me esqueci delas.

Aquelas palavras também tinham muito peso e coragem, e eu aprendi que elas também eram como lágrimas.

As palavras podem ser prantos.

Eu estava aprendendo mais uma lição para preencher nas páginas do meu livro da vida.

Mais um momento especial para a minha coleção de momentos.

Papai estava certo: eu era forte.

— Eu agradeço muito, papai, e sei o quanto você se preocupa. Quero que saiba que eu também sou feliz. Sou feliz e triste, é possível isso?

— Claro que é.

— E a minha felicidade maior é ter um pai como você. Obrigada por me compreender. Não há mais nada que você possa fazer, porque você, papai, já fez tudo por mim e me deu mais do que eu merecia.

— Deve haver algo mais que a deixe feliz...

— Deve haver — falei, concordando —, mas também não sei ao certo o quê. Talvez ter amigos ou

me achar um pouco bonita. Mas essas coisas ninguém jamais poderá me dar.

– Kat, você é linda.

– Por favor, papai, não minta para mim.

– Não estou mentindo, eu jamais faria isso.

Continuamos a caminhar pela floresta em silêncio. Não havia nada mais a ser dito. Papai era maravilhoso e me compreendia e me amava, mas havia uma grande parte das minhas dores que apenas eu conhecia porque estavam muito ocultas.

Naquela semana, quando

voltamos para a cidade, mais uma vez fui chamada pelos médicos para fazer alguns exames.

Passei grande parte da minha vida em hospitais. Às vezes, sentia-me como um animal de laboratório, e me compadecia ainda mais por essa triste sina. Fui pesquisada, estudada, alvo de testes, palestras e teses de mestrado.

Mas nenhum médico ou pesquisador jamais me trouxe respostas, alívio ou qualquer tipo de tratamento.

Aquela foi a última vez que concordei em ser estudada. A medicina não poderia fazer nada

por mim, isso já era um fato há muito tempo.

Parei também de procurar por amigos, mas, no fundo, eu acreditava em um segredinho que papai compartilhara comigo há certo tempo.

Ele me dissera uma vez que havia uma garotinha que amava joaninhas sem nunca tê-las visto. E essa garotinha cujo nome jamais saberei – nem poderei dizer se ela é real – passava os dias em um jardim, cavando a terra e procurando joaninhas por entre folhas e flores. Mas as joaninhas jamais vinham.

Certo dia, ela se cansou e tirou um cochilo sobre a terra úmida do jardim e, quando acordou, havia inúmeras joaninhas sobre ela, a brincar em seus braços e a acariciar suas bochechas e cabelo.

O segredo era deixar que as coisas boas viessem até você.

Assim como aquela garotinha amava as joaninhas e as buscava sem jamais tê-las visto, eu também amava os amigos que não tinha, e esperava que, um dia, quando eu abrisse os olhos, eles me encontrassem.

Eu queria sorrir para a vida, mas em certos dias era muito difícil.

Talvez eu ainda tivesse que descobrir alguns segredos, como sorrir quando se quer chorar.

Queria um amigo, alguém que aceitasse meus espinhos. Queria uma coleção de momentos felizes para dividir.

CAPÍTULO 10

Naquela coleção de momentos que eu vivia, houve um dia em que eu quis saber mais sobre mamãe.

Papai era muito dividido sobre o que sentia em relação a falar comigo a respeito dela. Por um lado, ele sempre fez questão que eu soubesse o que acontecera no dia

em que nasci. Por outro, ele se recusara a falar sobre ela por muito tempo. Contava o necessário, mas não queria mergulhar tão profundamente nas memórias.

Nadar apenas na superfície das lembranças já parecia extremamente doloroso para ele. Quem poderia imaginar como seria afundar-se nelas?

Ele não se arriscava.

Mudava de assunto, saía do cômodo onde eu estava, respondia com palavras rápidas e certeiras e encerrava a conversa.

Porém, insisti para que ele contasse exatamente o que causara

sua morte. Sabia que ela morreria no parto, mas não sabia os detalhes, e agora que já não era tão pequena, era a hora certa de questionar.

– Foram os meus espinhos, não foram? – perguntei.

Ele respirou profundamente, como se tomasse fôlego para nadar em águas perigosas.

– Sim, foram.

– E como exatamente isso aconteceu? Foi o veneno?

– Creio que não. Aliás, deve ter sido um conjunto de tudo, Kat. Mas, pelo que sei, ela morreu porque os espinhos... perfuraram alguns de seus órgãos.

– O que isso quer dizer, papai?
Eles a cortaram por dentro?

– Sim, Kat.

Aquilo era terrível.

Papai estava dividido entre meu direito de saber a verdade e a dor que aquilo nos trazia.

– Vamos mudar de assunto, está bem? – sugeri.

Mas era tarde demais, eu já estava chorando.

Eu a havia matado. Era minha culpa.

Sabia disso, mas jamais poderia imaginar que tivesse sido tão terrível.

Ela deve ter sentido muita dor.

– Kat, por favor, não pense que foi sua culpa. Você nunca teve culpa de nada.

– Culpa de ser como sou, você quer dizer?

Não sei exatamente o motivo – foi certamente uma junção de vários deles – que me fez gritar.

Eu estava berrando com papai, e ele não me pediu para diminuir o tom. Sabia que eu precisava colocar tudo para fora.

– Eu a matei! Você devia me odiar por isso! Se não fosse por mim e por esses espinhos idiotas, ela estaria aqui!

Ninguém jamais entenderia a dor

de vir ao mundo dessa forma. Eu nasci em meio à dor da mamãe, e ela teve que partir para que eu existisse.

Papai provavelmente tinha razão. Era doloroso demais falar sobre aquilo.

CAPÍTULO 11

Comemorei meu 13º aniversário no chalé, em uma bonita tarde de sábado com papai.

Ele comprou bolo e fez milkshakes para nós. E, no fim do dia, acendeu uma fogueira, como eu gostava quando era bem pequena.

Foi um dia bastante alegre.

Desci até o porão e desenhei com giz um bolo de aniversário com treze velas, um papai, uma mamãe e uma menina sem espinhos, e pendurei o desenho junto aos demais na parede.

Naquela tarde, papai me deu a notícia de que estava se aposentando.

Eu era nova para ter um pai aposentado, pensei. Entretanto, ele já tinha a idade mais avançada que o comum quando nasci.

Assim como na história da menina e das joaninhas, mamãe só havia engravidado quando eles pararam de esperar pelo filho que

não vinha.

Aquela história tinha mais semelhanças com minha vida do que eu imaginava.

— Então isso quer dizer que vamos poder nos mudar para o chalé? — indaguei, animada. Aquele estava sendo um aniversário melhor que o previsto.

— Era sobre isso que eu queria conversar com você. Você gostaria realmente de se mudar para cá? Quero dizer, o chalé é bastante isolado...

— Papai — eu o interrompi, antes que concluísse aquele pensamento —, eu vivo isolada na cidade, e,

acredite, a sensação é muito pior. Aqui, poderei andar na mata todos os dias e desenhar no porão. Continuarei meus estudos em casa, e tenho certeza de que o contato com a natureza vai me deixar mais animada. Além disso, há algumas fazendas na redondeza, e talvez as pessoas que vivem por aqui não tenham tanto preconceito quanto na cidade. Quem sabe eu não encontro algum amigo? Alguém que também aprecie a floresta? Seria maravilhoso!

Ele refletiu por alguns momentos, absorvendo meus argumentos. Interrompi seu pensamento, pois

tinha uma pergunta importante:

— Claro que não quero ser egoísta. Tudo depende do que você também quer, papai. Você gostaria de viver no chalé?

— Está brincando? Eu iria amar! Este lugar é especial para mim, assim como é pra você, assim como sempre foi para sua mãe.

Sabia que aquilo era verdade. Várias vezes ele me dissera o quanto minha mãe amava aquela casinha de madeira. Nós estaríamos ainda mais perto dela caso nos mudássemos de vez para o chalé.

— Então está decidido — ele disse. — Em alguns meses, quando

eu me aposentar, nos mudaremos para cá.

Assim, a minha contagem regressiva começou.

O importante é sempre ter um horizonte para mirar, para caminhar em sua direção. Meu horizonte, naquele momento, era a mudança para o chalé. Mal podia esperar para acordar todos os dias naquele pequeno paraíso.

Aquela seria a primeira de muitas mudanças pelas quais eu esperava sem saber.

CAPÍTULO 12

Mais uma vez, eu estava no apartamento lavando o Pancho.

Aquele cachorrinho lindo de pelúcia, que já me acompanhava há um bom tempo e que eu podia abraçar sem medo, já estava um tanto gasto. Eu tinha de lavá-lo com frequência, pois ele sempre

acordava sujo de veneno, assim como vários outros dos bichinhos que eu abraçava para dormir.

Porém, Sancho Pança, o Pancho, era especial, e eu cuidava dele com carinho para que os anos não o tirassem de mim.

Daquela vez, contudo, era diferente.

Eu lavava meus bichinhos e meus vestidos, preparando-me para a mudança definitiva para o chalé.

Faltava um mês exato para que papai se aposentasse e nós pudéssemos nos mudar, e eu já havia começado a fazer os preparativos.

Aos fins de semana, subíamos para o chalé e começávamos a arrumar a decoração.

Meus bichinhos de pelúcia iriam todos e ficariam no meu quarto, como no apartamento.

Limpei o porão mais uma vez, onde coloquei alguns vasos de flores, agora que ficaria lá com mais frequência. Rosas vermelhas, minhas preferidas, nas quais eu sempre me via. Elas também eram feitas de pétalas e espinhos.

Podiam perfumar e ferir.

Faltando algumas semanas para a grande mudança, papai foi caminhar na região para ver se alguém

precisava de um funcionário.

Ele estava aposentado da profissão de engenheiro na cidade, mas jamais ficaria completamente sem trabalhar.

Algum emprego de meio período, perto das colinas do chalé, seria o ideal.

Acabou sendo contratado em uma pequena loja de produtos para animais, que ficava na estradinha de terra que saía do chalé, e atendia os criadores e fazendeiros da região, além de vender produtos para campistas e escoteiros que também frequentavam as redondezas.

Tudo estava dando certo e o destino parecia conspirar para que nossa mudança fosse perfeita e a nova vida nos trouxesse alegrias.

Logo, começamos a levar todos os nossos pertences e arrumá-los da forma como queríamos no chalé.

Não apenas os bichinhos de pelúcia e o porão de desenhos estavam como eu queria, mas também preparei um cantinho de costura na sala, para continuar a fazer meus vestidos e acolchoados. Também arrumei uma estante com os livros de que eu e papai mais gostávamos.

Mais do que nunca, aquela

casinha de madeira numa pequena clareira rodeada por floresta estava parecendo um lar.

Mamãe teria adorado nos ver tão animados com a vida por ali.

LIVRO DA VIDA

II

Momentos felizes são necessários em qualquer existência. Eles são como o céu.

As nuvens se movimentam, ora deixando-o limpo e cintilante, ora tornando-o escuro, carregado e até

perturbador.

Nossos olhos são nosso céu. Eles podem sorrir, até mais que os lábios, mas também podem fazer chover.

E chover. E chover.

Uma chuva que vem da alma.

Naquele momento, porém, as mudanças eram bem-vindas e meus olhos sorriam, repuxando os espinhos que os contornavam.

Era tão estranho ser feliz.

Desculpe, eu precisava anotar isso, porque quase cheguei a me sentir mal por me sentir bem.

CAPÍTULO 13

As primeiras semanas que passamos após a mudança definitiva para o chalé foram bastante agradáveis, como o previsto.

Papai gostava de seu novo emprego, e eu aproveitava para caminhar ao ar livre com uma

frequência muito maior do que na cidade, onde me sentira prisioneira, mesmo rodeada por tantas pessoas.

Prisioneira do preconceito.

Certa tarde, resolvi tomar uma direção que ainda não tinha tentado durante minhas caminhadas.

Afastei-me da floresta e de suas trilhas, contornei a mata e caminhei por uma das estradinhas de terra que levaria para algumas fazendas.

O sol brilhava forte no alto, e o vento manso me abraçava, dançando e sibilando por entre meus espinhos, como se eles fossem um labirinto a ser percorrido.

A estradinha de terra, estreita e sinuosa, parecia não levar a nenhum lugar de fato.

Ao longe, eu via algumas vacas e pequenas casas, mas não cruzei com ninguém no caminho.

Nem sequer um veículo passou por mim.

Pelo menos não até aquele momento.

Sentei-me sob a sombra de uma árvore solitária que margeava a estrada. Abri meu cantil, tomei um bom gole de água e sequei o suor que escorria por entre os espinhos da minha testa.

Estava com a respiração ofegante

da caminhada, e resolvi esperar um pouco para pegar o caminho de volta até o chalé.

O silêncio daquele canto do mundo era quase assustador, mas me assustei ainda mais ao ouvir o som de passos na grama alta e gravetos estalando.

Com o coração acelerando, notei que alguém estava bem próximo de mim, provavelmente do outro lado do tronco da mesma árvore sob a qual eu descansava.

Sentindo uma mistura de medo e agitação, perguntei:

– Quem está aí?

Uma voz sapeca, de menino,

imitou-me do outro lado do tronco:

– *Quem está aí?*

– Isso não tem graça – falei, embora já começasse a rir.

– *Isso não tem graça.*

– Por que você não aparece?

– *Por que você não aparece?*

Meu imitador gargalhava, então resolvi surpreendê-lo.

Levantei-me e circulei a árvore, como se estivesse brincando de pega-pega.

Ele fugiu de mim, rindo cada vez mais alto.

– Ei! – gritei.

– *Ei!* – ele me imitou novamente.

Demos umas três voltas correndo

ao redor da árvore, até que ele caiu no chão e continuou a rir sem parar.

— Minha vez! — falou, querendo começar a me perseguir.

— Espere! — eu disse, impedindo-o de recomeçar a brincadeira. — Você pode correr atrás de mim, mas não pode me tocar.

— Está bem — ele respondeu, dando de ombros.

Foi a primeira chance que tive de reparar naquele menino.

Ele era bastante baixinho e gorducho. Sua pele era lisa, sem espinho algum, e seus olhos eram pretos, assim como os cabelos curtos. Aliás, notei que seus olhos

eram bem miúdos.

Tinha uma cara engraçada, de criança sapeca, e não parava de sorrir.

— Está pronta? — ele perguntou, querendo brincar de pega-pega mais uma vez.

— Você... você não estranhou minha aparência? Meus espinhos?

— Por que eu estranharia?

Eu não tinha resposta para aquela pergunta. As pessoas sempre estranharam, ou melhor, temeram e repudiaram minha aparência, mas eu não sabia o motivo exato daquilo.

Aparentemente, aquele menino

não se importava com meus espinhos. Não apenas porque ele disse, mas porque vi em seus olhos.

Quando olhei bem dentro de seu olhar, não senti nenhum tipo de preconceito ou julgamento. Ele só queria brincar.

— Você mora aqui perto? — perguntei.

— Acho que sim, porque eu cheguei rapidinho até esta árvore, onde você estava.

— Isso não faz muito sentido — falei, rindo novamente.

Então ele começou a correr atrás de mim. Não apenas ao redor da árvore, mas pela grama que ladeava

a estrada e também pela própria estradinha de terra.

Mesmo sem poder me tocar, nós corremos um atrás do outro até cansarmos, parando às vezes para descansar um pouco.

Todas as vezes que nossos olhos se cruzavam era muito bonito, porque abríamos um sorriso ao mesmo tempo, sem nem perceber, e eu ficava me perguntando se aquilo era a amizade. Eu me sentia bem ao lado dele e não conseguia parar de rir.

Pensando bem, aquilo era a amizade sim.

CAPÍTULO 14

– Sou Kat, a propósito – falei, quando paramos um pouco de brincar e nos sentamos na grama.

– Sou Mica.

– Você tem... muitos amigos, Mica?

– Não tenho nenhum, e você?

– Também não. E quantos anos

você tem?

– Doze, apesar de eu ser pequeno e todo mundo pensar que tenho só dez.

Eu ri daquilo. Não porque fosse muito engraçado, mas porque o Mica tinha uma voz e um jeito de falar que eram realmente engraçados. E também porque, se ele não tinha nenhum outro amigo, talvez quisesse brincar comigo mais vezes.

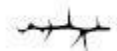
– Tenho treze – falei – mas papai diz que sou muito madura para minha idade.

Continuamos a brincar pela estradinha, e então adentramos a

floresta. Quando nos aproximamos do chalé, eu disse para ele que logo meu pai voltaria do trabalho e que ficaria preocupado caso não me encontrasse em casa.

Ele não se despediu, apenas saiu correndo após dizer que estaria sob a mesma árvore no dia seguinte, caso eu quisesse brincar.

Entrei no chalé radiante, tendo a certeza de que uma joaninha havia me encontrado quando eu finalmente parara de cavar o jardim à sua procura.



No dia seguinte, e no outro, e no dia depois desse encontrei Mica sob a árvore à beira da estrada para brincarmos.

Apesar de termos quase a mesma idade, eu o via como um irmão mais novo, e nós ríamos e nos divertíamos durante todas as tardes que passávamos juntos.

Contei a papai sobre ele, deixando-o muito feliz com a minha perspectiva de ter um amigo, alguém para brincar e passar o tempo, e, acima de tudo, alguém que me aceitava sem julgar ou temer meus espinhos.

Em nenhuma das vezes em que

brincamos juntos, Mica jamais me direcionou um olhar de preconceito ou nojo. Pelo contrário, ele parecia realmente gostar da minha presença.

Corríamos pelas estradas de terra que margeavam a mata e também por entre as árvores da floresta. Ele pegava cigarras com as mãos e nós imitávamos o seu canto, assim como os sons de outros bichos.

Vez ou outra, papai deixava uma cesta preparada antes de sair para o trabalho na loja de animais, para que eu levasse quando fosse encontrar Mica naquela tarde e

pudéssemos fazer um piquenique.

Papai pediu para eu levar meu amigo até o chalé para que ele o conhecesse, mas Mica sempre arrumava desculpas e saía correndo em direção à estradinha e às fazendas. Com o tempo, papai disse que não tinha problema, já que Mica era tímido; o importante era que eu tivesse um bom amigo com quem brincar durante algumas horas do dia.

E isso eu tinha, de fato.

Aquele garotinho rechonchudo e sapeca, de riso fácil e olhos miúdos, se tornava um grande amigo a cada dia e eu mal podia me

lembrar como a vida era cinzenta quando se está mergulhada na solidão.

CAPÍTULO 15

– Do que você mais gosta no mundo? – Mica me perguntou um dia, quando estávamos descansando à beira de um riacho na floresta após apostarmos corrida por entre os pinheiros.

– Muitas coisas. Gosto do vento e da chuva mansa que me abraçam,

assim como meus bichinhos de pelúcia, os únicos que posso tocar sem medo de ferir. Gosto da floresta, do chalé e da clareira. Também amo giz de cera e passar horas desenhando no porão ou apenas olhando para os desenhos que minha mãe fazia.

Respirei fundo e continuei:

— Gosto de costurar e também dos vestidos de seda que faço, jogar jogos de tabuleiro com papai e ler, e também conversar com ele à beira da fogueira. Gosto de rosas vermelhas, que têm espinhos como eu. Amo meu pai e minha mãe, que nem conheci.

– *Uau!* – ele falou. – Foi uma resposta bastante completa. Eu gosto de batatas.

– Batatas?

– Sim. Quando eu era pequeno, por causa do formato redondo do meu rosto, eu me olhava no espelho e dizia à mamãe que me parecia com uma batata, então acabava me lembrando de que batatas são realmente gostosas e pedia para que as cozinhasse no almoço. Eu comia batata quase todos os dias, e de todas as formas possíveis. Eu nunca tive um amigo para me dar apelidos, mas se tivesse, gostaria que ele me chamasse de Batatinha.

– Eu posso chamá-lo de Batatinha.

– Não precisa – ele disse, dando de ombros –, já faz tempo... eu meio que parei de comer batatas, mas ainda gosto muito delas.

– Você é uma figura.

– O que isso quer dizer?

– Não sei – respondi –, ouvi o papai dizendo isso uma vez sobre um garoto em um seriado e acho que o comentário se aplicaria a você também.

– Obrigado.

– Também vi um seriado uma vez que disse que as pessoas se tornam amigas de verdade quando sabem

coisas particulares, como a cor preferida uma da outra.

– Legal! A minha é azul, e a sua?

– Verde, porque quando encontrei a primeira caixa de giz que tive na vida, e que pertenceu à mamãe, o giz verde era o menor, o que significa que era o que ela mais usava e, portanto, sua cor favorita.

De repente, escutei um barulho baixinho e abafado, mas inconfundível. Logo, Mica começou a gargalhar.

– Ei! Você soltou um pum! – falei.

– Eu também vi alguém falar na tevê que nos tornamos amigos de

verdade quando não temos vergonha de soltar pum na frente da pessoa.

Dizendo isso, ele se levantou e saiu correndo mais uma vez.

Corri atrás dele, com a barriga doendo de tanto rir.

Saímos da floresta e percorremos algumas estradinhas, em uma direção que ainda não havíamos explorado.

A grama que ladeava as estradas era mais densa naqueles lados e, como já entardecia e o sol começaria a se pôr em breve, um vento suave balançava as folhas e bagunçava meus cabelos enquanto

eu corria junto de meu amigo.

De repente, sem aviso prévio, Mica parou de correr.

– Você disse que gosta de rosas vermelhas? – ele me perguntou.

– Sim.

– Então é quase como se você tivesse encontrado o gênio da lâmpada.

Direcionei meu olhar para o mesmo lado que Mica fitava sem piscar.

Meus olhos se maravilharam com o que viram.

Era um roseiral, repleto apenas de rosas vermelhas. Parecia como um mar de rosas, pois elas se

perdiam de vista.

Eram altas, com cabos cheios de espinhos e pétalas vermelhas como sangue vivo. Quase assustadoras de tão lindas.

Incontáveis flores, em incontáveis fileiras. Era um pequeno paraíso.

Acompanhada por Mica, cruzei os portões de ferro daquele local mágico – já se encontravam abertos – e percorri os caminhos entre as fileiras de rosas, tocando algumas pétalas e alguns espinhos, e sorrindo sem perceber.

Havia algumas pessoas no local. Umas estavam trabalhando com as

flores, outras, aparentemente, estavam comprando-as. Mas o roseiral era grande demais e ninguém se importou com nossa presença.

Fomos para um canto afastado dos clientes e trabalhadores e, então, eu e Mica corremos por entre as flores, brincando e nos escondendo um do outro.

Quando o sol se pôs no horizonte, sentamos em um cantinho, onde havia rosas bastante altas mesmo, ao redor de um monte de grama bem aparada, formando quase uma pequena praça dentro do roseiral, e observamos a tarde dar

lugar ao início da noite.

A vista daquele lugar era esplêndida e eu me senti abençoada por estar vivendo um momento tão lindo, em um local onde meus espinhos eram normais.

Aquele era um momento especial para minha coleção.

Eu quase podia me sentir bonita em meio às rosas.

TERCEIRO ATO

*Escondido no canto da
alma*

CAPÍTULO 16

O mundo desabava lá fora.

Por sorte, era um sábado, e papai não tinha que ir trabalhar, assim como eu não tinha marcado de ir brincar com o Mica. A tempestade chegara sem avisar e nos deixara completamente enclausurados no chalé o dia todo.

Sempre que olhava através do vidro da janelinha da sala, eu me assustava com a força da água e do vento.

Certamente não era como as chuvas mansas que eu gostava de tomar às vezes para me sentir abraçada; aquela tempestade era a própria força da natureza e eu quase temi que ela derrubasse nosso chalé.

Alguns trovões até me fizeram pular de susto quando ecoaram na clareira.

Papai fez chá, enrolamo-nos em cobertores na sala e ficamos lendo por algumas horas. Às vezes, eu

tinha de erguer bastante o tom de voz para que ele ouvisse minha leitura com o barulho da chuva.

Era uma tempestade inesperada para aquela época do ano, e acabara com meus planos de passear pela mata com papai.

Ao longe, bem longe, quase como um sussurro do vento, ouvi um barulho que nada tinha a ver com a tempestade.

– Você ouviu isso, papai?

– Isso o quê, Kat?

– Esse barulho...

– A chuva está muito forte.

– Não estou me referindo à chuva, papai, parece que alguém

está chamando, bem ao longe.

— É impossível, filha. Vamos seguir com a leitura.

Li mais dois parágrafos e fechei o livro sobre meu colo. Definitivamente meus ouvidos captavam algo além da tempestade.

Saí do bolo de cobertores no qual me enfiara e caminhei até a janela.

Contra todas as probabilidades, havia algo lá fora, perto de nossa velha caixa de correio, alguns metros à frente do chalé.

Ele lutava para ficar em pé, mas seu corpo tremia, como se fosse desabar a qualquer momento.

Abri a porta de madeira sem pensar.

– Kat! Onde você vai? *Kat!!!*

Não dei ouvidos aos gritos de papai, tampouco consegui sair do chalé com aquele vendaval.

Tornei a fechar a porta e recostei-me nela, tomando coragem para fazer o que tinha de ser feito.

– O que está acontecendo? – meu pai perguntou, levantando-se do sofá.

– Papai, você precisa me ajudar. Nós temos que resgatar aquele cavalo. Ele claramente veio até nós buscando ajuda!

– Mas...

– Ele vai morrer se não fizermos nada, papai!

Dizendo isso, já completamente entregue ao desespero, tornei a abrir a porta do chalé e saí correndo em meio à chuva forte.

Aquela água não me fazia sentir abraçada. Pelo contrário. Era como se eu estivesse sendo esmurrada seguidamente.

Mesmo assim, sorri ao aproximar-me daquele cavalinho e, mais ainda, ao notar que papai me seguia.

CAPÍTULO 17

Não sei ao certo o que nos deu forças naquele dia, em meio a uma tempestade tão arrebatadora, nem sei o que deu forças àquele cavalo para chegar até nós.

Mas ele chegou buscando ajuda e eu jamais poderia deixá-lo desamparado.

Comecei a chamá-lo e a indicar que me seguisse, enquanto papai o conduzia, amparando-o.

Suas últimas forças foram suficientes para levá-lo até o chalé.

Não tínhamos um celeiro, mas havia um quartinho nos fundos que sempre estava vazio, por onde entramos com o animal. Com uma pequena reforma, aquele poderia ser um celeiro improvisado para nosso novo amigo.

Eu sentia uma simpatia tão grande por ele que já imaginava que ele chegara para ficar.

– Calma, Kat, ele pode ter dono. Pode ter apenas se perdido com

medo da chuva.

Não importava.

Tudo o que eu queria saber naquele momento era que ele estava dentro de um quarto protegido e que o pior já passara.

— Você conseguiu — eu disse inúmeras vezes.

Ele parecia bastante fraco, devido ao esforço tremendo que fizera para sobreviver.

Corri para me secar e trocar de roupa, pois estava completamente encharcada, e voltei com toalhas, além de um secador de cabelos. Passei quase uma hora secando e aquecendo o cavalinho, com

cuidado para que ele não encostasse em meus espinhos. Papai preparou um mingau para ele.

Não tínhamos comida adequada, pois fomos pegos totalmente desprevenidos pela situação, mas lhe oferecemos algumas cenouras, que ele comeu rapidamente, junto com mingau e um balde de água.

Alimentado, quase seco e abrigado, ele adormeceu.

Velei seu sono por muito tempo, admirada com sua beleza.

Queria tanto poder tocá-lo, alisar sua pelagem.

Ele era castanho, com a crina e a cauda bem longas e negras, e

parecia ter saído de uma revista de criadores de cavalos, de tão lindo que era.

Quando a tempestade finalmente diminuiu, liguei o computador e pesquisei o máximo que pude a respeito da criação de cavalos, sem dar ouvidos quando papai disse que talvez ele não pudesse ficar conosco.

— A mamãe sempre quis animais, você me disse uma vez — argumentei.

— É verdade, isso a animou bastante quando compramos o chalé. Mas acabamos não tendo tempo de construir um celeiro ou

um estábulo, nem mesmo um galinheiro. Nunca tivemos as criações que ela tanto queria.

– Pois bem – falei, decidida –, começaremos com o Joaquim.

– Joaquim? Não me diga que você já deu nome ao cavalo?

– Claro que dei. E eu realmente espero que o Joaquim fique conosco por muito tempo. Ele me olhou daquela mesma forma que você me olha, e o Mica também. O Joaquim também possui inocência no olhar quando me vê. Ele é livre de preconceitos e isso, papai, é melhor que qualquer um dos abraços que jamais receberei.

CAPÍTULO 18

Papai perguntou na loja de animais onde trabalhava e em algumas fazendas da região. Apesar de a tempestade do sábado ter causado estragos na região, principalmente para alguns fazendeiros, ninguém dera falta de um cavalinho marrom.

Sem ter para onde levá-lo ou o que fazer com ele, meu pai teve de concordar que o melhor seria realmente mantê-lo conosco.

Fizemos as pequenas reformas no quartinho dos fundos para deixá-lo mais confortável para Joaquim, e concordamos em mantê-lo solto o máximo possível na clareira, para que ele pastasse e caminhasse.

Papai trouxe alimentação adequada e até mesmo feno e, uma semana após sua chegada, Joaquim já estava completamente adaptado, e parecia realmente gostar de sua nova vida conosco.

Passei a dividir meu tempo entre

papai, Mica, as costuras e os desenhos, os estudos e as lições, algumas tarefas da casa, e Joaquim, a quem eu acompanhava por passeios na clareira todos os dias.

Continuava a brincar com Mica algumas tardes da semana, e agora oficialmente a pequena pracinha no meio do roseiral, aquele cantinho rodeado por rosas altas, passara a ser o nosso cantinho, onde nos sentávamos para conversar, tomar um lanche ou para que meu amigo contasse suas piadas estranhas, que quase me matavam de rir.

A vida após nossa mudança definitiva para o chalé ia muito

bem. Menos pessoas me viam, e os poucos habitantes da região já estavam acostumados com minha aparência.

Papai se preocupava um pouco, pois dizia que não queria que eu me refugiasse do mundo. Mas desde que fiz amizade com Mica e passei a caminhar ao lado de Joaquim e também a frequentar o roseiral, suas preocupações diminuíram.

Todas as manhãs, assim que levantava da cama, enrolada em meus bichos de pelúcia, ia direto dar bom-dia a Joaquim e alimentá-lo. Nem precisava sair do chalé para isso; bastava cruzar a pequena

casinha de madeira na qual vivíamos e entrar no quarto dos fundos, o quarto improvisado e reformado de Joaquim, que sempre me esperava no mesmo horário.

Minha nova rotina após a chegada de Joaquim tornou-se ainda mais divertida, e às vezes eu até me esquecia dos espinhos e da muralha que eles representavam.

Os espinhos não haviam sido suficientes para impedir que coisas boas acontecessem, para impedir que pessoas boas me amassem, como papai e Mica, ou mesmo para impedir que eu ganhasse um afeto tão especial quanto o de Joaquim.

Em certos dias, eu sentia que era mais forte que os espinhos.

Durante as semanas que se seguiram, iniciei um projeto especial de costura, com a ajuda de papai, que me trouxe todo o material necessário: por cima de uma sela de cavalo, costurei um acolchoado grande o suficiente para que nenhuma parte de minhas pernas tivesse contato com Joaquim.

Eu queria andar nele. Era leve o suficiente para que ele me carregasse, e tinha certeza de que seria um tipo de contato especial, um que eu jamais tivera na vida.

Foi um projeto difícil de concluir, mas sem dúvidas valeu a pena.

Sempre que montava em meu cavaleiro, sentia-me no topo do mundo, e adorava cavalgar pela floresta com ele.

Joaquim também adorava e parecia me agradecer ao final de cada passeio.

— Você veio até mim, Joaquim, em busca de ajuda, em um momento extremamente difícil. Qualquer pessoa que o tivesse visto naquela tempestade diria que você não sobreviveria. Mas um milagre aconteceu naquele dia, e agora que

você faz parte da minha vida, eu me pergunto se você foi um anjo que caiu do céu, com aquela chuva, para me ajudar. Sua companhia alegra meus dias, e tenho certeza de que tudo o que faz por mim é infinitamente maior que tudo que jamais farei por você.

Ele sempre me fitava e prestava atenção em cada palavra que eu dizia. Parecia me compreender como ninguém.

Era quase como se ele lesse meus pensamentos, como se conseguisse olhar dentro da minha alma.

Eu amava Joaquim, e, quanto

mais passei a amar – papai, mamãe, Mica e meu cavalinho –, mais me senti forte.

As lágrimas, antes abundantes, secaram até que finalmente deixaram de cair.

Parei de chorar por ser quem era e como era. E parei de chorar pelos espinhos.

Era hora de aceitá-los, ou, ao menos, começar a tentar.

Ainda não amava-os, mas começava a sentir um barulhinho dentro de mim, escondido no canto da alma. Era o amor por mim mesma.

Esse amor começava a querer

ver a superfície, agora que eu
abriria meu coração para diferentes
tipos de amor.

CAPÍTULO 19

Eu havia finalmente descoberto que, quanto mais se ama, mais há espaço para amar. Estava começando a amar a vida e queria amar cada vez mais.

Do alto da colina onde ficava nosso chalé, passei a observar a cidade ao longe.

As casas, os prédios, as inúmeras construções... Parecia uma cidadezinha feita de Lego quando vista assim do alto, de longe.

Nunca tinha imaginado que isso aconteceria, mas, de alguma forma, eu sentia falta daquele lugar.

Não tinha me dado conta até agora, mas sentia um pouco de saudades dos sons da cidade, das pessoas, da vida agitada.

Não estava pensando em voltar a viver lá. Longe disso.

Eu amava mesmo minha vida no chalé, e jamais optaria por viver em meio a tantos olhares de

repugnância; porém, sentimentos são sempre complicados. É quase como se nunca estivéssemos satisfeitos. Eu queria dar um passeio pela cidade, em meio às pessoas, mesmo que me lançassem olhares de repulsa. Eu pensava estar pronta para enfrentar aquilo tudo.

A vista da cidade ao longe me atraía quase de forma mística. Era quase como se eu desejasse fazer algo proibido. Algo que eu mesma me proibira de querer.

Mas eu precisava ir. Ao menos uma vez.

Talvez Mica quisesse ir comigo,

ou mesmo papai.

Mica.

Pensei em meu amigo com carinho. Ainda não o havia visto naquele dia.

Seria legal andar com ele nas ruas da cidade e, quem sabe, entrar em uma loja de brinquedos, ou melhor, de doces.

Fitando a cidade, pensei que o impossível havia acontecido.

Eu fizera um amigo.

Alguém que me aceitava e que gostava da minha companhia além de papai, claro.

Antes, eu pensava que jamais teria um amigo sequer.

Lembrando-me de todas as vezes que tinha chorado de solidão, mesmo quando vivia rodeada pelas pessoas da cidade, perguntei-me se Mica seria realmente o único amigo que eu teria ou se mais alguém entraria em minha vida.

Como havia cada vez mais espaço para o amor e para a amizade em meu peito, eu queria que mais pessoas entrassem.

Queria conhecer novas pessoas e dividir momentos e risadas.

Olhando para a cidade ao longe, foi impossível não me questionar se ali, dentro de algum prédio ou caminhando por alguma ruazinha,

não estaria esse alguém especial,
que também me aceitaria como sou,
com todos os espinhos.

CAPÍTULO 20

— Filha, você se lembra de quando era bem pequena e eu conheci pela internet os pais de um garotinho que também tinha espinhos?

Eu e papai estávamos sentados ao redor de uma fogueira que ele acendera em um canto da clareira.

Era uma noite bonita e Joaquim nos fazia companhia enquanto comíamos algumas salsichas.

– Não me lembro muito bem disso, papai. Como você disse, eu era pequena na ocasião. Por que pergunta isso agora?

– Eu perdi contato com os pais dele. Estava pensando nisso recentemente. Lembro que os encontrei devido a um artigo de um jornal online da Europa, quando pesquisava sobre seus espinhos. Chegamos a conversar até por câmera, via Skype, e também a trocar e-mails. Era sempre interessante dividir experiências

com eles, já que possuíam um filho quase da mesma idade que você e com o mesmo distúrbio epidérmico. Só que o menino desenvolveu os espinhos nos primeiros meses após o nascimento, portanto, a mãe sobreviveu o parto.

— Eu lembro vagamente, papai. Sei que você queria que eu os visse na câmara.

— Sim, mas você nunca quis. Era pequena e tímida. Foi uma pena ter perdido contato com eles, gostaria de saber como vai o garotinho, agora que já deve ser jovem, como você.

— Espero que ele tenha a mesma

sorte que eu de ter pessoas que me aceitam como sou.

– Tenho certeza que ele tem. Seus pais eram muito amáveis e faziam de tudo para que ele fosse feliz. Chegamos a trocar vários e-mails a respeito do dia a dia de nossos filhos e das dificuldades de criar uma criança com espinhos pelo corpo.

– Se você ainda tivesse contato com eles, poderíamos marcar uma viagem, para que eles nos visitassem e passassem um tempo no chalé. Seria legal conhecer alguém como eu, fazer mais um amigo. Afinal de contas, ele

certamente não teria preconceitos.

— Sim, mas eles nunca mais me responderam, de modo que se tornou impossível convidá-los para virem nos visitar. Eu nem mesmo me recordo do nome da cidade onde vivem, só sei que fica bem distante daqui, no leste da Europa.

Com dor no coração ao pensar que eu poderia ter mais um amigo e, acima de tudo, conhecer alguém que partilhava das mesmas angústias e provações que eu, deitei-me na grama e mudei de assunto. Não queria estragar aquela noite junto a papai e Joaquim, na qual a vida parecia ter brilho, como as estrelas

que fitava; um brilho capaz de
embelezar qualquer escuridão,
qualquer noite fria.

Comi mais uma salsicha.

LIVRO DA VIDA

III

Além de meu amigo Mica, quem quer que fosse entrar na minha vida para me fazer companhia – se é que essa pessoa existia – já estava atrasado.

Poderia ser ilusão.

Provavelmente mais ninguém se aproximaria de mim, já que eu precisava manter sempre a distância segura.

Mas as pessoas e as relações são sempre tão frágeis e imprevisíveis.

De qualquer modo, eu estava cansada de esperar.

Se a ilusão nunca se tornasse algo real, eu talvez me quebrasse em milhares de cacos de solidão.

Ou talvez já estivesse quebrada, mas ainda fizesse questão de insistir no contrário.

Um vaso remendado se quebra mais fácil que um intacto.

E eu passara a vida toda, desde

que nasci, colando meus cacos.

CAPÍTULO 21

– Tenho algo escondido no canto da alma – falei para o Mica naquela tarde, enquanto brincávamos no roseiral.

– Eu nem sabia que alma tinha canto.

– É claro que isso é uma metáfora, né?!

– Metáfora?

– Deixa pra lá, Mica, você não entende.

– Mesmo assim quero saber o que você escondeu no seu *canto da alma*.

– O amor que sinto pelas pessoas, mas que não posso demonstrar com um abraço. O amor por mim mesma, que até pouco tempo atrás não pensava que seria possível sentir.

– Isso é estranho – ele disse, sem compreender a mensagem que eu tentava transmitir.

– Não tem problema se você não entende, Mica. Talvez eu tenha lido

livros demais e passado muito tempo caminhando pela floresta pensando na vida. Ou talvez eu tenha passado muito tempo olhando para a cidade ao longe e tenha esperanças de um dia voltar a caminhar naquelas ruas. Mas o importante é que tenho encontrado coisas boas escondidas em mim, enquanto posso apostar que muitas pessoas guardam coisas ruins, como inveja, pessimismo e tudo o que há de feio.

Respirei fundo e continuei:

— Eu mostro o que tenho de mais feio. Meus espinhos, na superfície da minha pele. Então, deixei o que

tenho de mais bonito escondido lá dentro.

– Se estava escondido, que bom que você encontrou.

– Não é tarefa fácil vasculhar a alma.

– Eu nem sei muito bem o que isso quer dizer, então aposto que é difícil pra caramba – Mica falou, pensativo. – Ah, e só pra constar, eu não acho você feia.

– Não?

– Não. Você é minha amiga, então como posso pensar que não é bonita? Além do mais, você é legal e gosta de brincar de corrida, então acho que isso deixa você muito

bonita.

Rindo do ponto de vista de meu amigo, aproveitei para sair correndo mais uma vez por entre as flores.

Nadei naquele mar vermelho de rosas que me fazia sentir em casa, e fui direto para a floresta que rodeava o chalé.

Quando me aproximei de casa, vi que Joaquim estava sozinho na clareira. Papai já havia saído para trabalhar na loja de animais.

— Venha conhecer meu cavaleiro!
— pedi a Mica.

Assim, nos aproximamos de Joaquim. Fui buscar minha sela

especial, e tanto eu quanto Mica pudemos nos divertir naquela tarde junto do meu outro amigo, um que tinha quatro patas e que, assim como eu, já enfrentara as próprias tempestades na vida.

CAPÍTULO 22

Eu era, agora, uma constante dualidade.

E isso era um bom sinal.

Se antes costumava me refugiar no apartamento, com medo dos olhares das pessoas da cidade, agora gostava de caminhar todos os dias. Ainda assim, fazia-o apenas

porque, no fundo, sabia que encontraria poucas pessoas pelo caminho. Começava lentamente a querer descer as colinas e ver o mundo de perto.

Às vezes, só às vezes.

Tinha dias em que não me incomodava tanto quando me olhava no espelho, afinal de contas, havia quem gostasse de mim daquele jeito: papai, Mica, Joaquim.

Em outros dias, contudo, eu ainda me achava horrenda. Uma aberração, um monstro. E me questionava por que eu, dentre tantas e tantas pessoas no mundo,

nascera daquela forma.

Dias felizes.

Dias tristes.

Dias mais ou menos.

Talvez isso acontecesse também com as pessoas que não tinham espinhos, mas que tinham outros problemas, e isso fazia com que eu não fosse tão estranha assim.

Dessa forma, a dualidade, a beleza e a feiura de ser quem sou foram dominando meus dias e tingindo-os com cores diferentes.

Uns dias eram coloridos e alegres; outros, cinzentos e sem brilho.

As cores eram variadas, como os

tecidos que eu gostava de usar para fazer meus vestidos e sandálias, ou como eram minhas caixas de giz, ou ainda meus bichos de pelúcia. Cada um de uma cor. Cada um lindo e feio, dependendo da forma como se olhava.

Tinha momentos em que me sentia realmente bem, e queria sorrir, caminhar, brincar, pintar, conversar com papai à beira de uma fogueira, correr com Mica pelo roseiral, passear com Joaquim pela clareira.

Em outros momentos, eu ainda sentia a dor dos espinhos e tinha de aplicar pomadas que me aliviassem

e me permitissem seguir vivendo.

E havia noites em que o barulho da mata ao redor do chalé me acalmava e me fazia dormir tranquila. Em outras noites, eu me sentia tão sozinha que atirava meus bichinhos de pelúcia pelo quarto, longe de mim, pois seus abraços não mais me aqueciam ou confortavam — porque jamais substituiriam abraços reais.

Queria descobrir mais sobre o amor que cultivava escondidinho, no canto da minha alma. Aquele amor estranho, que eu mesma não conhecia muito bem.

O que mais eu teria guardado

ali?

Com quem mais poderia dividir tantos sentimentos que ainda desconhecia?

Eu era agora uma adolescente. Queria sair do casulo e conhecer a vida e o mundo, sempre tão distantes do meu toque. Eu afastara tudo, com medo de ferir as pessoas com meu veneno, e agora queria e não queria recuperar tudo aquilo.

Não era fácil.

Não era bom.

E também não era completamente ruim.

Era minha vida. Feita de espinhos e pétalas.

Apenas segui vivendo.

QUARTO ATO

O espelho

CAPÍTULO 23

Pela primeira vez eu havia me perdido na floresta.

Tinha pegado uma trilha desconhecida, e depois outra, e talvez escolhido o lado errado em uma de suas bifurcações.

Caminhara muito e podia sentir a respiração um pouco ofegante e o

suor a escorrer por entre meus espinhos, como se eles também percorressem trilhas estreitas e sinuosas.

Mas isso não era de todo ruim.

Claro que eu precisaria encontrar o caminho de volta para o chalé. Mas ainda era cedo, e eu poderia aproveitar para explorar aquela região desconhecida.

Continuei a caminhada, sempre parando para tomar um pouco de água do cantil ou até mesmo para comer uma barra de cereais.

Diverti-me com a vegetação daqueles lados, mais alta e rara, e as árvores, mais espaçadas e com

troncos bem grossos.

Havia flores rasteiras, geralmente amarelas ou roxas, e elas tornavam o caminho um tapete de cores, repleto também de abelhas e até algumas borboletas.

Eu podia ouvir o chiado de um riacho pela mata. Precisava encontrá-lo para encher mais uma vez meu cantil, já quase seco.

Seguindo o som da água e a umidade do solo, após algumas voltas (provavelmente andei em círculos), em cerca de dez minutos finalmente cheguei ao riacho.

Era um rio bem estreito e cristalino e o mais assustador:

havia alguém à sua margem, colhendo algumas das flores coloridas e pequeninas.

– Mica? – indaguei, assustada com a presença de meu amigo naquele local.

– Olá, Kat, que surpresa! Não sabia que você viria até aqui hoje.

– Na verdade, eu nunca vim até aqui. Ainda não conhecia esta parte da floresta. Mas confesso que estou muito surpresa por você estar aqui. Quando chegou?

– Não sei ao certo, mas faz pouco tempo. Segui as flores do chão, elas são bem engraçadinhas.

– Bom, não importa como você

chegou aqui, estou feliz que esteja comigo. Você pode me fazer companhia e depois me mostrar o caminho de volta.

— Sem problemas — ele disse, ainda colhendo algumas flores. — Você reparou nessas pétalas? Elas são pequeninas, mas se você olhar de perto, vai ver que têm formatos engraçados. Algumas pétalas até se parecem com animais. Veja esta, parece um pato!

Ele estendeu uma florzinha roxa em minha direção, e fiquei surpresa ao constatar que ele tinha razão. Uma daquelas pétalas parecia ter o formato de um pato.

Achando graça daquilo, abaixei-me em meio às flores e comecei a reparar no formato de suas pétalas.

— Veja! — falei. — Essa aqui parece um urso!

Continuamos a brincar com as flores por bastante tempo, até que pensei que fosse uma boa ideia pegar o caminho de volta, já que poderia demorar um pouco para voltarmos para a trilha do chalé, e eu não queria que papai chegasse do trabalho e ficasse preocupado com a minha demora.

— Como você se perdeu? — Mica perguntou, enquanto caminhávamos lado a lado, com os braços cheios

de flores engraçadas.

– Não sei ao certo, acho que estava distraída.

– É o que eu imaginei.

– Como assim, Mica?

– Para se perder basta estar no caminho certo.

– Acho que você tem razão – respondi. – Eu li em um livro, uma vez, que a escuridão só existe por causa da luz, porque ela é exatamente a ausência da luz. Então, penso que seja o mesmo princípio.

– Mas neste caso, você não encontrou escuridão no caminho errado, encontrou plantas

engraçadas, um riacho para encher seu cantil e eu para te acompanhar.

— Às vezes o certo surge do errado, então. Eu acho... — falei, tentando compreender o que tudo aquilo significava.

— Já não estou entendendo mais nada — ele deu de ombros.

Dando risada, resolvi mudar o rumo da conversa:

— Que pena que estará entardecendo quando chegarmos ao chalé. Eu não fui ao roseiral hoje, estou com saudades do nosso cantinho e das rosas.

— Também estou, podemos brincar lá amanhã.

— As rosas são muito especiais para mim. Eu geralmente não me sinto muito bem quando me olho no espelho. Minha aparência às vezes causa repulsa até em mim mesma. Mas gosto do novo espelho que as rosas representam para mim.

— Por que você está falando coisas tão complicadas hoje? — Mica perguntou, encarando-me com olhar confuso. Ele tinha razão, eu estava bastante pensativa; talvez fora isso que me fizera pegar o caminho errado mais cedo.

— Não sei — respondi —, mas já faz dias que tenho a sensação de estar olhando para um espelho

sempre que chego ao roseiral. São incontáveis rosas vermelhas, altas e cheias de espinhos, com pétalas lisas, perfumadas, dispostas em fileiras e mais fileiras a se perderem de vista. Elas são tão enigmáticas para mim, mas me fazem sentir um pouco mais compreendida.

Continuamos a caminhar e, quando eu estava chegando bem perto da clareira do chalé, virei-me para esperar Mica. Ele estava em silêncio há alguns minutos e provavelmente ficara um pouco para trás na caminhada.

Porém, ele não estava mais por

lá. Havia sumido.

Eu me encontrava completamente sozinha na floresta e sabia apenas que aquela tarde mágica havia sido real porque ainda carregava as flores com pétalas coloridas e engraçadas nos braços. Era quase como se eu carregasse pequenos ursos e patos.

O tipo de coisa que apenas o Mica podia me ensinar a fazer.

Ver além do óbvio.

CAPÍTULO 24

Foi no roseiral que a vi pela primeira vez.

Uma menina que eu quis ter como amiga desde que nossos caminhos se cruzaram por entre as flores.

Mica estava distraído em nosso velho cantinho, brincando com algumas rosas, e eu caminhava sem

rumo, naquela trilha ladeada por flores e espinhos que formavam meu espelho, quando me deparei com uma garota.

Ela parecia ter minha idade e, assim como eu, possuía cabelos dourados, mas os meus eram longos e ondulados, e os dela eram curtos e lisos, com uma franja bastante engraçada. De forma geral, éramos bastante parecidas, se não fossem os meus espinhos.

Eu sempre quis ter uma melhor amiga. Alguém para dividir meus segredos e com quem pudesse passar a madrugada toda fofocando sobre os meninos de quem

gostávamos.

No entanto, esse sonho nunca se realizaria.

Primeiro, porque eu jamais teria “meninos” na minha vida. Nunca poderia me apaixonar, já que nenhum deles jamais poderia me tocar ou ao menos se aproximar o bastante.

Segundo, porque, assim que olhei dentro dos olhos daquela menina, eu soube que – ao contrário do que eu sonhava – não seríamos amigas.

Ela me olhou com o mais profundo desprezo, com o mais feroz dos nojos e com a mais dolorida rejeição. Era como se eu

fosse um monstro, e o olhar dela me fez voltar a ter aquela sensação horrível que me perseguira por tanto tempo: a sensação de que seria melhor se eu não tivesse nascido, porque eu tornava o mundo mais feio.

— Lolita! — Escutei alguém chamar, então a garota se virou e saiu correndo.

Era esse o seu nome. Lolita.

Logo em seguida, ouvi alguns dos funcionários comentando que ela e a mãe eram muito ricas e haviam acabado de se mudar para uma enorme mansão colonial naquelas colinas.

Elas tinham ido buscar rosas para decorar a nova casa.

Lolita não me dirigiu uma palavra sequer, mas seu olhar foi além. Ele disse tudo e mais um pouco e fez meu peito doer.

Seus olhos jamais permitiriam que fôssemos amigas; eles me repugnavam, odiavam e até mesmo me temiam.

Vi vários sentimentos lá dentro, mas nenhum deles era algo próximo da amizade.

Voltei correndo para o cantinho onde brincava com Mica.

Sem perceber, tinha algumas lágrimas nos olhos, mas ele não fez

muitas perguntas a respeito. Só queria saber de brincar.

Mais do que nunca, agradei aos céus pela presença de Mica em minha vida. Por ter alguém com quem brincar e conversar, sem me sentir diminuída nem por um momento sequer.

Lolita me fizera sentir tão pequena.

As pessoas que me amavam de verdade, como o papai e o Mica, faziam-me sentir enorme.

Brinquei com Mica durante todas as horas daquela tarde e me senti do tamanho do mundo todo.

Era um mundo vermelho, como

um mar vermelho de rosas. Os espinhos eram parte do cenário. Nada poderia tirá-los de lá, mesmo que doessem. E eles doíam muito, e atraíam olhares e julgamentos que doíam ainda mais.

Ainda assim, ignorei as dores e brinquei com meu amigo.

Eu era feliz por ter alguém especial a quem chamar de amigo.

CAPÍTULO 25

Várias foram as vezes que Lolita e sua mãe voltaram para buscar rosas. Ela me atraía sempre que aparecia no roseiral. Eu a seguia, sem deixar que ela me visse, escondendo-me no meio das rosas altas, embrenhando-me em seus espinhos.

Lolita tinha algo que eu queria muito e jamais iria poder ter: uma pele lisa e perfeita.

Nós éramos tão parecidas e tão diferentes.

E havia uma parte de mim que queria ser como ela. Somente por um dia. Saber como era ganhar um abraço ou mesmo apertar a mão de alguém. Descobrir qual a sensação que percorre seu corpo quando alguém que você ama lhe dá um beijo na testa.

Mesmo tomando cuidado para que Lolita não me visse enquanto eu vigiava seus passos pelo roseiral, posso apostar que ela sabia que eu

estava ali.

Talvez sentisse minha presença.

Em alguns momentos, reparei que ela olhou com os cantos dos olhos para a direção onde eu me escondia, e até soltou pequenos risos de deboche. Tingiu a face com suas melhores expressões de desafio.

Aquilo havia virado nossa rotina.

Assim que chegava ao roseiral, Lolita afastava-se da mãe e andava sem rumo por entre as flores. Logo eu também me afastava de Mica, seguindo-a e vigiando-a.

Contava seus passos e pensava por que ela tivera tanta sorte de

nascer daquele jeito. Tão normal.

Nossa relação silenciosa era como um veneno para mim, tão perigoso quanto aquele secretado por meus espinhos.

Eu queria me aproximar daquela garota, talvez ainda desejasse secretamente ser sua amiga, ou talvez apenas quisesse ser como ela. Ser *ela*.

Era como se Lolita fosse capaz de despertar coisas ruins de dentro de mim, vestígios sombrios de inveja e indignação, que me consumiam lentamente sempre que ela aparecia no roseiral e que faziam eu me sentir suja.

Ao mesmo tempo, ela estava sempre do outro lado do meu espelho.

Era a imagem que sempre quis ver de mim mesma e que nunca veria.

Ela era eu, em meus mais profundos e contidos desejos.

Se, por um lado, ela me fazia sentir-me suja devido aos sentimentos mesquinhos que despertava em mim, por outro, ela também me dava momentos raros de paz, de uma forma que ninguém nunca conseguira. Ela me fazia ver, por efêmeros e ilusórios instantes, uma imagem bonita refletida num

espelho vermelho.

Uma imagem de mim mesma sem
espinhos.

LIVRO DA VIDA

IV

Existe um lugar quieto e estrelado dentro de cada um de nós.

Construído em meio às sombras e luzes, recoberto por névoa densa. Nesse local, há uma lua distante, que às vezes conseguimos quase

alcançar com as mãos, mesmo estando tão longe.

Lá, todos os sentimentos são criados. Eles nascem e vivem ali, e o reflexo desses sentimentos está fora de nós. Na pele, nos sorrisos e olhares, nos gestos e nas palavras.

Somos um espelho de tudo que cultivamos nesse lugar.

Para encontrar alguns desses sentimentos, às vezes precisamos de um pouco de ajuda.

Tem gente que faz surgir em nossa superfície sentimentos realmente muito difíceis de serem encontrados. Alguns deles estão mais distantes que a nossa lua.

As pessoas que cruzaram meu caminho me ajudaram a encontrar coisas escondidas em mim. Amizade. Inveja. Vontade de sorrir.

Para o bem e para o mal, tudo está lá dentro.

Eu queria poder saber um pouco mais sobre isso tudo, porque já não tenho certeza se isso faz sentido.

CAPÍTULO 26

Os ponteiros do relógio e as folhas do calendário se dissolviam no tempo, e os dias iam e vinham, num ciclo sem fim.

Pode parecer estranho, mas cada vez mais eu passava a ter noção do tempo. À medida que amadurecia, eu ia absorvendo a ideia de que

cada lágrima derramada me roubava um momento que não voltaria nunca.

Por mais que quisesse me sentir bem, mais que nunca, com o avanço do tempo, eu sentia que faltava algo.

Meu aniversário de dezesseis anos estava próximo e eu tinha decidido que me daria um presente. Justamente aquele em que vinha pensando há um tempo, e que talvez me levasse a experiências que completariam meus vazios.

Passei cerca de duas semanas costurando um vestido especial para aquela ocasião.

Escolhera um lindo tecido lilás e uma faixa de fita azul-turquesa, sandálias prateadas e um brilho rosado para os lábios, já que eles eram a única parte da minha face onde eu podia aplicar um pouco de maquiagem, a única parte sem espinhos.

Estava desenhando bastante nos últimos tempos.

Fazia desenhos a giz e os colava nas paredes do porão, de mim e Mica brincando na mata e segurando plantas do formato de animais, ou cercados por animais reais.

Também desenhava Joaquim e

alguns dos passeios que dávamos pela clareira. E papai em volta de uma fogueira prestando atenção às minhas leituras.

Desenhava Lolita quase do mesmo jeito que eu me desenhava, por entre as rosas vermelhas. Mas fazia questão de que seus olhos sempre lembrassem fogo em brasa, enquanto os meus eram sempre medrosos.

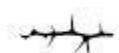
Eu continuava a não ter espinho algum naqueles desenhos. Jamais. Ali, na minha criação, eu era como queria ser.

Até que chegou um período que interrompi temporariamente os

desenhos, e até mesmo diminuí o tempo que passava com Mica.

Nas duas semanas que antecederam meu décimo sexto aniversário, dediquei-me completamente a fazer a sandália perfeita e o vestido perfeito para o grande presente de aniversário que daria a mim mesma.

Eu iria, após tantos anos, descer as colinas e andar nas ruas da cidade.



Eu e Mica já não brincávamos muito. Ainda passávamos bastante

tempo juntos, mas como estávamos mais maduros, costumávamos fazer caminhadas na floresta ou no roseiral, ou mesmo nas estradinhas próximas às fazendas, conversando sobre a vida e nossos sonhos.

Um fato um pouco estranho era que Mica não parecia ter mudado muito com o tempo. Eu havia crescido e adquirido trejeitos de moças da minha idade; já meu amigo continuava exatamente o mesmo, tanto na aparência quanto no seu jeito de criança. Mas ele ainda era bem novo, teria muito tempo para amadurecer em todos os aspectos.

Fiz questão de dizer a ele que, naquele ano, comemoraria meu aniversário sozinha.

Nos anos anteriores, papai sempre fazia um bolo no chalé e, após deixá-lo cantar a música de aniversário, eu pegava dois grandes pedaços e ia comer junto de Mica no topo de alguma colina.

Neste ano, porém, isso não aconteceria. Eu disse a Mica que precisava fazer algo por mim. Algo que já devia ter feito há muito tempo.

Tive a mesma conversa com papai.

Ele disse que não haveria

problemas, desde que eu concordasse em deixá-lo fazer um bolo na noite anterior para comermos juntos. E, principalmente, desde que tivesse certeza de que não iria me machucar.

— Você sabe o quanto eu quero que você saia um pouco deste chalé e volte a visitar a cidade, filha — ele me disse —, mas tenha cuidado para não deixar que os olhares e cochichos das pessoas, quando você passar por elas, machuquem-na neste dia especial.

Ele tinha razão em ter aqueles receios, afinal, eu não caminhava

em meio a uma multidão de pessoas há um bom tempo.

Porém, havia tomado minha decisão. Eu precisava daquilo e decidira assumir os riscos.

Era chegada a hora de parar de me esconder na toca.

Conforme combinamos, papai fez um bolinho na noite anterior, cantou a música de aniversário, como gostava de fazer, e me deu um bonito presente: um urso gigante de pelúcia, para eu abraçar ao dormir. E fui dormir mais agitada que nunca.

Demorei horas para conseguir pegar no sono. Tive sonhos

entrecortados e perturbados e rolei na cama, tamanha era a ansiedade para o dia que estava por vir.

Quando abri os olhos pela manhã, no dia oficial do meu aniversário, senti-me feliz com minha decisão. Estava pronta para descer até a cidade e deixar que as pessoas me vissem e me conhecessem.

Esse era meu maior desejo. Vê-las e conhecê-las.

Pulei da cama e coloquei o vestido e a sandália que tinha preparado para essa data especial.

CAPÍTULO 27

Os ares ali não eram tão limpos como aqueles que circulavam pelas colinas e arredores do chalé. Os sons eram bem diferentes dos da floresta.

Mal podia se ouvir o sussurro do vento na cidade.

Pessoas iam e vinham pelas ruas

e a sensação de efemeridade da vida era ainda maior ali, com tantas pessoas ao meu redor, cada uma delas atrasada para um compromisso. Tanto a se fazer em tão poucos instantes. O tempo ali voava rápido e impiedoso.

Aqueles que cruzaram meu caminho tinham isso estampado em suas expressões. Era quase como se estivesse escrito em suas faces: “Desculpe. Agora não posso. Tenho muito a fazer”.

E, de alguma forma estranha, eu sentia falta daquilo.

Amava a vida calma do chalé, a proximidade da floresta e do

roseiral. Os sons e cheiros daquele lugar. O fato de ver poucas pessoas em meu dia a dia. Mas agora, na cidade, podia perceber que eu sentia falta de ver tanta gente e de sentir a urgência da vida correndo por entre elas. Era algo com o qual eu não queria conviver em meu dia a dia, mas que seria bem-vindo em meu “passeio/presente de aniversário para mim mesma”.

O lado ruim era que, como eu e papai tínhamos previsto, os olhares ainda estavam ali.

Alguns, de fato, estavam muito ocupados para me dirigirem mais que um vislumbre. Outros, porém,

revelavam-se tão assustados com minha aparência que quase se esqueciam da própria vida e da pressa e me julgavam, temendo-me imediatamente.

Respirei fundo e continuei a caminhar de cabeça erguida.

Eu não tinha ido até ali para abaixar a cabeça e deixar que me vencessem.

Andando sempre a uma distância segura das pessoas para que ninguém esbarrasse em meus espinhos venenosos por acidente, eu me deslocava vagarosamente, tentando aproveitar o momento e o presente que era estar de volta ali,

em meio a tantas pessoas, quando já tivera por muito tempo – e em alguns níveis, continuava tendo – a solidão como fiel acompanhante.

Caminhei por algumas calçadas e parques. Peguei o trem.

Comprei um sorvete e o saboreei à sombra de um toldo de loja. Depois, entrei na loja e fiquei olhando para as roupas.

Blusas coladas e calças jeans. Coisas que eu jamais poderia usar, mas que eram tão bonitas aos meus olhos.

Claro, não toquei em nada para evitar sujar as roupas de veneno.

Foi ali que os olhares, de fato,

incomodaram-me pela primeira vez no passeio.

Duas atendentes da loja não tiraram os olhos de mim e não pararam de sussurrar uma com a outra, enquanto me dirigiam expressões de desgosto. Elas queriam que eu saísse.

Talvez estivessem mesmo preocupadas que eu sujasse ou rasgasse, sem querer, as roupas à venda na loja. Ou talvez temessem que eu fosse espantar seus clientes.

Só sei que saí do estabelecimento antes do que eu desejava. Queria ter dado uma boa olhada naquelas calças jeans.

Sempre sonhei em vestir uma delas.

Um pouco menos animada, continuei a caminhar.

E os olhares foram pesando cada vez mais.

Senti que meus ombros tinham caído, tamanha era a força com que eram puxados para baixo pelo julgamento das pessoas.

O preconceito sempre fora um peso que eu tivera que carregar sobre os ombros. E ele era mais pesado que o próprio mundo.

Na loja, eu havia perdido a primeira batalha daquele dia. E outras viriam ainda, conforme eu continuava a circular. Estava

decidida a não perder a guerra, mas o desânimo começava a se alojar em meu peito e a fincar ali suas raízes com ferocidade.

Era quase como se uma erva daninha me consumisse por dentro, com seus braços envolvendo-me, como se eu fosse a única coisa que havia no mundo para se agarrarem.

Apertei o passo.

Já não aproveitava o passeio.

Queria subir de volta correndo para o chalé.

Cada vez mais ouvia os cochichos a meu respeito. Era como se, antes, quando eu ainda estava decidida a fazer daquele um

passaio feliz independente de qualquer julgamento, meus ouvidos estivessem fechados para o que diziam a meu respeito.

Mas, a cada batalha perdida – na loja e, posteriormente, pelo caminho –, meus ouvidos se abriam mais e mais para as críticas. E elas me feriam profundamente.

Ouvi coisas como:

Monstro.

Aberração.

Esconda as crianças.

Será contagioso?

Chame os bombeiros.

Ligue para o pessoal da tevê ou

do jornal, eles não vão querer perder essa manchete.

Aquilo é uma menina?

Será vítima de algum teste radioativo?

Atravesse para a outra calçada. Imediatamente.

Senti minha respiração começar a ofegar, o nervosismo me consumia.

Eu não me lembrava de que as pessoas podiam ser tão cruéis. Se lembrasse, jamais teria ido até aquele lugar.

Fora uma péssima ideia.

E não apenas as batalhas todas

estavam sendo perdidas, como eu claramente já perdera a guerra toda. Não conseguiria caminhar sem me importar com o que diziam e com a forma como me olhavam.

Vi tudo naqueles olhares, exceto compreensão.

Comecei a ter medo. De verdade.

As pessoas pareciam notar que estavam me acuando e que eu andava, agora, esgueirando-me pelas beiradas das calçadas, com os ombros e os olhos baixos.

Se tinha decido até ali de cabeça erguida, agora já não conseguia encarar ninguém.

Tentei puxar da memória as

vezes em que caminhei pela cidade quando ainda vivia ali.

Eu ainda era uma criança, e, por mais que doesse ser julgada naquela situação, as pessoas pareciam ser menos agressivas comigo quando eu era pequena. Ou talvez eu ainda tivesse uma boa dose de inocência para me sentir dessa forma.

Sem contar que raramente eu saía sozinha do apartamento onde eu vivera com papai. Ele geralmente estava comigo e, provavelmente, isso garantia algum tipo de proteção.

Desta vez, contudo, eu estava

sozinha. Tinha ido até ali por livre e espontânea vontade.

E era meu aniversário!

Sentia tanta raiva de mim mesma por ter me colocado naquela situação. Sentia raiva daquele vestido idiota, que eu fizera com um carinho tão iludido.

Quando me dei conta, estava ouvindo gritos estridentes pela rua, indo e vindo, e ecoando sem parar.

Eles vinham de mim.

Eu estava encolhida em um canto da calçada, soluçando e gritando, pedindo às pessoas que parassem.

Eles já haviam ganhado a guerra. Eu perdera tudo, principalmente

minha dignidade, e só queria ir embora dali, mas não conseguia continuar andando com tanto peso sobre os ombros.

O que mais queriam de mim?

Por que me odiavam tanto?

Seria porque eu era diferente?

Era como uma ameaça, uma afronta ou apenas tinha uma aparência que não conseguiam compreender?

As pessoas, sentindo que tinham me acuado completamente, aproximaram-se de mim como se eu estivesse em uma exposição. Algumas tiraram fotos. Outras gritaram ou riram. A maioria me ofendeu.

Palavras de insulto ecoaram cada vez mais estridentemente em meus ouvidos e chegaram até o peito.

Solucei cada vez mais alto.

Cada palavra preconceituosa era como uma flecha que me dilacerava e me marcava para sempre. E doía bem lá no fundo, onde a lâmina alcançava.

Eu já tinha tantas cicatrizes da vida na alma... Mas nada se comparava à dor daquelas novas feridas, que queimavam e congelavam coisas dentro de mim. Tingiam tudo de negro e afastavam a luz de vez.

E faziam sangrar.

Meu veneno jamais seria tão letal quanto aquelas palavras e xingamentos que agora me invadiam.

Antes que eles realmente chamassem os bombeiros ou a imprensa, tentei recobrar um pouco de forças nas pernas para sair correndo dali.

Estaria a salvo se conseguisse chegar ao chalé.

Cambaleando, levantei-me.

Ainda precisava escorar-me na parede ao meu lado para me manter de pé.

Continuava sem coragem para encarar as pessoas, que agora me

rodeavam na calçada. Eu precisava de ajuda para sair dali, mas sabia que ninguém me ajudaria a chegar a salvo em casa.

Por alguns minutos, continuei apoiando-me na parede que me sustentava, esperando que minha respiração deixasse de estar tão ofegante e que eu pudesse voltar a caminhar e me afastar daquelas pessoas, na direção das colinas que rodeavam a cidade.

Conforme tentei mover as pernas e dar pequenos passos, os insultos aumentaram:

Onde você pensa que vai,

aberração?

Ei, esquisita, seu lugar é no hospício.

De qual circo de horrores você fugiu?

Não entendo como alguém como você possa existir. Isso não deveria ser permitido.

Filho, tampe já os olhos! Espere a mamãe ali atrás do carro, vou tirar uma foto daquele ser para mostrar ao papai.

Aquilo são espinhos?

Você foi criada em laboratório?

Será o fim dos tempos?!

Chame a polícia, ou melhor, chame um padre!

Finalmente, com o corpo todo tremendo, senti que algo tinha estourado dentro de mim.

Meus limites.

Olhei com raiva para aquelas pessoas e as desafiei, com meus olhos, a continuarem me insultando.

Foi nesse momento que a primeira pedra me atingiu.

CAPÍTULO 28

Não vi a direção de onde ela viera.

Depois da primeira, mais algumas se seguiram.

Eram pedras médias e pequenas, daquelas que se encontra em alguns cantos da rua.

Ainda assim, eram fortes o

suficiente para me ferir.

Eu estava sendo apedrejada publicamente. Nem em meus maiores pesadelos pude imaginar que aquilo aconteceria.

Perdi a repentina coragem que tivera ao encarar aquelas pessoas. Elas estavam armadas com palavras e pedras – literalmente. Eu não tinha chance alguma.

Concentrei-me em sair daquele lugar.

Estava encostada em uma parede qualquer, e, conforme pude notar, aquilo era uma esquina, que ficava próxima à rua de paralelepípedos do bairro onde fui criada.

Se eu virasse aquela esquina e corresse por algumas quadras, estaria quase no pé da pequena colina onde ficava o chalé.

Depois disso, provavelmente estaria sozinha no caminho de volta para casa. Longe dos olhares, insultos e pedras, e poderia levar o tempo que fosse recobrando forças e subindo até meu lar.

Papai. Mica. Joaquim.

Meus amores pareciam tão distantes e impossíveis agora.

Mais que nunca, eu sabia que era indigna de ser amada por alguém.

Refiz mentalmente o trajeto que deveria percorrer até o pé da

colina, e coloquei-me a andar.

Os insultos me perseguiram.

Os gritos e xingamentos. As risadas de deboche. As exclamações de indignação por eu existir.

Mais algumas pedras me atingiram, conforme alguns de meus perseguidores as encontraram pelo caminho.

Senti que realmente estava ferida. Alguns espinhos das minhas costas tinham sido acertados e deviam estar quebrados ou amassados, e eu sentia que algo quente escorria em direção à minha cintura. Era sangue e veneno.

Mais do que nunca, eu parecia um monstro.

Andei o mais rápido que pude. Não conseguia correr, mas continuei a me afastar daquelas pessoas.

Algumas foram desistindo de me perseguir pelo caminho, e voltaram a seus afazeres e vidas agitadas.

Eu havia sido uma distração passageira. Suas vidas continuariam da mesma forma que estavam algumas horas atrás.

A minha vida, não. Ela havia mudado para sempre. Eu podia perceber que não era e nunca mais seria a mesma. Algo muito

doloroso se rompera dentro de mim.

Contudo, não tinha tempo para pensar naquilo profundamente, agora. Precisava continuar a andar.

Alguns perseguidores persistentes me seguiam e se divertiam às minhas custas.

Eu era praticamente um circo a céu aberto para eles.

Mais uma pedra.

E eu finalmente corri.

Volte para cá, animal! Vai se esconder na sua toca?

Isso, fuja! Antes que você contamine nossos filhos!

*Pai nosso que estás no céu,
afastai de nós essa criatura dos
infernos...*

Senti um leve impulso de forças nas pernas, gerado pela raiva e pelo medo, e corri as quadras que faltavam após virar aquela esquina.

A esquina onde tudo mudara.

As colinas nunca me pareceram tão distantes ou tão altas.

Não sei dizer como cheguei até elas ou mesmo como comecei a subi-las.

E sem que eu desse conta, os insultos haviam silenciado. Não havia mais pedras sendo

arremessadas em minha direção, embora os ferimentos latejassem pelo meu corpo e sangrassem, manchando o vestido de seda especial. Assim como manchavam toda a minha vida e meus sonhos.

Meus agressores tinham ficado para trás, lá na cidade, eu conseguira tomar o caminho de volta para casa.

Subi lentamente, conforme minhas forças permitiam, e segui arfando sem parar até a colina que levava à clareira do chalé.

Escorei-me em árvores pelo caminho e deixei-me cair em algumas de suas sombras diversas

vezes.

Levei muito tempo para conseguir subir.

Porém, quando cheguei lá em cima, sem coragem de olhar para trás e ver a cidade estender-se impiedosa lá embaixo, não tive coragem de ir para casa.

Não suportaria que papai me visse naquele momento de extrema derrota.

Já no alto da colina, embrenhei-me na mata e corri para o único lugar onde poderia encontrar algum tipo de consolo naquele momento.

Porque aquele lugar era exatamente como minha imagem

refletida e, talvez, ele me abraçasse
com suas pétalas e me beijasse com
seus espinhos.

Corri para o roseiral.

CAPÍTULO 29

Mica não estava no roseiral.

Provavelmente, sabendo que eu não iria aparecer, ele não fora para o nosso cantinho naquele dia.

Melhor assim.

Para ser honesta, não queria nem que papai, nem que Mica me vissem naquele momento. Estava

envergonhada demais.

Andei abaixada por entre as flores, pois não queria ser notada nem mesmo pelos funcionários do local, que, por sorte, era grande o suficiente para que eu passasse despercebida.

Escondi-me junto às flores e fiquei tremendo e chorando por muito tempo, enquanto envolvia meus joelhos e escondia meu rosto do mundo.

Minha vergonha se expandira e agora eu me sentia envergonhada por estar viva.

O sol iria se pôr em breve. Esse era o pior aniversário que uma

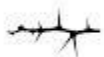
peessoa poderia ter. Eu sentia como se não houvesse mais chão. Estava caindo e caindo. Minha vida, de repente, se tornara um poço sem fim.

Exausta de chorar, acabei adormecendo em meio às rosas.

Meus espinhos se fundiram aos espinhos delas.

E o vermelho do meu sangue e das feridas caudas pelas pedras que me foram atiradas se fundiu ao vermelho das pétalas.

Mais que nunca, aquele local era meu espelho.



— Errou o caminho para o zoológico?

Abri os olhos, assustada.

Repentinamente, fora trazida do meu breve cochilo no roseiral de volta à realidade da minha vida — e era pior que o pior dos pesadelos.

Olhei assustada ao redor, tentando recuperar o foco de minha visão.

O céu começava a escurecer. Eu devia ter dormido, no máximo, meia hora.

Meu corpo todo doía e minha

cabeça latejava, tentando negar que as lembranças daquele dia fossem reais.

– É lá que você vive, não é? No zoológico? Pelo menos, é isso que estão dizendo na cidade.

Sacudi a cabeça, tentando entender se aquela voz que debochava de mim estava presente na realidade ou se era um eco dos sonhos que eu tivera no breve cochilo.

Não seria possível... será que algum de meus perseguidores me seguiu até o roseiral? O que seria de minha vida?

De repente, uma pessoa se

aproximou.

Primeiramente, vi seus sapatos, que me deram a certeza de que havia, de fato, alguém falando comigo.

Então, ergui o olhar e instantaneamente comecei a tremer ao ver quem ali se encontrava.

– Aliás, todos lá na cidade estão confusos quanto ao local onde você vive. Eu disse que deve ser no zoológico, mas que a soltam para caminhar no roseiral às vezes. Alguns discordaram, afirmando que você fugiu de um circo ou manicômio. Você poderia me tirar essa dúvida, menina feita de

espinhos?

Essas palavras vinham de Lolita.

A menina que eu já quis ter como amiga um dia. Que segui por entre as roseiras tantas vezes. Ela sabia o que havia acontecido. E, acima de tudo, ela concordava com aquelas pessoas.

— Você... *viu*? — Não sei por que fiz essa pergunta. Ela claramente havia visto meu apedrejamento. Mas eu mal conseguia raciocinar ou articular as palavras naquele momento.

— Sim. Não atirei pedras, mas observei tudo, foi realmente divertido. Por sorte eu estava

fazendo compras com mamãe naquele momento, então pude ver o show. Parabéns, você ficou muito famosa.

– Famosa? – perguntei em baixo tom.

– Não no bom sentido, é claro. Mas agora você é a personagem principal das histórias que os pais da cidade vão contar para seus filhos. “O monstro recoberto por espinhos que vive escondido na floresta”. Serão histórias assustadoras.

Não respondi e não tive coragem de voltar a encará-la. Fitei a terra sobre a qual eu me sentava.

O pior de tudo era saber que ela estava certa.

Lolita continuou a dizer em tom de deboche:

– Sabe, eu contei para as pessoas que já te vi aqui nas colinas. E elas quiseram saber tudo sobre você. Eu vou até aparecer no jornal! Ainda bem que mamãe comprou uma base nova para que me maquiar, pois surgiu uma espinha na minha cara ontem. Pelo menos é só uma e logo ela vai desaparecer... *Ops*. Eu disse algo ofensivo?

Ela entortou o pescoço para trás, gargalhando em alto som.

– Não se preocupe – falou, ainda

rindo –, tirei algumas fotos de você enquanto dormia e vou garantir que você ganhe a primeira página. Eu não sou egoísta, não vou ficar com toda a fama.

– Você não tinha esse direito! – Sem perceber, eu tinha levantado do chão.

Meu corpo todo tremia compulsivamente e eu mal podia me controlar. Aproximei-me de Lolita. Ela se assustou e recuou um passo, mas estava claramente se divertindo com aquilo tudo.

Suja de sangue e terra, eu deveria estar realmente parecendo um monstro.

– Sabe meus espinhos? – berrei para Lolita. – Eles secretam veneno!

– Eles o quê?

– Um veneno que pode ser fatal.

– Quando dei essa informação, estava próxima o suficiente para tocá-la.

Bastava que eu estendesse uma mão para feri-la. Talvez não morresse – os médicos sempre falaram que isso apenas aconteceria em casos graves. Porém, no mínimo, isso causaria reações e lesões em seu corpo. E eu queria feri-la.

Queria ferir todas as pessoas que

me olharam de forma esquisita, insultaram e apedrejaram. Aliás, queria ferir o mundo todo.

Quem sabe, assim, minha dor diminuiria um pouco se eu a dividisse com as pessoas ao meu redor. Ferindo-as também.

Estiquei um braço.

Tudo aconteceu numa questão de segundos.

Mas não pude fazer aquilo.

Muito de mim havia se partido em milhares de caquinhos após aquele dia. Porém, ainda havia sentimentos intactos, mesmo que eu não soubesse ou não tivesse consciência deles. Havia ainda a

bondade que papai tinha me ensinado.

Algumas coisas boas são também grandes demais, e nada no mundo, nem o pior dos sofrimentos ou a maior das humilhações, é capaz de quebrá-las.

Eu nunca tivera vontade de fazer mal a ninguém antes, porque eu era assim e fui criada para ser assim.

Se eu ferisse Lolita, estaria me tornando a atração do circo de horrores que as pessoas queriam. Elas teriam razão ao me chamarem de monstro.

Mas eu sabia que elas não tinham razão nenhuma e eu jamais poderia

deixar que parecesse o contrário.

Precisei reunir forças – que eu pensara não ter mais – e afastar-me daquela menina, que me encarava com uma mistura de pavor e desafio nos olhos.

Ela era uma menina linda, rica, não era feita de espinhos. Era perfeita.

Por fora.

Por dentro, ela guardava não apenas preconceitos e julgamentos, mas também sentimentos suficientes para que seus atos e suas palavras fossem injustos e absurdos. E ela nem se dava conta do quanto feria.

Era mais perigosa que eu.

Eu sempre tivera noção dos danos que poderia causar a alguém, e aprendera a manter a distância segura.

Nós podíamos ter muito em comum, mas eram as diferenças entre mim e Lolita que permitiam que ela me ferisse, e que, ao mesmo tempo, impediram-me de encostar nela e rasgar-lhe a pele com meus espinhos venenosos.

Aquele havia sido o primeiro dia em que ela me dirigira alguma palavra, mesmo que tivéssemos nos encontrado muitas vezes. E, por mais que eu soubesse o quanto ela me repudiava, sua maldade fora

além do que eu poderia prever.

Fora o golpe final em um soldado abatido, em uma guerra já perdida antes mesmo de começar.

Afastei-me ainda mais e corri para fora do roseiral.

Ao longe, vi a mãe de Lolita comprando rosas. Ela não vira nada do que acontecia entre nós. Ninguém vira.

E ninguém jamais saberia.

As pessoas veriam as fotos que ela tirara de mim, mas duvido que ela teria coragem de admitir tudo que acontecera. Aquele momento seria apenas nosso.

Assim como muito do que senti e

vivi em meu décimo sexto aniversário estaria para sempre guardado comigo.

Eu pegaria tudo e trancaria num baú, assim como trancaria a mim mesma.

Decidi, naquele momento, correndo de volta para o chalé, que jamais deixaria que o mundo voltasse a me ver e que nunca iria querer ver o mundo novamente.

CAPÍTULO 30

Entrei em casa pelos fundos.
Pelo quartinho de Joaquim.

Meu pobre cavalinho se agitou ao me ver, mas eu o ignorei. Não poderia encarar absolutamente mais ninguém. Ele não merecia me ver naquele estado.

Papai estava na sala, e sem que

ele me visse ou tivesse tempo de perguntar qualquer coisa, tranquei-me em meu quarto.

Deixei-me cair no chão lentamente, deslizando pela parede, enquanto engolia minhas próprias lágrimas, sujas de terra, suor e tristeza.

Lágrimas carregadas de humilhação.

Alguns instantes depois, ouvi papai bater à porta:

– Kat? Como foi lá na cidade?

Como não respondi, ele bateu mais algumas vezes e fez mais perguntas.

Ele não desistiria. Mas eu não

queria vê-lo e, mais ainda, não queria que ele me visse naquele estado.

— Não foi muito bem, papai. Eu... eu gostaria de ficar sozinha, se você não se importasse.

— Tudo bem, filha. Se precisar de algo, estarei no meu quarto. Boa noite.

— Boa noite — respondi com pesar.

Tentando abafar o som do meu choro para não assustá-lo, continuei a chorar por muito tempo, até que finalmente peguei no sono. Tive pesadelos confusos e cinzentos a noite toda.

Nos dias que se seguiram, papai se mostrou bastante preocupado comigo, mas eu jamais lhe contei o que havia acontecido.

Provavelmente ele ouvira boatos e fofocas na loja de animais. Pelo que Lolita havia dito, as notícias ao meu respeito ainda circulariam por um bom tempo. E não de uma forma positiva.

Porém, se ouviu algo, papai nunca comentou comigo. Assim como nunca li ou assisti notícias a meu respeito.

Percebendo que eu me tornava cada vez mais introspectiva, papai sempre me perguntava se eu estava

saindo de casa para caminhar na mata. E eu dizia que sim. Mentia que sempre passeava à tarde, mas que ele não via porque estava trabalhando.

Eu alimentava Joaquim e abria a porta do quartinho para que ele saísse para a clareira, mas não o acompanhava.

Quando papai me convidava para fazer uma fogueira, como sempre fizemos, eu dizia que já estava crescida para isso e que precisava de um pouco de espaço.

Talvez ele soubesse que eu estava mentindo, ou talvez pensasse que aquelas mudanças eram porque

eu havia deixado a infância definitivamente para trás.

Ou talvez ele também estivesse triste o suficiente para não se aproximar demais.

Papai e eu, mesmo vivendo na mesma casinha de madeira, nos distanciamos um do outro cada vez mais.

Passei cada vez mais tempo dentro do meu quarto e não voltei a ver o céu ou sentir o vento, que sempre me abraçou gentilmente na clareira.

A única companheira que me sobroua foi a tristeza.

Ela era maior que o mundo e me

dizia que eu era tão feia, estranha e monstruosa que jamais deveria permitir que qualquer pessoa me visse novamente.

Assim, eu realmente virei o monstro que se escondia do mundo e que figuraria nas histórias que os pais da cidade contariam a seus filhos.

CAPÍTULO 31

Não ousei descer ao porão.

Não poderia voltar a desenhar minha vida com giz colorido e a colar as imagens junto às de mamãe. Não poderia jamais me desenhar sem espinhos novamente.

Mica nunca mais voltou.

No fundo, eu sabia que a culpa

era minha por não vê-lo mais.

Ele deve ter ido me encontrar, em vão, no roseiral, na floresta ou sob a sombra da árvore onde nos conhecemos. Mas eu nunca voltei.

Porém, havia uma parte de mim que desejava que, após tanto me procurar nos lugares onde nos encontrávamos, Mica viesse até o chalé perguntar o que havia de errado.

Mas talvez fosse melhor assim.

Eu realmente não devia ver mais ninguém e isso devia incluir meu melhor e único amigo. Seria melhor para ele não andar com a menina feita de espinhos.

Havia também a possibilidade de ele ter ouvido os boatos da cidade e ter ficado com medo de mim.

Não. O Mica não era assim. Ele me conhecia.

Tenho certeza de que ele, meu *Batatinha*, havia me esperado e havia se frustrado ao perceber que eu jamais voltaria. Assim como eu tinha certeza que estava tomando a decisão certa ao me afastar dele e do mundo todo.

Não me permiti ficar lamentando minhas próprias escolhas.

Agora, as coisas estavam muito claras. Eu não era digna do mundo.

As feridas causadas pelas

pedradas continuaram a doer por muito tempo, e talvez nunca parassem de doer. Alguns de meus espinhos foram quebrados ou danificados, mas, ao contrário de mim mesma, eles se regenerariam com o tempo.

Havia marcas em mim daquele dia, por dentro e por fora. Eu estava marcada para sempre, porque já nasci com marcas.

Entretanto, havia alguns dias em que eu sentia falta do céu.

Nunca mais espiara através das janelas. Pelo menos não durante o dia.

A claridade do céu e o brilho do

sol pareceriam obscenos e impróprios no meio da minha tristeza. E eu já não me sentia digna de ver cor ou brilho.

Em algumas noites, contudo, eu abria uma pequena fresta da cortina do meu quarto e, mesmo sem espiar lá para fora, permitia que uma centelha de luar invadisse o local.

E eu me agarrava àquela centelha de luar, como se ela fosse a única coisa bonita que restara no mundo.

CAPÍTULO 32

Minha luta se tornou mais silenciosa e solitária que qualquer outra.

Eu perdera as esperanças, e já não tinha mais forças para seguir adiante. O peso do mundo todo jazia sobre meus ombros.

Mantinha apenas a decisão de

não voltar a ver o mundo.

Com o tempo, tornei-me amarga. Mais que nunca, não quis mais saber de Mica, e preferi que ele realmente tivesse saído da minha vida.

Não dava muita atenção a papai ou a Joaquim.

O amor é veneno, assim como o veneno que escorre dos meus espinhos, e eu passei a manter uma distância segura dele também.

Passei a me sentir confortável em minha clausura.

Nem mesmo as rosas eu queria voltar a ver.

Elas não eram meu espelho mais.

Ou, ao menos, não eram mais o único.

Meu verdadeiro espelho agora passara a ser os olhares que as pessoas me dirigiram naquele dia na cidade.

Eram olhares que eu jamais poderia esquecer. Neles, minha imagem estava refletida como eu era. Um monstro. Uma aberração.

Eu quase podia ouvir as vozes ecoando pelo quarto me dizendo o que eu era, e quase podia ver os olhos daquelas pessoas me confirmando o quanto eu era horrível.

Nos olhos delas eu me vi como

realmente sou. Tudo que neguei a mim mesma por tantos anos, finalmente me fora mostrado. Sem máscaras ou meias palavras.

Apenas eu, como era.

Meu espelho verdadeiro era o reflexo dos olhares repletos de repulsa das pessoas que me insultaram e apedrejaram. E, segundo aquele espelho, eu era merecedora das pedras e ofensas, mas não merecia a mesma vida que as pessoas normais.

Não merecia ter amigos ou namorados. Fazer passeios ou conviver na sociedade.

Não merecia frequentar uma

escola ou ir a uma festa. Tampouco merecia ter qualquer sonho realizado.

Nem deveria perder tempo sonhando.

Tudo estava acabado. Na verdade, tudo estivera acabado para mim desde o meu nascimento. Eu nunca tive uma chance.

Vira tudo aquilo nos olhares de meus agressores e assentira, recurvando-me a eles, obedecendo e fazendo reverência.

Aqueles olhares haviam sido o espelho da verdade.

QUINTO ATO

*Não há nada que eu
possa fazer para
mudar e nada que eu
possa fazer para
entender*

CAPÍTULO 33

Eu não podia fazer nada para mudar aquela situação. Havia nascido assim.

E não havia nada que eu pudesse fazer para entender. Entender por que ninguém me aceitava e jamais aceitaria (triste foi quando deixei até mesmo de dar valor a papai ou

a Mica). Por que eu era tão diferente. Por que aquilo acontecera comigo. Por que eu ainda dava valor às atitudes desumanas das pessoas e às suas opiniões cruéis. Por que ainda doía tanto ser eu. Por que havia cicatrizes em meu corpo, marcas do meu apedrejamento público.

Passei dois anos mergulhada na mais profunda tristeza.

Foram os piores anos da minha vida.

Eu queria deixar o tempo curar as feridas, mas nem ele estava dando conta, e a cada dia eu sofria e chorava por ser quem era.

Se aquilo significava que eu era fraca, não me importava. Que fosse.

Meu pai já não sabia o que fazer. Ele era maravilhoso, mas estava cada vez mais conformado com todas as situações ao seu redor. Acho que isso se devia à morte de mamãe. O buraco aberto na alma dele naquele dia, o dia em que eu nasci e ela se foi, jamais se fecharia ou mesmo se tornaria menor.

A tristeza que ele carregava desde então tinha se somado à tristeza de me ver cada vez mais para baixo. E chegou um dia em que ele deixou de me perguntar se podia

me ajudar de alguma forma. Não o culpei por isso.

Ele seguia em uma rotina metódica, do trabalho para casa. Cuidava de mim com amor e até trazia sorrisos ocasionais ao meu rosto por ser um pai tão maravilhoso, mas a alegria e o brilho a mais no olhar não existiam nele, então acho que ele não pôde fazer nada quando a alegria e a curiosidade de ver a vida também me deixaram e tornaram meus olhos mais opacos. Continuei a mentir, dizendo que ainda fazia caminhadas na floresta e que conversava com Mica algumas vezes. Ele

provavelmente fingia que acreditava.

Durante todos aqueles dias daqueles dois anos inteiros, eu fiquei muito triste. Revivi as cenas de minha humilhação um milhão de vezes na minha cabeça.

Parei de desenhar. Não desci mais até o porão. Não quis nem saber mais dos bichos de pelúcia e seus abraços artificiais. Nunca mais voltei a ter notícias do Mica.

Mas o sol não parou de brilhar, o vento não deixou de soprar e as horas continuaram a passar. Então, além de triste, eu fiquei muito, muito brava. Principalmente com o

céu, porque o espiei por trás da cortina raras vezes e percebi que ele continuava azul-claro e lindo e isso era um absurdo. Ele não estava triste por mim; estava azul quando, na verdade, deveria estar cinza — um tom de cinza feio e horroroso que lembrasse a morte e a tristeza. Não um azul tão lindo. Então fiquei ainda mais brava, e desta vez foi com o mundo todo, porque a vida continuou a acontecer mesmo quando, dentro de mim, eu sentia que tudo estava acabado e que nada mais fazia sentido e eu queria que tudo e todos soubessem e partilhassem da minha dor e

deixassem de sorrir junto a mim, pelo menos por um tempo. Queria que o mundo tivesse parado de girar durante aqueles dois anos.

Foi então, num instante qualquer, após todo aquele tempo isolada dentro do chalé, que ouvi uma música e ela despertou toda a ira dentro de mim, como quem acorda um monstro adormecido. Era uma música alegre, que me enojava e ria de mim e me ultrajava a cada nota. Nem lembrava qual era a última música que tinha ouvido ou quando havia sido isso.

Aquela vinha de longe, trazida pelo vento e pelo silêncio da mata.

E me corroía a cada instante.

Saí batendo os pés e as portas pelo caminho, decidida a interromper aquela canção desrespeitosa e a descontar minha raiva em quem quer que a estivesse escutando, fazendo-a chegar até meus ouvidos.

CAPÍTULO 34

A tarde estava ensolarada e o céu parecia uma aquarela. O vento manso agitou meus cabelos suavemente. Não podia negar que sentira um pouco de falta daquilo. Mas só um pouco. Minha dor ainda era muito grande para enfrentar o mundo e eu não conseguia julgar

minhas atitudes nos últimos dois anos.

E nem teria tempo naquele instante. A música continuava a tocar, com toda sua alegria e vida, e com a coragem de perturbar meu retiro.

Olhando através da mata ao redor do chalé, de onde a música vinha, não conseguia ver sinal de vida, e quase tive a certeza de que o mundo era só meu.

Exatamente como eu queria que fosse. Exatamente como havia sido desde que me enclausurei.

Alguém perturbava minha tranquilidade e adentrava meu

mundo sem permissão.

Corri para a floresta, embrenhando-me por entre os altos pinheiros e sentindo meu sangue pulsar com força no interior dos vasos.

Senti-me viva como há muito tempo não sentia. E eu não queria isso.

Segui a música por entre as árvores.

Vi alguns pássaros pelo caminho, enquanto as batidas da canção se tornavam cada vez mais altas dentro dos meus ouvidos.

Então, detive-me por um instante. Estava arfando e me apoiei em

meus joelhos quando deixei aquele pensamento me invadir: seria Mica quem estava ali?

Ele não me visitava desde o dia em que completei dezesseis anos. Talvez tivesse uma boa explicação para isso. Talvez tivesse sentido minha falta.

Eu sempre soube que a culpa pelo nosso afastamento era em grande parte minha. Eu me fechara para o mundo e conseqüentemente para ele também.

Mas isso não significava que ele não pudesse bater à minha porta a qualquer momento e vir perguntar se eu estava bem.

Eu nunca tive outros amigos, mas imaginei que isso seria algo que um amigo faria... certo?

Não importava. Eu sentia saudades de Mica e de seus olhos miúdos e seu sorriso fácil. Se fosse ele quem ouvia música naquele instante bem próximo a mim, eu não me importaria. Ficaria até feliz.

Recuperei o fôlego e corri mais um pouco.

Talvez estivesse correndo em círculos ao redor das árvores, pois não via mais ninguém por ali. Tudo parecia igual, não fosse a melodia alegre e suas batidas irritantes.

Sentindo-me frustrada, dei meia-

volta, a fim de mudar o percurso,
quando um grito muito alto
preencheu meus ouvidos e
sobrepôs-se à canção.

CAPÍTULO 35

Gritamos ao mesmo tempo.

Na verdade, ele gritou primeiro. Talvez, assustado com minha presença repentina na floresta. Ou, mais provavelmente, com minha aparência.

Eu gritei logo em seguida, assustada com o grito dele.

Era um rapaz, talvez da minha idade, talvez um pouco mais velho.

Não tive tempo de ver direito, só tinha certeza que não era o Mica.

O grito do rapaz foi alto e estridente, assim como o meu, mas logo que parou de berrar na minha cara, ele deu um passo para trás e derrapou na terra, levantando-se em segundos e refugiando-se no interior de uma barraca.

Mal tive tempo de pensar no quanto aquele cara era estranho e, provavelmente, louco, quando ele voltou correndo de dentro da barraca, segurando um taco de beisebol nas mãos.

Com um pulo, veio na minha direção novamente, balançando o taco no ar.

Corri dele antes que me acertasse.

Não sabia se ria ou chorava, aquilo parecia ridículo. Com o pouco fôlego que me restava, perguntei, gritando para que ele me escutasse enquanto me perseguia por entre as árvores:

– Você é louco? Quando chegar em casa eu vou chamar a polícia!

– Espera! – ele gritou, também com a respiração acelerada. – Você... você fala?

Após correr mais alguns passos,

percebi que ele não me seguia mais.

Virei-me e o vi parado na trilha, entre as árvores, já com o bastão de beisebol abaixado e com uma interrogação estampada na face enquanto me olhava.

Tremendo, ele perguntou:

— Você... você é uma menina?

— Surpresa! — respondi, divertindo-me com a situação. — O que você pensou que eu fosse? Um porco-espinho gigante?

Um milhão de expressões e sentimentos pareceu percorrer sua face naquele breve instante. Desconcertado, confuso, assustado e até achando aquilo tudo um pouco

divertido, meu perseguidor
respondeu:

– Na realidade... *sim*.

Ele abriu um sorriso que
iluminou a mata fechada ao nosso
redor, e eu senti as pernas bambas e
me deixei cair aos pouquinhos.

CAPÍTULO 36

Estava rindo tanto que minha barriga doía. Não lembrava quando havia sido a última vez que ri com tanta vontade. Aliás, não sabia se um dia isso havia acontecido.

Pelo jeito, ele se sentia da mesma forma, pois também estava agora sentado na terra, entre as

árvores, rindo sem parar daquela situação.

Depois de vários segundos, ele disse, ainda entre risadas:

– Você me surpreendeu no meio da mata, pensei que não havia ninguém por aqui, exceto animais.

– Não posso culpá-lo por isso. Acredite, eu sei que meus espinhos assustam.

Ele se levantou de onde estava, segurando o taco abaixado em uma das mãos, e caminhou até mim, estendendo-me a mão livre.

– Não! – eu disse – Não toque em mim. Os espinhos... têm veneno.

— SÉRIO? — ele indagou com curiosidade no olhar. — E como isso é possível?

Antes que eu pudesse responder, ele afastou a mão que tinha estendido alguns segundos atrás e me fitou de forma intensa, como se as respostas para todas as suas perguntas estivessem dentro do meu olhar. Ele queria saber quem eu era e o que significavam todos aqueles espinhos ao meu redor.

Espinhos que nos separavam naquele instante, como se houvesse um muro me envolvendo, impedindo qualquer toque, qualquer aproximação.

Levantei-me e retribuí seu olhar.

— Tenho uma anomalia rara. Nasci assim. Os espinhos são má-formações da minha epiderme e secretam um muco que pode ser venenoso para as pessoas que... você sabe, não possuem os espinhos.

— *Uau!* — Ele abriu um pequeno sorriso, que não consegui decifrar muito bem. — Nunca conheci ninguém assim. Nunca nem ouvi falar dessa anomalia. E você... você é apenas uma menina — ele completou, olhando bem dentro dos meus olhos.

— Sim — falei sem jeito,

desviando o olhar —, e meu nome é Kat. Agora preciso ir andando.

— Meu nome é Gregg — ele respondeu. — Posso saber o motivo da sua pressa, Kat? Aliás, posso saber o que estava fazendo aqui?

A música! Tive vergonha de mim mesma por ter me esquecido completamente de xingá-lo por ter atrapalhado minha tranquilidade com aquela música alegre e irritante... Mas ela já não mais tocava, e me dei conta de que isso não tinha nada a ver com meu esquecimento.

Eu era uma idiota por ter deixado meus pensamentos se perderem

dentro de seus olhos. Por ter rido até a barriga doer quando ele pensou que eu fosse um porco-espinho gigante. Essas foram as verdadeiras razões pelas quais eu me esquecera completamente de qualquer outra coisa naquele instante. Tinha me divertido desde o primeiro momento em que vi Gregg. E isso para mim era raro. Tão raro como meus espinhos epidérmicos.

– Uma música – falei por fim. – Eu ouvi uma música e vim...

Não sei por que não consegui mais ficar brava com ele, como deveria. A música me tirara do

chalé pela primeira vez em dois anos. Eu *deveria* estar brava.

— Ah, sim. Eu estava ouvindo música. Falando nisso, preciso ir verificar por que não está mais tocando. Quer vir comigo?

Com cautela, segui-o pelo caminho por onde ele me perseguira há pouco, chegando então até sua barraca.

Havia ali uma pequena clareira, com uma barraca individual no centro. Sua lona era azul e amarela, bastante gasta, de aspecto velho. Havia também uma lamparina apagada, um pequeno fogão portátil de duas bocas e um tronco de

madeira que poderia servir de banco. Ao seu redor, alguns livros estavam espalhados e uma mochila aberta com apetrechos de acampamento.

Por entre os livros, vi um pequeno rádio preto, de modelo bem antigo. Gregg deve tê-lo visto no mesmo instante que eu, pois logo o alcançou e analisou por entre os dedos:

– Devo tê-lo derrubado quando pulei de dentro da barraca com o taco de beisebol e...

– E me perseguiu pela floresta – completei, ainda rindo ao me lembrar da situação de instantes

atrás.

– Exato. – Ele também ainda ria discretamente. – Por sorte não estará quebrado.

Gregg mexeu no aparelho, sacudiu-o no ar e apertou alguns botões. A música alegre e atrevida de antes preencheu nossos ouvidos.

Ela não mais me irritava. Pelo contrário.

– É uma música de meditação, você gosta? – Gregg indagou.

– Talvez. Ela me parece... alegre.

– Sem dúvida. Essas músicas trazem energias positivas.

Confusa, ainda olhando para as

coisas de Gregg espalhadas ao meu redor, indaguei:

– Você... simplesmente vem para o meio da mata acampar sozinho e ouvir músicas de meditação?

– É um ótimo programa, não acha?

Novamente me flagrei rindo. Gregg era alto astral e tinha um jeito engraçado de falar. Ou, pelo menos, parecia engraçado para mim. Eu apenas sentia vontade de rir sempre que ele falava. Sempre que me olhava.

– Não sei – eu disse, com sinceridade. – Talvez seja. Mas parece um pouco solitário.

– Eu gosto de ficar sozinho às vezes. Tenho muitos amigos na cidade, mas sempre que posso refugio-me na mata, faço longas caminhadas na mais completa solidão, medito, leio alguns livros, então volto renovado à vida real. Mas e você, Kat, o que faz sozinha por essas bandas?

– Eu moro logo ali adiante, em um chalé com meu pai.

– Parece ser um ótimo lugar para se morar. Você gostaria de se sentar enquanto eu asso algumas salsichas para nós?

CAPÍTULO 37

Gregg acendeu alguns incensos ao redor enquanto as salsichas ficavam prontas. Ele também arrumou os livros e, ao dar uma rápida olhada neles, percebi que eram sobre meditação, mentalização positiva e técnicas de acampamento.

– Eu sei o quanto sou... estranho
– ele falou, ao perceber que eu fitava os incensos e livros com curiosidade.

– Sério? Eu sou supernormal, principalmente com todos esses espinhos – deixei escapar.

Caímos na risada novamente. Havia perdido a conta de quantas vezes isso acontecera nos últimos instantes.

As salsichas logo ficaram prontas e Gregg nos serviu junto de um molho de ervas que, segundo ele, ele mesmo preparava e levava em suas viagens. Era sua especialidade.

Enquanto comíamos, ele me contou um pouco sobre sua vida.

Tinha vinte anos e era o mais novo de quatro irmãos. Vivia em uma casa grande na cidade, mas não gostava daquela selva de pedras. Não gostava do asfalto, da fumaça e do cheiro da cidade. Havia viajado para diversos lugares do mundo, trabalhando como guia turístico em uma agência de viagens desde os dezesseis anos.

Contudo, a agência lhe mandara embora, pois como eram especialistas em viagens para estudantes do Ensino Médio, gostavam de contratar apenas

adolescentes. Desde então, Gregg dava aulas de inglês em uma escola particular e ainda estava decidindo se faria faculdade.

— Eu não gosto muito de sistemas e de seguir ordens. Não sei se sou o tipo que se daria bem em uma faculdade, talvez quando ficar mais velho. No momento, gosto mais de dar minhas aulas e fugir da cidade sempre que posso — falou.

Foi então que contei a ele sobre minha vida.

Ele não me interrompeu e eu o adorei por isso. Por me dar tanta atenção e parecer tão interessado em saber quem eu era e o que

vivera até ali.

Gregg ouviu com atenção cada passagem da minha vida. Eu falei sobre mamãe e como ela morreu quando eu nasci. Falei sobre meu pai e Joaquim. E até mesmo sobre Mica e como eu sentia falta dele.

Falei também sobre os últimos dois anos que passei enclausurada dentro do chalé. Contei sobre minha humilhação e sobre o quanto eu era tão triste, tão... *quebrada* por dentro. Ele foi a primeira pessoa para quem contei sobre as pedras que me foram atiradas.

— Eu também sou um pouco assim — ele falou —, quebrado. Acho que

todas as pessoas são. Já viajei muito e conheci muitas pessoas. E posso dizer que em todos os cantos do mundo as pessoas carregam sempre a mesma dor, um certo tipo de vazio. Todo mundo tem motivo para ter uma luz apagada dentro dos olhos. A diferença é que cada um tem um motivo específico para isso.

— Qual é o seu motivo? — eu quis saber.

— Não sei — ele disse, respirando profundamente como se, em um rápido vislumbre de sua vida, conseguisse encontrar a raiz de sua maior dor. — Acho que viajo tanto e me afasto tanto de tudo e de todos

porque estou buscando algo que não sei o que é nem onde está. Isso faz sentido?

– Todo. Isso faz todo sentido do mundo – falei.

Terminei de comer minhas salsichas e acrescentei, olhando dentro de seus olhos:

– O meu motivo é bem aparente. É por eu ser tão diferente. Tão *feia*.

– Feia? – ele respondeu automaticamente, como se não tivesse pensado no que ia dizer. Simplesmente deixou escapar. – Você não é feia. Diferente, sim. Mas quem não é?

– Obrigada. Isso foi... muito

gentil.

Levantei-me e ajeitei meu vestido de seda.

Gregg continuou sentado, fitando-me com um misto de sentimentos, que eu jamais conseguiria traduzir (apesar de querer muito).

Fiquei alguns instantes apenas retribuindo seu olhar. Após tantos risos e conversas, senti uma enorme sensação de paz ao fitá-lo. Apenas fitá-lo em silêncio. Era como se nosso diálogo continuasse mesmo sem palavras.

Ele era um rapaz muito bonito. De cabelos pretos, bem escuros

mesmo, curtos e bem aparados; olhos azuis da cor do céu e pele branca. Olhos tão azuis e tão bonitos, pensei. Suas bochechas e seus lábios eram rosados e havia um sorriso dentro de seus olhos, convidando-me a sorrir também.

— Eu já vou indo — consegui dizer, por fim. — Já está tarde e meu pai ficará preocupado. Obrigada pelas salsichas e pela... companhia.

— Foi um prazer — ele disse, levantando-se.

Quando eu me afastava, com um misto de dor e alegria no coração, ouvi sua voz me chamando:

– Ei! Kat! – Virei-me e encontrei Gregg parado junto à barraca, olhando-me e sorrindo, ao dizer: – Foi muito agradável o encontro que tivemos. Você gostaria de voltar aqui amanhã? Irei explorar a mata da região, talvez você possa me dar umas dicas, já que conhece o lugar melhor que eu.

Eu ainda não havia decidido se gostaria de voltar a sair do chalé com frequência.

Tinha acontecido naquela tarde por causa de Gregg e sua música alegre, mas só pelo impulso e pela raiva eu deixara minha toca. Não havia tido tempo para refletir se eu

voltaria a sair para o mundo. Não sabia dizer se estava pronta para isso e nem se o mundo estava pronto para me ver outra vez.

Além disso, fora ótimo ter a companhia de alguém por um tempo e Gregg parecia ser uma pessoa maravilhosa, mas logo ele iria embora e eu estaria sozinha de novo. Sozinha para enfrentar a vida e meus anseios. Talvez eu precisasse de mais um tempo fechada no chalé.

Talvez eu precisasse disso para sempre.

– Não sei – respondi.

– Claro, você deve ter outros

planos – ele falou.

Eu não tinha plano algum, é claro. A não ser andar em círculos e fitar as paredes do meu quarto, com medo de que alguém me visse e risse de mim, ou então me xingasse por coisas que não eram minha culpa, ou me atirasse pedras por eu ter nascido assim sem escolher.

Tinha medo de mim mesma.

– Não tenho planos – falei sem querer.

Ele abriu um grande sorriso, dizendo:

– Então, agora tem. Você tem planos comigo. Estarei esperando

aqui. Não aceito “não” como resposta.

Virei-me e continuei a me afastar dele, andando em direção ao chalé.

Sem coragem de dizer que não ia. Sem coragem de negar que tinha planos com ele. Sem coragem de me esconder de novo, mesmo que o medo gritasse nos meus ouvidos. Naquele momento, o maior medo que eu sentia era de nunca mais ver Gregg.

Era um sentimento novo.

Aquela era a primeira vez que alguém me dizia que tínhamos planos juntos, que alguém parecia fazer questão da minha presença.

Era um sentimento e um tipo de encontro completamente diferente do que eu tivera com Mica anos atrás.

Eu sabia o que faria no dia seguinte, não precisava dizer.

O sorriso dele tinha revelado minha resposta a nós dois e eu mal podia esperar.

CAPÍTULO 38

Quando cheguei ao chalé, meu pai me aguardava na cozinha, sentado em volta da mesa. Assim que me aproximei, ele começou a cantar.

Era a música de aniversário.

Só então reparei que havia um bolo na mesa, bem na frente de

papai, e uma vela com o número 18.

Era meu aniversário!

Com a minha clausura eu perdera a noção dos dias. Sabia que estava próximo, pois tinha uma vaga ideia de que fazia dois anos desde que me refugiara, após a humilhação do meu décimo sexto aniversário. Porém, eu não tinha ideia de que aquele era o dia exato.

Dois anos desde que a maior dor do mundo se alojara em meu peito e me fizera odiar mais que nunca ser quem eu era. Uma dor que me manteve prisioneira de mim mesma por 24 meses.

Meu pai parecia animado. Ele terminou de cantar, então me fez assoprar as velas e fazer um pedido.

Eu pedi que aquela sensação boa que invadia meu peito naquele exato momento não fosse mais embora.

Pela primeira vez em dois anos eu me sentia bem.

– Minha garotinha já tem dezoito anos! – papai falou. – Você é uma linda jovem, Kat, e tenho muito orgulho de ser seu pai.

Ele me estendeu um embrulho. Era um tecido novo, para que eu fizesse um vestido da forma que

quisesse. Era maravilhoso. A forma perfeita de encerrar um dia tão diferente.

Diferente como eu.

Tinha sido um dia bonito como eu jamais poderia prever. Havia sido a melhor comemoração de todas, mesmo que eu não me lembrasse de que era meu aniversário.

– Obrigada, papai – murmurei. – É um lindo presente. Amo você.

Comemos o bolo e conversamos sobre coisas bobas, como quando eu era pequena e adorava fazer aniversário. Eu costumava contar os dias.

Por alguma razão, eu sempre sentia que aquele dia era meu e que ninguém poderia roubá-lo de mim.

Mas haviam roubado. Aquelas pessoas todas roubaram muito de mim no dia em que me apedrejaram, exatamente dois aniversários atrás.

Quando percebi, eu estava chorando.

Era um choro manso e intenso. Alegre e sofrido.

– O que foi, filha? Você não está feliz?

Meu pai parecia preocupado.

Olhei dentro de seus olhos cansados e mais que nunca tive

vontade de abraçá-lo. Como eu queria não ter aqueles espinhos e poder simplesmente abraçar papai naquele instante!

Pensei no muro que os espinhos construía ao meu redor. Eu não pudera apertar a mão de Gregg mais cedo naquele dia. Jamais poderia. Mas, por alguma razão, aceitei essa condição e fiquei feliz com as novas perspectivas que nosso encontro inesperado na floresta me trouxera.

Abrindo um tímido sorriso em meio às lágrimas, respondi:

– Não se preocupe, papai. Estou chorando de alegria. Sem que eu

esperasse, acabei tendo o
aniversário mais maravilhoso de
todos!

LIVRO DA VIDA

V

Há pessoas para as quais queremos mostrar as partes de nós que não são tão bonitas assim. E isso é algo bem próximo do amor.

Sonhei a vida toda em encontrar alguém assim, que realmente queria

me ter por perto.

Como diz uma música que eu gosto muito, um toque pode consertar tudo que temos quebrado dentro de nós.

Ou uma bebida, mas isso é outro assunto.

No meu caso, seria a ausência do toque, de uma pessoa por cujo abraço eu realmente morreria para receber. Seria isso que remendaria meus rasgos.

A sensação de que eu ainda era capaz de amar, mesmo após tantos momentos ruins que vivera, era a melhor possível.

Mesmo que nos quebreemos em

milhares de caquinhos, esses cacos nunca seriam impossíveis de serem colados de volta.

E as marcas que eles deixavam eram sinal de força, não de fraqueza.

A gente pode se machucar muito, mas nunca se quebrar de forma irreparável.

CAPÍTULO 39

Acordei cedo na manhã seguinte, bem-disposta e animada como há muito não me sentia. Tratei logo de dar comida a Joaquim e aproveitei para tirá-lo do celeiro e dar uma volta ao redor da clareira do chalé, coisa que não fizera durante meu afastamento do mundo.

Joaquim pareceu respirar aliviado ao me ver ao ar livre novamente. Eu soube, por seu olhar e pela forma como se moveu ao meu redor, que ele sentia falta de meu eu antigo, de sua verdadeira dona e amiga.

Como seu celeiro improvisado ficava no velho quarto dos fundos, eu podia cortar caminho por dentro de casa para alimentá-lo. Durante esses dois anos, passamos bastante tempo juntos no celeiro. Papai e Joaquim foram as únicas companhias que tive.

Entretanto, quando papai soltava nosso Joaquim para um passeio na

clareira em alguns momentos do dia, eu voltava a me refugiar em meu quarto.

A intensa vontade de jamais voltar a ver o mundo me consumia. Eu não me sentia parte mais da vida.

Agora, enquanto caminhava ao lado de Joaquim, descalça, sentindo a grama ainda úmida pelo orvalho que caíra durante a noite e aquele cheiro maravilhoso da relva, cheguei à conclusão de que ninguém havia roubado nada de mim.

Até alguns instantes atrás, pensava que aquelas pessoas que me humilharam haviam me roubado

a vida, a vontade de viver. Que haviam roubado meus anos e minha liberdade.

Eu não podia estar mais errada.

Agora sabia que quem tinha roubado algo de mim fora eu mesma.

Era chegada a hora de devolver.



Voltei para o meu quarto.

Com novas perspectivas, tudo ao meu redor parecia novo.

Passei uma hora alisando meus longos cabelos, como há muito não fazia. Era quase como se eu

gostasse de mim.

Também me perdi entre os meus vestidos, tentando escolher o perfeito para a ocasião que me aguardava.

A cada batida do meu coração, eu pensava no quanto ansiava por encontrar Gregg. Quase não me reconhecia em meio à alegria e à ansiedade calorosa que agora faziam morada no meu peito.

Acabei decidindo usar um vestido verde-limão que fizera alguns meses atrás. Não me lembrava de tê-lo usado antes. Durante aqueles dois anos refugiada em casa, havia feito

alguns vestidos novos, porém nunca os vestira propriamente.

Coloquei uma de minhas sandálias preferidas, um modelo bem confortável para caminhadas, e foi então que fiz algo que pensei jamais voltar a fazer.

Olhei-me no espelho.

CAPÍTULO 40

O grande espelho ficava no quarto de papai.

Ele não estava em casa e resolvi ir até lá para ver minha imagem de corpo inteiro. Ele nunca havia me dito, mas eu arriscaria dizer que aquele espelho estava lá desde a época em que mamãe vinha ao

chalé.

Aproximei-me relutante, notando que minhas mãos tremiam um pouco.

Detive-me a uma curta distância e contemplei a imagem à minha frente.

Ali estava eu, mais alta e mais moça do que me recordava.

Ali estavam os espinhos, como sempre foram.

Minha pele clara ficava um pouco avermelhada ao redor de cada um dos espinhos. E eles estavam por toda parte. Em cada centímetro de mim. Das pontas dos dedos até cada traço da minha face.

Ao redor dos lábios e dos olhos. Na circunferência das orelhas. Nos cotovelos e joelhos. Virei-me e analisei as protuberâncias que se erguiam sob a seda do vestido verde-limão. Eram os incontáveis espinhos espalhados por minhas costas. E descendo pelas pernas e pés. Na sola dos pés, eram amassados devido ao impacto de meus passos, embora minhas sandálias especiais possuíssem acolchoado, meu velho conhecido.

Os espinhos que se achatavam pelo atrito e que se rompiam doíam um pouco, como sempre, mas aquele não era um dia de passar

minhas pomadas e géis. Aquele era um dia para ser só eu. Com todas as imperfeições. E as dores.

Aproximei-me ainda mais do espelho, analisando com cuidado cada um dos vários espinhos que preenchiam meu rosto.

Um deles estava vazando um pouco. Apertei a ponta, para que parasse de drenar e mantive-a pressionada por alguns segundos. Por mais que odiasse que estivesse acontecendo no meu rosto, nem isso pôde estragar meu bom-humor naquele momento.

Logo, o pequeno orifício da ponta do espinho rebelde se fechou

e o muco deixou de ser drenado.

Fazia tempo que eu não me preocupava com nada disso.

Com a roupa que vestiria ou com a forma que meus cabelos estavam. Ou mesmo com algum espinho vazando indesejavelmente. Era bom sentir tudo aquilo de novo. Vontade de cuidar de mim.

Passei as mãos por entre os cabelos e até abri um pequeno sorriso para a minha imagem refletida no espelho.

Eu era bizarra. Estranha de uma forma rara. Contudo, assustei-me ao notar que naquele exato momento não estava me achando tão feia.

Lembrei-me de quando Gregg disse que eu não era feia. Será que ele fora sincero? Será que eu realmente não era tão feia assim?

Caminhei para longe do espelho. Ele não era um inimigo; eu já não o via mais daquela forma. Pelo menos não naquele dia.

Caminhei para longe do quarto e do chalé.

A vida dentro de mim se agitava quando inspirei profundamente o ar livre e deixei que o vento me abraçasse. A vida, tão frágil e linda, também se agitava ao meu redor.

Era quase como se o mundo

fosse novo para mim. Ao mesmo tempo em que era exatamente o mesmo que eu decidira abandonar um dia.

Adentrei a mata, sentindo meu coração pulsar forte dentro do peito, caminhando em direção a um destino tão novo e incerto e que eu temia e amava ansiar naquela efêmera felicidade.

CAPÍTULO 41

Assim que me aproximei da barraca, percebi que Gregg arrumara um pouco a bagunça do dia anterior. O fogão parecia ter sido usado recentemente, assim como a lamparina, que agora estava apagada.

Antes que me preocupasse com

sua ausência, meus olhos o localizaram a poucos metros de distância, apoiando-se em uma árvore e fazendo alongamentos.

Não pude deixar de sorrir com a cena. Gregg não tinha percebido que eu me aproximara, então aproveitei para contemplá-lo por alguns instantes, em silêncio.

Se possível, ele parecia ainda mais bonito naquele novo dia.

Senti meu coração acelerar quando ele se virou em minha direção, como se houvesse sentido meu riso contido dissipado pelo vento.

— Faz tempo que está aí me

observando, mocinha?

– Não. Acabei de chegar.

– Ótimo! Está pronta? – O sorriso que ele abriu ao fazer essa pergunta fez com que eu me aproximasse ainda mais e me deixasse me perder completamente. Por entre as árvores. Os pensamentos. E as sensações.



Eu conhecia a região das caminhadas que já fizera tantas vezes pelas redondezas, porém Gregg tinha experiência com a mata

e não se intimidava com nada.

Ele parecia uma criança, alegre de ver toda aquela beleza verde ao seu redor. E os pássaros, os esquilos. Os sons da floresta.

Assim como ele, não consegui deixar de sorrir um só momento.

Andamos por quase duas horas, fazendo intervalos para tomar água e conversar.

Falamos sobre tudo e nada ao mesmo tempo, e acho que nunca me senti tão viva.

Conforme ele pediu, conduzi-nos até um lago próximo. Fazia muito tempo que eu não ia até ali e fiquei encantada de ver o quanto estava

bonito naquela época do ano. As águas estavam calmas e as árvores repletas de folhas avermelhadas coroando a mata adjacente e formando um tapete ruivo de folhas caídas. Era perfeito.

Nada podia ser mais bonito que aquele momento.

Gregg tirou algumas fotos com a máquina que mantinha pendurada no pescoço. Ele tirou fotos de mim também.

Eu sempre odiei ser fotografada, e o permiti poucas vezes na vida, exceto pelo triste incidente com Lolita no roseiral dois anos atrás e algumas outras fotos que papai

tirara quando eu era pequena para guardar de recordação. Porém, aquela era a primeira vez que eu me sentia à vontade na presença de uma câmara fotográfica. Na verdade, era a primeira vez que eu me sentia bem ao ser observada, olhada, admirada.

Gregg me tratava com delicadeza e me fazia sorrir a cada palavra. A cada passo por entre as árvores. A cada foto que tirou. A cada olhar que me dirigiu.

Sentamo-nos à beira do lago vermelho e deixamos a calma do momento falar por nós.

CAPÍTULO 42

— Eu gostaria de me desculpar com você — Gregg disse, sem aviso.

— Se desculpar? Por qual motivo?

Estávamos agora no topo de um vale. Um cânion se abria à nossa frente e a natureza era linda a se perder de vista.

Sentamo-nos a uma distância segura da beira da montanha, de onde podíamos ver todo aquele espetáculo.

A caminhada havia sido maravilhosa e agora estávamos retornando, descansando e comendo um pouco dos diversos mantimentos que Gregg trouxera em sua mochila.

— Por tê-la tratado daquela forma quando nos conhecemos... você sabe. Ter pensado que você era um porco-espinho e tal. Eu não sei onde estava com a cabeça.

— *Shhhhhh*. — Fiz sinal para que ele não dissesse essas coisas. — Você não tem por que se desculpar

comigo. Pelo contrário. Desde que me refugiei em casa e me afastei de Mica, eu não sabia o que era ter um amigo, alguém para conversar e passar um dia divertido como este. Acredite, eu tenho muito que agradecer...

— Não, não tem — ele me interrompeu com um sorriso. — Está fora de cogitação você me agradecer por algo. Tem sido muito divertido para mim também.

— Eu pensei que você gostasse de vir para a floresta para ficar sozinho...

— Isso era antes — ele disse, perdendo o olhar no cânion e em

suas reentrâncias bem abaixo de nossos pés.

– Antes? – indaguei.

– Sim. Antes de eu saber que poderia ter a sorte de encontrar alguém especial como você, Kat, para me fazer companhia durante minhas caminhadas pela mata, tornando-as mais especiais do que jamais foram.

Senti que uma festa acontecia dentro do meu peito e que eu tremia gentilmente, sentindo-me nervosa e agitada. Ele também estava se divertindo.

Aquele era um grande momento. Talvez o maior que eu já tivesse

vivido.

Comemos um pouco e ficamos em silêncio por vários instantes, apenas contemplando os arredores.

O céu que beijava o topo dos vales e as imperfeições do cânion era alaranjado, róseo, e eu sorri discretamente ao notar que era exatamente da mesma cor das bochechas de Gregg.

As bochechas. A face. Eu jamais iria tocá-lo...

Tudo isso era tão bonito e terrível. Tão certo. E tão errado.

— No que está pensando? — ele rompeu o silêncio.

— Estou pensando em como a

vida é... frágil.

Gregg sorriu, concordando comigo.

— E você, no que estava pensando? — perguntei.

— Estava pensando naquelas nuvens logo ali em cima. Você reparou em como de tempos em tempos elas cobrem o sol, quase como se dançassem no céu, e depois se vão? Elas mudam, revolvem-se, e novas nuvens se aproximam. É um retrato da vida.

Absorvi aquilo tudo e pensei nas nuvens que recobriram meu sol. Pensei nas que foram embora, afastadas pelo vento, e nas que eu

ainda teria de afastar, enquanto novas se formavam e continuavam a brincar no meu céu, como manchas que tingiam uma pintura tão azul que eu mesma desenhara com meu giz.

— Você tem razão — ele falou, ainda fitando o céu —, a vida é mesmo muito frágil.

CAPÍTULO 43

Alguns dias depois de minha caminhada na floresta com Gregg, resolvi voltar ao roseiral. Uma das coisas que eu mais sentia falta na vida era das roseiras. Das rosas e também de seus espinhos. Eles sempre me fizeram sentir como se eu não estivesse sozinha no mundo,

pois eram exatamente como eu. Aquele velho espelho, que eu conhecia tão bem.

Entretanto, desta vez estava movida apenas pelas saudades daquele local. Já não me sentia sozinha no mundo. Tinha papai. Joaquim. Um dia voltaria a encontrar Mica, estava certa disso. Tinha a mim mesma e meus novos pensamentos. E cada um de meus espinhos. Voltava a valorizar todas essas coisas agora. Sem pressa.

E, mais que tudo, tinha Gregg.

Ele havia regressado à cidade, pois tinha que dar algumas aulas, porém estaria de volta no fim de

semana, na floresta próxima ao chalé.

Segundo ele mesmo, aquela seria a primeira vez que ele acamparia em um lugar repetido, pois era a primeira vez que tinha motivo para isso.

Os momentos que passamos juntos não saíam de mim e jamais sairiam. Eu quase podia sentir como se nada mais pudesse me machucar.

Ao me aproximar do roseiral, o cheiro das rosas me invadiu e me fez sorrir. Era bom estar de volta!

Logo, a vermelhidão das flores preencheu minha visão e o mundo

ficou tão lindo, daquele jeito que eu tinha esquecido como era.

Caminhei por entre as roseiras e fui até o cantinho especial onde costumava brincar com Mica alguns anos atrás.

Como eu sentia falta daquele doidinho! Esperava que um dia ele viesse me visitar novamente. Desejava do fundo do meu coração que ele não tivesse desistido de mim durante os anos em que estive refugiada da vida e de nossas brincadeiras. Por tanto tempo ele fora meu único amigo...

Sentei-me naquela porção de terra conhecida, revolvi-a com os

dedos e fiquei a apreciar a companhia das flores e dos espinhos mais uma vez.

Estava em casa. Estava entre amigos.

Papai nunca foi religioso e nunca me levou à igreja. Sempre pensei que a fé dele era algo silencioso, algum tipo de diálogo que ele tinha com os céus que guardava só para si.

Minha fé também era assim. Acho que aprendi isso com ele, em silêncio.

Aquele lugar – o roseiral – era a minha própria igreja. Era onde eu podia sentar e me sentir em paz.

Era como se eu pudesse falar com Deus quando estava na companhia das roseiras. Ali, eu podia sentir Deus em cada canto.

Ele era cada rosa daquele vasto plantio.

Cada espinho das roseiras.

E Ele era também cada um dos meus espinhos.

SEXTO ATO

*A menina que, assim
como as roseiras, era
feita de espinhos*

CAPÍTULO 44

Em meio às preces que eu nem mesma sabia que estava entoando, alguém se aproximou de mim no roseiral.

Levantei-me, assustada com a aproximação repentina.

— Desculpe, eu não queria assustá-la. — Era Muriel, a chefe do

plântio. Uma senhora simpática, que muitas vezes sorria para mim ao flagrar minhas visitas.

Nunca havíamos conversado.

— Eu sabia que um dia voltaria a vê-la — ela me disse com a voz bondosa, quase como um sussurro.

— Eu lembro quando você costumava visitar as roseiras. Faz tempo, não faz?

— Dois anos — falei. — Eu tive... alguns problemas particulares. É bom estar de volta, senti falta das rosas.

— E elas de você, eu posso dizer.

Muriel parecia ser bastante velha. Sua pele era toda enrugada e

seus cabelos brancos estavam presos em um coque no topo da cabeça. Ela vestia um xale tricotado azul-marinho. Seus olhos pequeninos sorriam, assim como seus lábios finos.

— Você disse que teve alguns problemas. Agora está tudo bem, eu presumo — falou, bondosamente.

— As coisas estão melhores — falei, sendo sincera. — Obrigada.

— Não sei muito sobre você, menina. Sei apenas o que dizem por aí, pelos campos. Que sua pele tem espinhos, como as roseiras, e que você nasceu assim.

— É verdade. É exatamente isso.

– Eu gostaria de lhe fazer um convite – falou Muriel, ainda sorrindo para mim. – Sei o quanto você ama este lugar. Você sempre foi bem-vinda aqui. Sua ajuda seria inestimável.

– Ajuda...? – Eu não estava compreendendo onde ela queria chegar.

– Sim. Ajuda. É claro que você teria um salário. Seria pequeno. Temos muitos funcionários aqui, não conseguimos pagar tão bem assim. Mas seu amor pelas rosas faz de você essencial para nós. Seriam apenas algumas horas por semana, ajudando a colher as flores

e talvez até a plantar novas mudas.

— Você está me oferecendo um trabalho? — eu falei, mal podendo conter o sorriso.

— Desculpe se fui invasiva. É que durante esses anos me perguntei onde estaria aquela menina. A menina que, assim como as roseiras, era *feita de espinhos*. Não podia perder a oportunidade de ter essa conversa antes que você desaparecesse mais uma vez.

— A senhora não está sendo invasiva, de forma alguma. É um prazer receber esse convite. Eu não vou mais desaparecer, pode ter certeza. Amo este lugar!

– Você pode pensar na proposta, não precisa me responder agora – ela disse, um pouco encabulada.

– Está brincando?! Minha resposta é sim! Posso começar a trabalhar agora mesmo?

CAPÍTULO 45

Respirei fundo e abri o alçapão. Desci a escadinha nas pontas dos pés. Aproximei-me da velha mesa de carvalho. Estava tudo ali.

Tudo como eu havia deixado.

O giz espalhado. A caixa amassada. Os dedais de espuma, para que eu pudesse desenhar

apesar dos espinhos dos meus dedos. Os papéis soltos e alguns até caídos sob a mesa. Tudo estava exatamente como deixei dois anos atrás.

Era como uma metáfora da minha vida. Tudo havia me esperado durante aqueles dois anos de clausura.

Havia pó acumulado. Na mesa. No giz. No papel. Nos meus dias.

Mas nada que eu não pudesse limpar.

Tudo ali era meu mundo, o velho mundo que eu tinha deixado para trás um dia, e, como um viajante que percebe que desceu do trem

errado, corri pelos trilhos e embarquei novamente. Ainda cambaleando e suando pelo esforço. Mas, mais que nunca, eu sentia que estava de volta. Agora no vagão correto.

Coisas novas estavam ali comigo. Coisas que recolhi durante o caminho de regresso.

Não apenas Gregg e o emprego no roseiral, mas também as cascas de todas as minhas feridas. As cicatrizes e os machucados que ainda doíam um pouco (não só as feridas causadas pelas pedradas). Assim como tudo o que cada um desses machucados me trouxe de

novo. Cada aprendizado, daquele tipo profundo e doído, que só vem da tristeza. Eu trouxe tudo comigo quando decidi embarcar novamente.

Peguei um giz por entre os dedos, enquanto sentia que uma única e silenciosa lágrima descia por minha face e recobria meus espinhos com delicadeza.

Também peguei um dos papéis em branco.

Com cuidado, tirei um pouco de pó da minha cadeira e me sentei à mesa.

Então, desenhei.

Com giz e papel, eu era definitivamente eu mais uma vez.

Desenhei a barraca de Gregg na pequena clareira. E o lago vermelho com seus arredores cobertos por um tapete vermelho de folhas secas caídas. E o cânion. E as nuvens, que tornavam o céu e a vida tão frágeis.

Nos últimos dois anos eu não descera mais para o porão. Não vira nenhum giz e nenhum papel. Não desenhara ou pintara. A vida não tivera cor alguma.

Na realidade, eu continuei estudando em casa, fazendo os deveres conforme minha tristeza me permitia. Papai continuou me ajudando. Mas nada de desenhos ou

descontrações. Eu fizera apenas o estritamente necessário para terminar os estudos. Completara em casa todos os anos letivos que um jovem normal passaria no colégio.

Assim como Gregg, não sabia se iria para a faculdade. Precisava de um tempo para decidir o que fazer com minha vida – agora que tinha decidido viver mais uma vez.

O trabalho com as roseiras decerto seria a forma mais perfeita de começar a nova fase.

Assim como o giz e o papel.

Após desenhar até ficar com os punhos doendo, pendurei o desenho na parede junto dos demais. Era um

novo capítulo alegre de minha vida, que eu queria mostrar à mamãe. Eu, retratada mais uma vez sem espinhos, estava junto de Gregg em momentos felizes.

Em seguida, comecei a observar meus antigos desenhos. Estavam todos ali. Retratos da vida e de minha coleção de momentos.

Em meio a tanta cor e magia, quase perdi a hora para ir trabalhar. Deixei, com um sorriso no rosto, meus desenhos ali mesmo. Eles ficariam a me esperar mais uma vez, porém agora com a certeza de meu breve retorno.

Corri para o roseiral.

CAPÍTULO 46

A primeira semana que passei trabalhando no roseiral não poderia ter sido melhor.

Logo nos meus primeiros dias como funcionária, permiti-me explorar as roseiras, que se perdiam de vista a formar um mar vermelho, no qual eu quis

mergulhar e me atirar sem medo. Visitei cantos que nunca tinha visitado antes. Perdi-me e então voltei. E andei por entre as rosas por muito tempo.

Em certos momentos, quando não havia ninguém por perto, eu abria os braços e corria por entre as roseiras altas. Sentindo-me livre e viva. Sentindo como se eu pudesse voar.

Corri e voei até perder o fôlego. Depois, abri os braços e corri mais uma vez, como um pássaro no meio das rosas.

Se Muriel estivesse me observando em segredo – e às

vezes eu realmente pensava que ela estava fazendo isso –, teria certeza de que eu era louca. E também teria certeza de que havia felicidade mais uma vez em mim.

Aquele local ainda era meu espelho. Assim como fora desde a primeira vez em que eu estivera ali, anos atrás. Mas era diferente agora.

Eu estava diferente e o mundo também parecia diferente perante os meus olhos. As rosas eram exatamente as mesmas, mas a forma como eu me via refletida em seus espinhos era nova. Mais reconfortante.

Era um espelho gigante, que

havia quebrado e sido colado de volta. E se tornado ainda mais bonito.

Na sexta-feira, quando terminei meu turno no trabalho, saí correndo, sentindo a alegria percorrendo meu corpo feito sangue. Estava indo ao encontro de Gregg.

Meu coração sorriu ao chegar à pequena clareira na qual ele acampava.

A barraca azul e amarela estava ali. Assim como a lamparina apagada. Os livros de meditação. Os incensos.

A música.

Detive-me por um instante

ouvindo a música alegre, a mesma que me atraía para Gregg dias atrás. Aquela música havia sido meu caminho até ele.

Aquela música significava *tudo*.

De repente, Gregg saiu do interior da barraca, onde estava ajeitando seu material de acampamento, e o sorriso em seu rosto me disse, sem palavras, que seu coração também sorria naquele momento.

Eu sabia que o coração dele sorria ao me ver. Sorria de volta para o meu.

Queria tanto ser capaz de andar em direção a ele e...

Tocá-lo. Abraça-lo. Sentir sua pele de encontro à minha. E seu coração bater e sorrir bem pertinho do meu.

Sentir sua respiração a centímetros do meu corpo, espantando qualquer sonho ruim para longe. Mandando embora qualquer lágrima não derramada.

Queria mostrar a ele, através da minha pele e das minhas mãos, como ele era importante. E deslizar meus dedos por sua face, tão linda, agradecendo-lhe por ter voltado.

Ele voltara por mim. *Para mim.* E eu só queria que ele soubesse o quanto isso significava.

Foi nesse instante – em que ficamos no mais completo silêncio nos contemplando – que eu soube que ele entendia tudo.

As vontades que jamais se realizariam.

Os espinhos que nos distanciariam para sempre.

Ele soube e eu também.

Eu soube, com a mais plena certeza, que ele sentia o mesmo. Que ele também queria me abraçar e me beijar. E, acima de tudo, eu soube que ele aceitava aquela situação, que me aceitava, e aceitava cada um dos meus espinhos.

Então também me aceitei e o abracei em pensamento, e o grudei em meu peito de todas as formas que pude.

Foi tão intenso. Aquele silêncio gritou tão alto que eu me senti mais que nunca agradecida por estar viva e por ser capaz de ter aqueles sentimentos em mim.

— Eu gosto de você exatamente como você é — Gregg disse, reunindo todas as palavras que não havíamos trocado naquele breve reencontro.

Foram as primeiras palavras que ele me disse naquele dia.

Primeiras de muitas.

Ajudei-o a terminar de arrumar sua pequena bagunça, então saímos pela floresta.

Pegamos uma trilha diferente. E no dia seguinte, outra.

Desta vez, ele acampou por três dias antes de voltar para a cidade mais uma vez, e nós aproveitamos cada instante daqueles dias.

Rimos e corremos pela mata. Escalamos. Pulamos em uma pequena cachoeira. Sentamo-nos e lemos junto do nosso lago vermelho. Eu o levei para conhecer o roseiral – queria dividir tudo que amava com ele.

Observamos o cânion enquanto

contávamos histórias engraçadas de nossa infância. Enquanto nos descobríamos e nos gostávamos cada vez mais.

Parecia um milagre.

Gregg era um par de olhos que me fitava com curiosidade desde a primeira vez que nos encontramos. E agora ele me fitava com algo mais.

Ele era o dono do par de olhos que me olhou de forma única.

Dono de certos olhos que me encontraram e viram algo belo em mim.

Algo que eu nunca vi e nunca veria.

Segundo suas próprias palavras, eu era bonita porque havia brilho no meu olhar. Não um brilho qualquer, mas que só tem quem conhece a vida e suas facetas mais tristes e ainda assim não desiste de caminhar sob o sol.

Ele disse que meus espinhos eram necessários porque eles faziam de mim uma roseira rara. A única a caminhar sobre a terra e capaz de realmente se apaixonar.

Finalmente alguém havia visto pétalas em mim.

CAPÍTULO 47

Desde quando comecei a trabalhar no roseiral, eu sabia que aquele dia chegaria.

O dia de rever Lolita. Olhá-la nos olhos e deixar toda a dor de dois anos atrás voltar e me atingir.

Num dia qualquer, numa hora qualquer de uma semana qualquer,

o momento da verdade chegou. Eu não sabia dizer se estava pronta para aquilo. Para aquele reencontro com a dor.

Lolita não havia sido a única a me ferir; ela havia sido a gota d'água. Na realidade, a última gota de humilhação que coube no meu copo.

Ela era a cara da dor para mim. A personificação.

Sempre que me lembrava de seus olhos atrevidos e autoritários durante os últimos meses, era com pesar e raiva, dando espaço para que calafrios horríveis percorressem meu corpo e me

mantivessem cada vez mais afastada do mundo.

Não tive escolha.

Estava abaixada a um canto, cuidando de uma muda de uma das roseiras, quando duas sombras se aproximaram de mim e virei o rosto por reflexo, para ver quem se aproximava.

Pelo visto, nada mudara na vida de Lolita.

Seus cabelos loiros continuavam perfeitos. Assim como sua pele, lisa e rosada. Tudo aquilo que a minha nunca seria.

Dentro de seus olhos vi o mesmo cinismo que bem conhecia. O

deboche. A arrogância.

Sua mãe estava a um passo de distância, observando algumas rosas boas para compra.

A mesma pele. Os mesmos olhos. A mesma rotina. Estavam buscando rosas, como sempre fizeram.

Ela tinha continuado a viver, enquanto eu, não.

Não que aquilo me surpreendesse. Eu sempre soube que a minha humilhação tivera impacto apenas em mim, e que todos meus agressores haviam continuado com suas vidas e seus dias, sorrindo e respirando ao ar livre. Inclusive Lolita.

Contudo, eu havia passado todo aquele tempo tentando lidar com feridas que jamais se fechariam de verdade e que, de alguma forma, ainda doíam. E Lolita trazia de volta os fantasmas do passado.

A sensação de sentir a dor voltar e não poder fazer nada para evitar era terrível.

Ao me ver ali, agora trabalhando abaixada na terra, ela abriu um pequeno sorriso no canto dos lábios.

Obviamente não foi um sorriso de alegria ou bondade. Ela devia estar se divertindo ao me rever após tanto tempo, constatando que

eu continuava a mesma aberração de sempre. E ainda me encontrava em uma posição de serviçal para alimentar seus luxos. Ah, as rosas! Como elas, tão lindas e queridas para mim, podiam ser nossa ligação?

Levantei-me e tomei coragem para olhar bem dentro dos olhos matadores de Lolita e, apesar de ter titubeado e me sentido com medo a princípio, sustentei-os e desafiei-os.

E foi ali, no fundo dos olhos daquela menina (que um dia eu invejei) que sempre me odiou e repudiou por causa da minha

aparência, que compreendi que na verdade o que ela mais sentia em relação a mim era medo.

Lolita temia meus espinhos por não compreendê-los e não aceitá-los.

E foi exatamente isso que eu fiz quando me escondi do mundo.

Eu havia temido as pessoas tanto quanto elas haviam me temido. E, acima de tudo, eu não me aceitara.

Jamais compreendera os espinhos, por que e como estavam ali em mim. Assim como Lolita não compreendia.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ela se afastou de mim,

com a cabeça menos empinada que de costume, seguida pela mãe, que, como sempre, olhava-me com receio, mas não me dirigia uma palavra sequer.

Algum de meus colegas vendeu-lhes as rosas costumeiras e elas logo partiram em silêncio.

Fiquei um bom tempo contemplando o rastro de temor que elas deixaram ao partir do roseiral.

O clima de tensão era quase palpável por entre as rosas, e, com o passar dos segundos, ele dissipou-se junto ao aroma adocicado das flores, e senti que meu coração ficou mais leve e que

tudo estava bem.

Aquele encontro, acima de tudo, havia sido necessário.

Eu precisava olhar dentro dos olhos de Lolita para finalmente dizer a mim mesma que não me importava com ela e suas opiniões pequenas. Eu havia crescido com a dor. Meus espinhos eram, agora, minha proteção, não minha fraqueza. E eu devia isso, em parte, a ela.

Precisei também olhar dentro de seus olhos para saber que o maior perdão que eu deveria aprender a oferecer não era a Lolita. Mas a mim mesma.

Não que ela tivesse pedido perdão – ela jamais pediria –, mas eu sabia que já a perdoara há muito tempo.

Novamente, isso era importante apenas para mim. O perdão e a dor eram sentimentos meus, como sempre foram. O mundo nunca saberia, porque não estava pronto para saber.

O importante era que eu havia mudado. E foi através dos olhos de Lolita que eu entendi que, se estivesse no seu lugar, teria agido da mesma forma. Eu também repudiaria a *menina feita de espinhos*, assim como havia

passado os dois últimos anos repudiando-a e escondendo-a do mundo.

Eu e Lolita éramos realmente iguais.

CAPÍTULO 48

Os espinhos estavam lá, mas eles não eram mais o muro. Eram a conexão. Eram a resposta. A alameda que o trazia até mim.

Sem caminho de volta. Sem mais distância ou solidão entre nós.

Os espinhos não nos machucavam; eles acariciavam.

Gregg tocou toda minha pele, envolvendo-me com seus dedos quentes e com seus toques repletos de ternura.

Ele passeou pelos espinhos do meu corpo, descobrindo e vencendo cada um deles. E amando-os — amando-me.

De uma forma avassaladora e escandalosa.

Sem medo do meu veneno ou de qualquer outra consequência.

Estávamos na floresta, deitados sobre a relva, rodeados por árvores e nada mais. Um sorriso bobo tingia nossas faces, e tudo que havia na vida era aquele momento.

Perdemo-nos nas horas. No tempo. No mundo.

Ele me beijou suavemente nos lábios, vez após a outra, sem cansar. E beijou minha face e minha testa e minha barriga, até me fazer cócegas. Ele beijou meus olhos e os espinhos de dentro do meu ouvido.

E eu adorei e odiei o tanto que o amava, porque aquilo era tão viciante e a sensação de tê-lo colado ao meu corpo doía em mim, porque podia acabar em algum momento.

Ninguém jamais havia me beijado, me abraçado, me tocado.

Um milhão de sensações

percorriam minha pele e faziam meu peito saltar. E fizeram com que eu me apaixonasse por Gregg a cada pulsar do meu coração.

Ele suavemente tirou meu vestido de seda e, em seguida, as próprias roupas.

Nada nos separava. Nem todos os espinhos do mundo me impediriam de me entregar a ele completamente, de corpo e alma. Com todas as vontades e com todas as minhas tormentas.

Gregg me aceitou como eu era e me aninhou contra seu corpo, ainda me beijando e acariciando. Não havia qualquer preconceito ou

qualquer julgamento em nosso amor.

Nós éramos e estávamos completamente livres.

Ele entrou em mim e eu arfei, sentindo que todas as barreiras se rompiam. As físicas e as da alma. E eu era dele a cada respiração e a cada movimento de seu corpo junto ao meu.

Envolvi-o com meus braços e pernas da forma mais intensa que pude, para que ele jamais se fosse. Para que seu toque estivesse sempre sobre minha pele. Para que aquele momento me acompanhasse para sempre.

E, quando acordei, eu sorria e chorava ao mesmo tempo.

O sorriso viera porque cada sonho lindo que temos na vida colore os dias como giz de cera e torna a existência uma bênção.

As lágrimas, por sua vez, surgiram pela dor e angústia de saber que aquilo tudo jamais aconteceria. Não importava com quantas cores diferentes de giz eu colorisse meus sonhos, Gregg jamais me tocaria e, com o tempo, a vontade se tornaria cinza.

Só me restava colorir o amor que eu sentia por ele com as cores da pureza e da inocência, porque os

abraços estariam para sempre
proibidos.

CAPÍTULO 49

– Você já conheceu minhas rosas, agora quero que você conheça o Joaquim – falei certa tarde, quando Gregg voltou a acampar próximo ao chalé.

– Joaquim é seu cavalo, certo?

– Certo... Mas há apenas um problema.

– E qual é?

– Teremos que ir enquanto meu pai estiver trabalhando – falei, prendendo a respiração. O suor deslizava pelas minhas mãos e por entre os espinhos.

Ele pensou por um instante, absorvendo aquela informação. Então, com um sorriso no canto dos lábios, perguntou:

– Você tem vergonha de mim?

– Eu? Vergonha de você? – Não pude conter a gargalhada. – Como você pode imaginar que a menina porco-espinho teria vergonhado do garoto-pele-lisa-e-perfeita?

– Eu tinha um colega de escola

que nunca mais me convidou para ir à sua casa depois que tentei convencer sua mãe a mudar a posição dos móveis da sala de estar.

– E por que você fez isso?

– Já ouviu falar de *feng shui*?

– Ah, meu Deus! – balancei a cabeça, mais uma vez rindo de algo que Gregg dizia. – Não acredito que você fez isso!

– Está vendo? Talvez você também tenha receio de que eu comece a falar com seu pai sobre os benefícios da meditação e que lhe dê alguns incensos de presente.

– Você entendeu errado, Gregg. É

que meu pai... – O suor na palma das minhas mãos tornou-se mais denso, eu ficava nervosa apenas de imaginar a situação. – Você sabe, eu nunca lhe apresentei um garoto. Ele é calmo geralmente, mas não sei como iria reagir.

– Seu pai nunca conheceu nenhum de seus namorados?

– Que namorados? Você realmente pensa que alguém vai querer namorar uma menina feita de espinhos venenosos?

– Eu sei que eu quero – ele disse, dando de ombros. – E ficarei feliz em ser apresentado ao seu pai como seu primeiro namorado.

Meu suor agora literalmente pingava.

— Você está querendo dizer... Aliás, está realmente *dizendo* que nós estamos namorando?

— É claro que estamos! Eu já contei pros meus amigos da cidade e pra minha família que tenho arrumado uma namorada. Todos estavam curiosos pra saber por que, pela primeira vez, eu continuava acampando sempre no mesmo lugar.

Ele já tinha contado à família e aos amigos sobre mim.

Por dentro, eu estava surtando, mas tentei parecer madura e natural perante a situação. Certamente ele

já tivera outras namoradas, e eu não queria parecer desesperada.

— Você não acha que estamos namorando? — Ele quebrou meu surto interno com sua voz mansa e doce, olhando-me bem dentro dos olhos.

— Não tinha pensado dessa forma. Eu sou tão limitada. Quero dizer, haverá limites em nossa relação. Você nunca poderá me tocar...

— Ah, eu entendo onde você está querendo chegar. Kat, eu quero que você me escute com muita atenção e jamais se esqueça destas palavras. Você é a garota mais linda e

especial que eu já conheci. Cada instante que passamos juntos caminhando pela floresta, conversando, observando a natureza, escalando montanhas, sentados à beira do nosso lago, foi como se o tempo parasse e só existisse você no mundo. É essa a sensação que eu sinto com você, e ela é grande e maravilhosa o suficiente para substituir qualquer beijo ou qualquer abraço.

Ele respirou fundo e continuou a dizer:

– É claro que eu adoraria tê-la em meus braços e amar você de uma forma física e intensa. Você e

esses seus espinhos tentadores liberam todas as formas de desejo em mim. Porém, eu quero você, e se tudo o que posso fazer é ficar ao seu lado sem tocá-la, eu aceito. Eu só quero estar com você, se for isso o que você também quiser. Desculpe nunca ter deixado isso claro. Em minha cabeça desmiolada, o amor que eu sinto por você seria o melhor pedido de namoro que eu poderia fazer.

Eu chorava sem perceber.

— Então — falei — o amor que eu sinto por você será a melhor forma de dizer: sim, nós estamos namorando.

Naquele exato instante tão colorido, em meio às árvores, que sempre testemunharam nossos sentimentos, ele esticou e paralisou as mãos no ar, virando as palmas para minha direção. Eu soube instantaneamente o que fazer.

Também ergui minhas mãos e levei-as de encontro às suas, chegando bem perto.

Tive certo receio de machucá-lo, então mantive as palmas de nossas mãos afastadas alguns centímetros. Porém, ele as aproximou.

Deixando as palmas de suas mãos a pouquíssimos milímetros da ponta de meus espinhos, Gregg

estava mais perto de mim que qualquer outra pessoa já tinha estado.

Eu fechei os olhos, absorvendo aquele momento e o calor de sua aproximação.

O sonho que eu tivera aquela noite me dizia o quanto meu corpo o desejava. Contudo, minha alma, com aquela aproximação real e inédita, sentiu-se repleta e satisfeita.

Ela – minha alma – sorriu e ficou em paz ao receber todos os beijos, todos os toques e todos os abraços do mundo naquele instante, com uma simples aproximação. O que

não dissemos foi o que nos fez entender a profundidade do que sentíamos um pelo outro. E todos os toques que não trocamos foram o que saciou nossos corações e lhes deu a direção para continuar a bater.

Abri os olhos e sorri com o pensamento de que eu agora tinha um namorado.

CAPÍTULO 50

Gregg conquistou o direito de conhecer meu pai e, claro, o Joaquim.

Naquela tarde, após termos oficialmente iniciado nosso namoro – que extraoficialmente começara no dia em que ele me confundiu com um porco-espinho gigante no

meio da mata –, Gregg foi até o chalé.

Não posso negar que estava aflita com a situação.

Preferi não dizer nada ao papai e deixar que ele visse com os próprios olhos.

Assim que Gregg bateu à porta e papai atendeu, senti as pontas dos meus dedos estremecerem gentilmente e o compasso do meu coração aumentar.

– Em que posso ajudar? – ouvi papai indagar, ao se deparar com a face desconhecida de Gregg.

– Olá, senhor. Meu nome é Gregory, eu vim me apresentar e

respeitosamente pedir a mão de sua filha em namoro.

Percebi que papai estreitou o vão da porta, como se pudesse garantir que aquele rapaz à sua frente não a invadisse.

– Pedir a mão de minha filha? Kat?

– O senhor tem alguma outra filha?

Com uma expressão de espanto, meu pai respondeu:

– Não, eu não tenho outra filha, mas não entendo como isso possa estar acontecendo...

Aproximei-me:

– Papai, é verdade. Sei que você

não esperava que isso acontecesse, mas eu o conheci na floresta, aqui nos arredores do chalé, e desde então temos conversado e passado bastante tempo juntos...

— Vocês o quê?! Como assim vocês têm passado *bastante* tempo juntos? E na floresta!

Papai aumentara o tom da voz sem se dar conta. Aquilo estava sendo realmente difícil, como eu previra.

Eu queria que ele olhasse para Gregg com a mente e o coração abertos e compreendesse que eu o amava e que ele me amava de volta. Era isso que importava. Mas eu não

poderia expressar sentimentos tão profundos naquele momento. As várias camadas do meu sofrimento de anos faziam com que eu ainda temesse revelar por completo o que havia no meu interior. Levaria tempo para que eu dissesse a papai o quanto gostava de Gregory, embora isso estivesse estampado em minha face.

Eu já mostrava muito de mim ao mundo através dos meus espinhos e de meu veneno.

Por sorte, Gregg voltou a falar:

— Senhor Rubens, sei que pode parecer estranho, mas, com todo respeito, eu gosto muito de sua filha

e planejo fazê-la feliz.

Estreitando os olhos e finalmente atendendo às súplicas contidas nas mil expressões de meu rosto naquele momento, papai permitiu que Gregg entrasse em nossa sala.

— Você não pode tocá-la... você pode se ferir ou até morrer — ele disse.

— Estou ciente da situação, senhor Rubens. Contudo, quero deixar claro que a companhia de Kat me faz feliz e será o suficiente todos os dias da minha vida.

Não há palavras para expressar a felicidade que senti com aquelas palavras. Gregg estava sendo tão

doce e ao mesmo tempo tão decidido em me ter oficialmente como sua namorada, que não pude evitar um grande sorriso.

— Como você se sente em relação a isso, filha?

— Muito feliz, papai, eu não poderia estar mais feliz!

Papai vagueou os olhos de mim para Gregg por alguns instantes. Pela forma como nos olhava, eu sabia que ele estava avaliando a situação inusitada e completamente inesperada que lhe era apresentada. Eu sabia que ele jamais teria as mesmas preocupações que o pai de qualquer outra garota tinha quando

a filha apresentasse o primeiro namorado. Gregg jamais me faltaria com respeito, fisicamente falando. Jamais tiraria proveito de mim, a menos que quisesse correr risco de morte.

Contudo, estava claro que papai temia que eu me machucasse, que Gregg se cansasse e me deixasse, partindo meu coração.

As palavras a seguir podem ter contribuído para que papai tomasse sua decisão:

— Eu sei que o senhor não esperava que eu viesse hoje, nem mesmo que Kat tivesse um namorado. Sei que o senhor a ama e

que ela é sua única família, sua menininha. Mas o senhor pode me receber em sua família perante a minha promessa de jamais fazer mal à Kat. Prometo também fazer com que o amor que ela vai receber daqui pra frente seja duplicado. Eu não vou tirá-la do senhor. Jamais serei sinônimo de subtração em suas vidas. Quero apenas somar. Ela é uma menina linda, a mais linda e especial que eu já vi.

Papai, pela primeira vez desde que pusera os olhos em Gregg, relaxou os ombros.

— Muitas pessoas machucaram a minha filha, mas eu sei que ela

merece ser amada, assim como todas as pessoas deste mundo. Jamais poderia me opor, caso ela tenha decidido que você, Greggory, é bom o suficiente para namorá-la. Confio em seu julgamento. Mas quero que você saiba que estou levando a sério sua promessa de jamais machucá-la.

— Tem a minha palavra, senhor — Gregg disse, estendo a mão para papai, que, com certo receio, aceitou.

— Você gosta de chá?

— Sim, senhor.

— Por favor, me chame de Rubens. Irei preparar chá e

biscoitos para nós.

Dizendo isso, papai foi para a cozinha, deixando-nos sozinhos. Eu sorria de orelha a orelha, não podia evitar.

– Suas palavras... elas foram divinas. Obrigada por tudo o que disse sobre mim – falei.

– Elas foram verdadeiras, todas elas.

– As pessoas, com exceção de papai, sempre tiveram apenas palavras agressivas para mim. Ofensas e preconceitos desmedidos. Recebi agressividade minha vida toda, é até difícil pensar que exista alguém como você, que

só diz coisas doces.

— Vou fazer com que você se acostume com isso e que se esqueça das ofensas. Você merece apenas o que é lindo.

Ao ver a expressão séria que percorreu meu rosto por um breve instante, Gregg indagou:

— O que foi?

— Eu estava apenas pensando em como a maioria das pessoas quer sempre nos ferir. É como se todos tivessem espinhos, que machucam e envenenam o tempo todo por meio de palavras e ações. Todos no mundo são machucados e querem machucar cada vez mais.

– Apenas você não esconde os espinhos... – ele disse, concordando com meu pensamento.

– E apenas com você eu posso me dar ao luxo de não ter medo de ser quem sou.

Eu queria me abrir cada vez mais, sem medo algum. Gritar a ele e ao mundo o quanto aquilo tudo significava.

Meu amor por Gregg me abria para o mundo de forma nova.

Eu mal podia esperar para me conhecer melhor e desembrulhar mais algumas camadas de sentimento que eu tinha escondido por tanto tempo, protegidas e

guardadas por espinhos.

LIVRO DA VIDA

VI

Eu construía paredes sólidas ao meu redor, usando as dores como tijolos e os espinhos como portões com lanças afiadas, para que ninguém mais se aproximasse.

Agora, as paredes tombavam.

Com Gregg, era como se não existisse parede alguma. Ou mesmo nenhum espinho.

Ele acendera lanternas na minha noite escura e derrubara todas as minhas resistências. E nem por um segundo eu tive dúvidas se o deixaria se aproximar.

Eu o queria bem perto.

CAPÍTULO 51

O chá com papai e Gregg foi um pouco tenso no começo, mas logo todos relaxamos e conversamos por quase duas horas.

Papai quis saber tudo sobre Gregg: o que ele fazia da vida, por que gostava de acampar, quem era sua família, como era a vida que

levava na cidade e com que frequência viria nos visitar.

Gregg disse que viria todas as semanas.

— Você pode ficar no quarto vago que temos, não precisa dormir na mata.

Tanto eu quanto Gregg não esperávamos que meu pai fosse fazer aquela oferta. Eu sabia o quanto Gregg amava acampar e dormir em meio às árvores. Porém, para não fazer desfeita ao convite de seu sogro, ele disse que continuaria a montar sua barraca às vezes, para meditar na floresta e dormir rodeado por seus incensos e

pelo cheiro e som da floresta, mas que em outros dias alternaria e viria dormir em nosso chalé.

Após o chá e toda a conversa, papai se recolheu para ler na sala, e eu e Gregg fomos até Joaquim, que ficou radiante com nossa visita.

Soltamos meu amado cavalinho no pasto e brincamos com ele até o entardecer. Em seguida, deitamos de costas na grama ao lado do chalé, vendo as primeiras estrelas da noite surgirem tão distantes de nós.

Aquele dia havia sido tão maravilhoso para mim que eu senti necessidade de falar e deixar tudo

que me amargurava transbordar. Sabia que seria amparada por Gregg e que se tirasse mais alguns pesos dos meus ombros, a vida ficaria ainda mais brilhante – da mesma forma que o céu, reinando acima de nós, ganhava brilho com cada estrela nova que surgia.

Falei sobre Lolita e sobre toda a humilhação que passei na cidade.

Gregg já ouvira aquela história antes, mas desta vez contei com mais intensidade. Aprofundei minhas palavras e sentimentos, e pude sentir que Gregory as recebeu, dividindo assim o peso de toda aquela dor comigo. Eu

precisava daquilo. O reencontro com Lolita no roseiral me abalara em vários níveis.

Descobri naquele momento que amar era dividir também as dores. *Principalmente* as dores.

Contei sobre como dei a Lolita meu perdão, sem que ela tivesse pedido. Por fim, acolhendo e consolando minhas palavras, e completando-as com otimismo e carinho, Gregg sugeriu que fôssemos até a cidade no dia seguinte.

— Faz mais de dois anos que você não desce as colinas, Kat. Ir até lá será não apenas o dia em que lhe

apresentarei aos meus amigos e familiares, mas também o dia em que você perdoará todos que um dia lhe feriram. Lolita foi apenas a primeira a receber seu perdão sincero e silencioso. Você está pronta e precisa disso.

Assenti.

Eu não tinha certeza de que estava pronta, porém sabia mais que nunca que eu não estava sozinha e que não precisaria passar por mais aquele desafio. Sentia que com Gregg ao meu lado eu podia tudo. Podia enfrentar o mundo todo e retribuir cada agressão com amor e cada pedrada com uma flor.

Com uma rosa.

CAPÍTULO 52

Na esquina onde tudo aconteceu, perto da rua de paralelepípedos, estufei o peito e andei de cabeça erguida.

Nem podia acreditar que estava de volta àquele lugar em que senti meu mundo desabar anos atrás.

Tudo era diferente agora.

Gregg me protegia e me incentivava conforme andava ao meu lado, porém eu mesma me sentia melhor. Me sentia *maior*. Talvez maior do que eu era de fato.

A cada passo, olhei para as pessoas ao meu redor. Bem dentro de seus olhos.

Claro, não eram as mesmas pessoas que me apedrejaram, mas eram parte do todo, e os olhares que me julgavam persistiam em cada canto.

Havia um pouco de medo e receio em mim, não posso negar, mas os escondi bem no fundo da alma, e aproximei-me de quem

cruzava meu caminho.

A cada olhar de repulsa que me foi dirigido, estendi uma rosa.

Eu havia tido aquela ideia na noite anterior, e, antes de descermos para a cidade, Gregg ajudou-me a buscar inúmeras rosas no roseiral. Tantas quantas conseguíssemos carregar em cestas.

Ofertei várias rosas e vários sorrisos, sentindo que a cada um deles, minha alma se tornava mais leve.

Ninguém ousou dizer nada. Nem uma palavra de agressão. E também nenhum agradecimento pela rosa.

Na maioria das vezes, as pessoas

receavam aceitar minha flor, mas acabavam aceitando por educação ou até por medo de que eu e meus espinhos os atacassem.

Quando todas as cestas que eu e Gregg carregávamos foram esvaziadas, senti o quanto havia mudado durante meus dois anos de clausura. Não julgaria mais minha decisão de me afastar do mundo por um tempo. De alguma forma, eu precisei daquilo. Precisei recuar, para voltar agora mais forte e para ver tudo e todos de um novo ângulo. Cada uma de minhas ações, mesmo quando decidi pela reclusão, havia contribuído para eu me tornar mais

forte. E agora eu estava entregando rosas às pessoas que um dia me arremessaram pedras.

Eu havia desabrochado por completo.

A sensação de voltar anos depois àquele lugar – e entregar, com as rosas, meu perdão silencioso àqueles que me apedrejaram – havia sido a melhor forma de limpar minha alma e reunir forças para caminhar cada vez mais de cabeça erguida.

Para frente. E para longe.

Era um ponto final de um capítulo triste do livro da minha vida. Um longo e doloroso

momento de minha coleção que chegava ao fim.

E, com aquela página virada, eu estava pronta para voltar a escrever sobre sonhos e momentos felizes. Fazer desenhos cada vez mais coloridos sobre os meus dias.

Dei uma olhada ao redor. Aquela esquina. As pessoas que passavam por mim.

Tudo ali era tão lindo.

Por fim, já tendo cumprido a primeira missão do dia, Gregg me direcionou até sua casa, e senti que mil borboletas voavam em meu estômago. Estava ansiosa para conhecer as pessoas que eram

especiais para ele.



Há momentos na vida que fazem tudo ter sentido e ter valido a pena.

Eu ousaria dizer que vivi cada um dos meus dias para chegar naquele momento.

Gregg certamente já havia contado à sua família e amigos quem eu era. *Como* eu era. Ainda assim, mesmo sabendo de meus espinhos, as pessoas no geral costumam se assustar quando me veem pela primeira vez.

Mas não aquelas pessoas.

Eles amavam Gregg e passaram a me amar também.

Não senti medo ou repulsa em seus olhos.

Uma certa curiosidade, sim, sem dúvida, mas aquelas pessoas me fizeram compreender por que Gregg era tão especial. Seu lindo coração somado a uma família que o criara com a mente e o peito tão abertos fez com que ele se tornasse a pessoa certa para mim. Um rapaz capaz de amar acima das aparências.

Todas as pessoas são complexas, têm infinitas camadas a serem exploradas, e jamais podem ser

resumidas a uma palavra. Sei disso. Porém, se eu fosse obrigada a resumir os familiares de Gregg, seus pais e irmãos e até alguns primos em apenas uma palavra, mesmo sabendo que jamais lhes faria justiça, eu escolheria “humildade”.

Nos divertimos muito aquele dia na casa de Gregg e, quando finalmente subimos de volta para o chalé, onde papai me esperava ansioso pelas novidades de meu dia na cidade, eu sentia que tudo valera a pena.

Sentia que tudo era fundamental: cada espinho que me recobria e

cada gota de meu veneno. Se não havia no mundo amor sem dor – e isso é uma realidade –, os espinhos eram os pedacinhos de dor que me separavam de amar Gregg por completo. Eles sempre seriam.

Mas eu não mais os odiava por isso. Sabia, mais que nunca, o quanto eles me tornavam quem eu era e o quanto me protegiam e me faziam especial.

Há pessoas que parecem dormir o tempo todo em suas vidas, mesmo de olhos abertos. Elas só enxergam o que conseguem ou, talvez, o que querem. Cambaleiam pelo mundo. Pessoas que se arrastam do

trabalho para a escola ou para casa. Que fazem compras às pressas e que conversam apenas por meio de e-mails e celulares.

Pessoas que não têm tempo para um carinho e uma palavra amiga, e em cujos corações há apenas ideias jogadas e aprisionadas pela sociedade. Apenas preconceito.

Não há espaço para que essas pessoas amem. Apenas espaço para que julguem.

São pessoas que não estão acostumadas a darem abraços ou a abrirem seus corações. A aceitarem o diferente e acharem-no belo. A olharem dentro dos olhos de um

estranho e compreenderem que ali existe uma alma frágil e cansada, mas que busca carinho e compreensão.

Nem todos acordariam, mas eu havia acordado, não apenas para o amor, mas para as diferenças.

Eu havia deixado de ser uma delas.

Eu agora via as diferenças como força. E tudo aquilo que havia de diferente em mim me tornava linda, única e um ser humano completo, que aceita as falhas e que constrói a vida de mãos dadas a elas.

CAPÍTULO 53

Os meses que se seguiram foram absolutamente especiais.

Gregg foi me visitar todas as semanas, sem faltar uma sequer. Continuamos a fazer nossas caminhadas pela mata e a ler à beira do nosso lago. Também brincávamos com Joaquim e

tomávamos chá com papai.

Gregg gostava especialmente quando ficávamos sentados sobre a grama, eu com meus papéis e giz e ele me vendo desenhar. Eu ainda preferia desenhar na mesa de carvalho do porão devido à conexão com mamãe, mas abria exceções quando ele pedia e fazia alguns desenhos ao ar livre.

– Desculpe se eu cheguei um pouco atrasado – ele disse num desses momentos tão coloridos.

– Atrasado? – indaguei.

– Sim. Eu tenho a sensação de que passei todo esse tempo à sua procura e que você esteve à minha

espera. Talvez seja por isso que eu sempre mudava os locais em que ia acampar. Quando eu percebia que não era ali que você estava, eu continuava a mudar o destino, até encontrá-la aqui.

– Mas talvez você tivesse me encontrado antes se eu não tivesse passado dois anos me escondendo do mundo. Sinto muito.

– Não, foi minha culpa. Eu que peço desculpas por não ter chegado mais cedo na sua vida.

– Mas agora temos a vida toda – eu disse, sentindo meu coração se reconfortar com aquele fato.

– Você está certa. E o que somos

nós diante do amor? Não somos nada, ninguém é. Está acima de todas as compreensões. Certamente, cheguei quando estávamos prontos para nos encontrar. É que a sensação de que eu sentia sua falta antes de te conhecer é um pouco desconfortável. Eu sei que você fez falta em cada um dos meus dias até aquele momento em que a persegui pela mata com um taco de beisebol.

Com um sorriso na face, continuei a desenhar com meu giz.

Aquele era um bom dia para estar viva.

E, com o tempo, descobri que todos os dias eram. Cada um deles

se tornou um milagre para mim.

Eu sabia que Gregg me amava, e que não era *apesar* de eu ser diferente. Era justamente *porque* eu era diferente.

Tudo que aprendi com seu amor iluminou meus dias.

Continuei a trabalhar no roseiral, a cuidar de papai e Joaquim e a dividir o restante do meu tempo entre leituras, desenhos, caminhadas, costuras e momentos junto de Gregg.

Consegui me reacostumar com o mundo e com a vida. Ambos haviam me recebido de volta e de braços abertos. Não importava que

não muito tempo atrás eu havia pensado e sentido que jamais voltaria a ser feliz.

Nada tinha mudado.

E, ao mesmo tempo, *tudo* tinha mudado.

CAPÍTULO 54

A menina que, assim como as roseiras, era feita de espinhos.

Eu era aquela menina.

Caminhei por entre as mudas que havia plantado mais cedo, segundo os comandos de Muriel.

Era uma bela tarde e eu sempre ansiava pelo pôr do sol visto do

roseiral. O tom alaranjado combinava com as rosas vermelhas e preenchia minha visão com uma graça sem tamanho.

Eu sempre gostei da cor vermelha e sua dualidade. O amor. O sangue que corre nas veias e celebra a vida. O sangue derramado que traz lágrimas e tristeza.

Tudo é assim, vermelho por dentro. Tudo tem dois lados. Dois significados. Dois ou mais sentimentos envolvidos. Toda história de amor tem duas almas, e toda história de amor é como uma rosa, linda e formada por pétalas delicadas, assim como por

espinhos.

Espinhos que eu possuo.

Pétalas vermelhas como aquelas que preenchiam minha visão.

Meu romance com Gregg ia tão bem que eu tinha medo daquela felicidade e temia que algo acontecesse e nos separasse. Se meus espinhos não eram suficientes para nos afastar, não queria nem pensar o que poderia ser.

O vermelho, a se perder de vista ao meu redor, trazia-me tais pensamentos. Continuei a caminhar pelo roseiral.

Estava fazendo um bom trabalho com as rosas. Eu realmente levava

jeito para aquilo e não apenas Muriel, como vários de meus colegas, haviam me elogiado.

Gregg passou a alugar livros sobre técnicas diferentes de jardinagem e cultivo de flores na biblioteca da cidade e trazê-los para mim. Assim, voltei a estudar. Amava aprender cada vez mais sobre as flores e como torná-las ainda mais bonitas e saudáveis.

Construí novos sonhos.

Ser paisagista.

Levar cor, perfume e beleza à vida das pessoas.

Enquanto pensava em tudo isso e em como realizaria meus novos

sonhos, ouvi uma risada conhecida.
Tão querida.

Pela forma como meu coração disparou, eu soube o quanto senti saudades daquele riso.

Corri para nosso cantinho. Para o velho espaço que dividíamos anos atrás.

Arfando, assim que cheguei àquele espaço nostálgico e após uma pequena corrida em meio às roseiras perseguindo a risada de que tanto gostava, indaguei:

— *Mica?*

SÉTIMO ATO

*À distância de um
toque*

CAPÍTULO 55

Houve um dia que me lembro muito bem. Um dia que, mesmo que não estivesse nublado, nas minhas lembranças era cinza.

Posso até ver as nuvens carregadas revolvendo-se no céu quando penso naquela manhã de domingo em que eu me sentia tão

viva antes de me deparar com a morte.

Eu era apenas uma criança.

Já testemunhara a morte de mamãe e, embora não pudesse me lembrar de absolutamente nada, afinal de contas, estava acabando de sair do seu ventre (que, por sinal, eu ferira fatalmente com meus espinhos), era como se eu já conhecesse a morte.

Já havíamos tido contato, e ela jamais me deixara. Com um só toque eu a invocava. Ela vivia dentro de meus espinhos, em meu veneno.

Porém, na ingenuidade feliz que

possuímos quando somos crianças, eu não esperava encontrá-la naquela manhã.

Papai e eu ainda vivíamos na cidade naquela ocasião, mas estávamos passando um fim de semana no chalé.

Eu me lembro do vento agitado contra meus cabelos dourados, e como eu corria feliz de encontro a ele, dançando junto da brisa.

Tentava alcançar uma borboleta monarca que, apressada, fugia de mim.

Rindo e saltitando pelo gramado da clareira, perseguia minha amiguinha voadora, esquecendo-me

de quem eu era por um breve instante.

Esquecendo-me de que meu toque não era bem-vindo.

Aumentei a velocidade da corrida e, para minha completa alegria, a borboleta monarca parou sobre a caixinha de correio, que ficava alguns metros à frente do chalé.

A floresta ao redor agitava-se com o vento e as inúmeras folhas sacolejavam.

Poda ouvir o som de alguns grilos.

Não sei se nada disso é real. O vento, a agitação, ou mesmo os

grilos.

Mas o que viria a seguir foi real, disso tenho certeza.

Ofegante, alcancei a borboleta e, sem hesitar ou mesmo pensar, estiquei um dedo em sua direção.

O som de minha gargalhada ecoou pela clareira quando minha maior alegria se concretizou e ela pousou em meu dedo. Exatamente na ponta de um espinho.

Alguns instantes antes de cair morta no chão.

Um de meus espinhos, pontudo e fino, perfurara seu corpo frágil e pequeno, levando-a para longe de mim para sempre.

Sentei-me na grama e chorei muito.

Talvez cada lágrima representasse o medo que estava sentindo de mim mesma. Ou talvez eu percebesse, ainda tão jovem, que tudo aquilo que eu amava, eu nunca poderia ter.

Deveria manter tudo o que era precioso distante de mim para assim os manter seguros.

Muitos anos depois, lembrando-me daquela manhã cinzenta, continuo a pensar em como tudo o que é importante sempre estará à distância de um toque para mim. Pois essa é também a distância que

nos separa da morte.

CAPÍTULO 56

Nunca foi assim com as flores.

Embora elas também sejam seres vivos, sempre pude tocá-las.

Descobri isso muito cedo. Contudo, não tenho lembranças tão vivas do dia em que toquei uma flor pela primeira vez. Eu nunca tocava nada vivo. Exceto rosas. Pelo que

me consta, sempre houve rosas na minha vida.

É como se elas estivessem sempre ao meu redor e eu não me lembrasse da vida sem seus perfumes e espinhos.

Porém, ao contrário da lembrança que tenho da borboleta monarca morrendo ao meu toque, não sei dizer como foi o dia em que toquei uma flor e ela não morreu também, justamente por não saber dizer como é viver sem as rosas.

Os médicos nunca souberam explicar esse fenômeno. Aliás, eles têm muitas teorias, assim como a respeito dos meus espinhos em si.

Mas eu não preciso de explicações científicas.

As rosas e eu sempre nos demos bem porque somos semelhantes.

E, para minha surpresa, eu podia tocar não apenas as rosas, minhas irmãs, como todos os tipos de plantas, embora devesse sempre tomar cuidado para não rasgar suas pétalas lindas e delicadas com as pontas finas de meus espinhos.

O importante é que meu veneno não matava plantas. E isso me deixava ainda mais animada para iniciar meus estudos de paisagismo.

Contudo, não podia deixar de pensar no momento em que corri

pelo roseiral perseguindo Mica poucos dias atrás.

Fazia anos que ele não me visitava e, por mais que eu quisesse explicações, também me culpava pelo nosso distanciamento. Afinal de contas, fui eu quem me fechara para o mundo.

Perguntei-me quantas vezes ele foi até nosso cantinho preferido do roseiral e por quantas horas teria me esperado, desistindo mais tarde, ao perceber que eu realmente não viria.

Ele era como um irmão caçula para mim. Provavelmente já não seria mais criança, agora que

alguns anos haviam se passado, mas tenho certeza absoluta de que seria capaz de trazer sorriso ao meu rosto. Aquele danadinho foi minha única companhia, além de papai, na infância. Foi meu melhor amigo. Na verdade, o melhor amigo que alguém pode querer. Jamais me esquecerei de seu sorriso sincero e de seus olhos miúdos.

Eu sentia falta dele mais do que podia suportar. Apesar de Gregg ter entrado em minha vida depois que perdi contato com Mica, é fácil perceber que um jamais substituirá o outro. São amores diferentes. Um amor jamais substitui o outro,

porque o amor nunca vem para subtrair, tirar algo ou alguém de nós. O amor vem só para somar. E eu amava Gregg e Mica de formas lindas e diferentes, e sentia muito que Mica já não fizesse parte dos meus dias.

Contudo, podia jurar que era ele correndo pelo roseiral naquele fim de tarde alguns dias atrás. Eu ouvi sua risada e senti meu coração se encher de alegria ao sentir sua presença.

Mas não seria possível.

Se ele tivesse ido ao roseiral, por que fugira de mim? Por que não aparecera para conversarmos e

matar as saudades?

A única explicação que consegui encontrar é que não importa em que lugar do mundo ele esteja, está também no meu coração, bem pertinho de mim. É possível até senti-lo ou imaginá-lo a correr e sorrir por entre as flores e os espinhos.

Isso não significa que eu deixaria de querer que ele voltasse. Mais que isso, eu ansiava pelo dia em que veria Mica novamente e sabia que, de alguma forma, isso aconteceria.

CAPÍTULO 57

A superfície do lago refletia nossas formas, assim como as milhares de folhas avermelhadas nas copas das árvores ao redor. As mesmas folhas que recobriam o solo. Eu havia finalmente levado papai ao lago vermelho.

Era um local especial para mim e

Gregg, que eu quis dividir com mais alguém que amava.

Gregg estava na cidade naqueles últimos dias, e nada seria melhor para espantar as saudades que eu sentia dele que ir até a margem de nosso lago, ler um pouco e conversar sobre a vida com meu pai.

Papai, aliás, nunca tinha ido para aqueles lados da mata, e ficou maravilhado com a beleza e a calma dos arredores do lago. Era quase como um santuário, ele disse.

Após um rápido lanche que tínhamos trazido em uma cesta e um pouco de leitura, finalmente fiz a

pergunta que já queria fazer alguns dias a papai:

– Você acha que ela iria gostar do Gregg?

– *Ela?*

– Mamãe...

Claramente ele não esperava que eu tocasse naquele assunto. Papai arregalou os olhos e inspirou profundamente, parecendo se virar para dentro de si mesmo e olhar para o fundo das suas memórias, como se elas fossem cenas de um filme.

Cenas da história que ele havia vivido.

– Com certeza ela gostaria do

Greggory – ele disse, por fim. – Ele é um bom rapaz, e tenho certeza que Liliana iria gostar de quem faz a filha dela feliz.

– Obrigada, papai, isso significa muito.

– Ela era tão... generosa.

Percebi que minha pergunta havia acordado algo dentro de meu pai. Algo que ele não se permitia sentir há muito tempo.

– Nós quase não falamos dela – eu arrisquei dizer.

– Há um motivo para isso. Aliás, dois motivos.

– E quais são eles, papai?

– O primeiro é que é muito

doloroso falar sobre alguém que eu ainda amo tanto. Não há um só dia da minha vida em que não sinta falta dela. Evito falar de Liliana com você, filha, pois não gosto que você me veja chorar, e as lágrimas são inevitáveis. Eu penso nela sempre, mas às vezes é insuportável viver sabendo que ela se foi...

— Se eu não fosse como sou, ou melhor, se não tivesse nascido, ela ainda estaria aqui com você, e vocês seriam felizes.

— E esse é o segundo motivo pelo qual não falamos muito de sua mãe, Kat.

Papai me pegou de surpresa com tal afirmação. Vendo as expressões assustadas em minha face, ele continuou a explicar:

— Você se lembra de muitos anos atrás, quando você estava quase entrando no seu retiro, e quis saber detalhes sobre a morte de sua mãe? Eu posso ter cometido o erro de lhe contar a verdade, filha, de dizer que sua mãe morreu no parto, pois... — Ele pigarreou e tomou coragem para continuar a falar: — Pois os espinhos a machucaram.

— Os meus espinhos. Eu a machuquei.

— Exato. E eu nunca quis ser um

daqueles pais que mentem para os filhos. Posso ter errado, mas foi tentando acertar... Nunca quis esconder nada de você, ainda mais algo tão importante, envolvendo sua mãe. Mas eu também fiz e faço questão de dizer que você jamais deve se sentir culpada pelo que aconteceu. Se eu soubesse que se sentiria assim, eu não teria contado.

– Papai...

– Filha, eu te amo muito. Você é minha vida e eu não poderia pedir por uma filha melhor. O que aconteceu com sua mãe foi uma tragédia inevitável, da qual ninguém tem culpa. E é exatamente

esse o segundo motivo de não falarmos tanto dela quanto deveríamos. Não gosto de vê-la sempre se sentindo culpada pela morte de sua mãe quando tocamos nesse assunto, Kat.

Compreendendo e aceitando as razões de papai, eu disse para mim mesma que precisaria de um tempo para atender aquilo que ele me pedia.

— Eu prometo tentar — falei —, prometo que vou fazer o possível para não me sentir culpada. E se eu cumprir minha promessa, você me promete falar mais dela? Apenas se isso não for deixá-lo muito triste,

sei que as lembranças doem...

– Elas doem, filha, doem muito. Mas se é o seu desejo, eu enfrento qualquer tristeza para que você conheça mais a respeito da mulher maravilhosa que sua mãe era.

Assim, passamos as duas horas seguintes conversando sobre Liliana, minha mãe.

Papai já me falara dela quando eu era pequena, e raras vezes depois que cresci e me tornei adolescente, mas nada foi como naquele dia à beira do lago vermelho.

Ele me contou sobre a época em que namoraram e sobre como ela

sempre foi companheira e carinhosa. Contou também sobre viagens que fizeram, passeios, e até sobre o dia em que a pediu em casamento.

Atendendo meu pedido, ele contou novamente sobre sua morte, no dia em que nasci.

Ouvi aquela história mais uma vez, mas de uma forma diferente.

Aquele era o jeito da vida me responder por que eu e papai nunca tivemos aquela conversa antes. Simplesmente porque aquele era o momento certo.

Derramamos lágrimas durante várias partes do relato de papai,

mas não pude deixar de sentir o imenso amor de mamãe, que deu sua vida pela minha e que me amou mais que tudo no mundo.

É estranho não conhecer sua mãe, é como se houvesse sempre um abraço invisível ao seu redor. O amor materno nos acompanha, nos marca como tatuagem a vida toda. Sempre senti isso, e naquele dia em que papai falou sobre ela pela primeira vez sem rodeios, eu compreendi e aceitei muitas coisas, embora outras ainda fossem difíceis demais para meu coração.

Mas eu aceitei o mais importante: eu devia tudo a ela. O

ar que eu respirava e o sangue que corria nas minhas veias. Cada sorriso que abri e cada lágrima que eu derramei eram também dela. Assim como cada sentimento que havia em mim. Eu só existia porque uma mulher maravilhosa me trouxera ao mundo, me carregara em seu ventre e perdera sua vida em nome da minha. O amor dela estaria sempre tatuado em mim, envolvendo-me como um abraço a vida toda e encorajando-me a caminhar adiante.

Sempre adiante, em seu nome.

Gostaria de pegar na mão de papai naquele instante. Queria tanto

poder abraçá-lo e dizer o quanto o amava.

Mas se meus espinhos não permitiam tal aproximação, apenas cheguei o mais perto que pude e choramos juntos, mas também sorrimos. Um sorriso de resignação.

Juntos, também fizemos uma prece, falando direto com mamãe, para que ela nos protegesse e guiasse.

Foi um momento mágico, angelical, abençoado.

Eu senti o amor de minha mãe ao nosso redor, em cada folha do chão e em cada gota do lago. Em cada

dança suave do vento e em cada raio de sol que penetrava a copa das árvores e nos aquecia.

Ela estava ali conosco.

Minha família estava reunida, finalmente, e para que aquele momento chegasse bastou que eu abrisse meu coração e aceitasse que ela se fora para sempre, e que não era minha culpa.

Naquele mesmo momento, em que sabia que ela estava ali, também aprendi que os amores nunca acabam e que as pessoas nunca partem. O que é de verdade sempre fica por perto. Sempre vive dentro de nós.

Ela estava ali.

CAPÍTULO 58

No caminho de volta para o chalé, já mais relaxados e em paz, eu e papai falamos sobre amenidades, até que foi a vez de ele tocar em um assunto inusitado:

— Eu gostaria muito de saber como está aquele menino. Aquele que vivia bem distante, no leste da

Europa e possuía espinhos como você.

– Lembro que você conversou com os pais dele pelo Skype – falei, juntando as recordações de quando era criança. – Já falamos sobre isso uma vez também, eu me recordo. É realmente uma pena que, naquela época, eu era tímida e não quis conhecê-los, nem que fosse através da câmera. Sei que minha condição é rara, mas também sei que existem mais alguns casos no mundo. Eu daria tudo para poder conversar com alguém que também tem espinhos.

– É realmente uma pena que eu

tenha perdido contato com a família. Já faz tantos anos, e o garoto tinha quase a sua idade, deve estar um moço agora.

– Como será que é para ele lidar com os espinhos? – perguntei, mesmo que papai não pudesse me dar aquela resposta.

– Não sei, Kat, mas lembro que ele era uma criança bastante alegre.

– Você se lembra do nome dele?

– Não me lembro, sinto muito. Mas... – Ele parou de andar por um instante, e eu também interrompi a caminhada pela mata, acompanhando-o. Podia dizer por suas expressões que ele estava

pensativo – acho que devo ter uma foto dele. De quando ele era criança, claro. Creio que os pais dele me enviaram para que eu mostrasse a você, já que você se escondia no quarto sempre que ouvia a palavra “Skype”.

– Como eu era estranha!

Rindo, ele voltou a caminhar e disse:

– Às vezes crianças têm atitudes inexplicáveis, filha, é normal. Eu cheguei a ver aquele garoto pela câmera, porém também recebi a foto para mostrá-la a você. Não lembro se você não quis ver ou se eu me esqueci de mostrar. E sei

também que não é a mesma coisa ver uma foto antiga, quando na verdade você queria conhecê-lo...

— Mas, mesmo assim, será importante ver a foto, papai. Pode ter certeza que me faria muito bem, caso você ainda a tenha.

— Assim que chegarmos ao chalé, podemos procurar no computador, deve estar em alguma pasta antiga. Desculpe por não ter me lembrado de mostrar a foto a você na outra vez em que toquei nesse assunto. Tomara que ela ainda esteja em algum lugar...

E foi isso o que fizemos.

Após nosso agradável passeio e

as horas especiais que dividimos à beira do lago vermelho, papai e eu nos sentamos em frente ao computador e reviramos todas as pastas.

Havia um arquivo antigo de pesquisas sobre meus espinhos, que provavelmente papai fizera nos primeiros anos de minha vida. Junto das pesquisas, estava a foto do garotinho cuja família meu pai contatara muitos anos atrás.

Assim que abrimos a foto e ela ocupou quase toda a tela do computador, assustei-me por alguns segundos.

Uma coisa era me ver no espelho

ou ver fotos de livros de medicina. Outra coisa completamente diferente era ver a foto de um garoto que tinha a mesma idade que eu e com quem meu pai falara. Aquilo tornava tudo tão real para mim... Era como se todas as minhas angústias pudessem ser sentidas por mais alguém no mundo.

O garoto era, na foto, uma criança pequena e até um pouco gordinha. Seus espinhos eram pontudos e afiados e revestiam cada centímetro de seu corpo, assim como acontecia comigo.

Não pude deixar de notar seu sorriso.

Meu coração acelerou.

Em seguida, reparei em seus olhos miúdos.

Meu coração acelerou ainda mais e eu pensei que ele fosse levantar voo.

Não acreditava no que meus olhos me contavam. Não podia ser.

— Papai — falei, quebrando o silêncio —, precisamos entrar em contato com a família desse garoto. Por favor, é muito importante. Você não possui mais o e-mail deles ou o nome de usuário que eles utilizavam no Skype?

— Se tenho, deve estar anotado em algum documento dessas minhas

pesquisas, Kat, nesta mesma pasta antiga do nosso computador.

– Pode deixar que eu procuro, papai, obrigada.

Ele se afastou e fiquei um bom tempo abrindo os documentos que papai salvara durante suas pesquisas.

Por um golpe certo do destino, encontrei o e-mail da família daquele garoto.

Imediatamente, escrevi para eles:
Boa tarde,

Espero que este e-mail encontre todos com saúde e vida plena.

Desculpe invadir o espaço de vocês, mas era a única forma de

entrar em contato e isso é muito importante.

Possuo a mesma condição que seu filho, espinhos por toda minha pele. Meu pai, Rubens, conversou com vocês algumas vezes anos atrás, e vocês até se viram na câmara do Skype. Na ocasião, eu era muito pequena e não dei valor ao quanto seria importante conhecer uma família que passa pelos mesmos dramas que nós. Entretanto, procurando pela foto que vocês enviaram ao meu pai, fiquei assustada ao perceber que eu o conheço, embora isso não possa ser real. Em todas as vezes que o vi,

ele não possuía espinho algum. Além disso, vocês vivem no leste europeu, certo? É bem longe de minha casa.

Agradeço a atenção e espero que possamos manter contato.

CAPÍTULO 59

– Na primeira vez em que te vi, pensei que você fosse um porco-espinho gigante. Eu realmente me assustei – Gregg falou, enquanto acendia alguns incensos e os colocava sobre tocos que trouxera da mata até o redor de sua velha barraca.

— Acho que isso não é exatamente um problema — respondi, folheando, sem prestar atenção, um de seus livros sobre os benefícios de uma vida alternativa —, eles são animais lindos e inteligentes.

— E você seria o mais lindo e inteligente deles.

— Que romântico — falei com ironia.

Sorrindo, ele veio ao meu encontro e abaixou-se para ficar da minha altura, pois eu estava sentada ao lado da barraca:

— Pode não ter sido muito romântico, admito, mas aqui está a

verdade: eu amo cada um dos seus trejeitos e cada brilho por trás dos seus sorrisos. Cada fio dos seus cabelos, cada espinho sobre sua pele, a forma como respira, como pisca e como seus olhos sempre me dizem o que você está pensando.

— Certo. Além de romântico incorrigível, você é capaz de ler mentes.

— Mentos não. Capaz de ler seus olhos apenas.

— E o que estou pensando agora?
— indaguei, olhando-o com um misto de desafio e brincadeira no olhar.

— Você está claramente

preocupada, Kat. Desde que cheguei da cidade e você veio me ajudar a arrumar o acampamento, vejo que há algo que não sai da sua cabeça.

— Isso não é tecnicamente saber o que estou pensando.

— Você está certa. É mais que isso — ele disse, gabando-se. — É saber o que você está sentindo. Eu sou mesmo demais!

— Seu bobo.

— Estou certo, não estou? O que a preocupa, querida?

Inspirei profundamente, tentando ganhar tempo. Não queria responder àquela pergunta. Estava

tão confusa que não sabia nem se queria falar sobre aquilo.

– Não é nada – falei, dando de ombros.

– Você não vai se livrar dessa tão facilmente, mocinha.

Desta vez, era Gregg quem me encarava com ar de desafio.

– Está bem. – Finalmente cedi, fechando o livro em meu colo que estava folheando alguns instantes atrás. – Quando eu era pequena havia um garotinho que brincava comigo nas roseiras, e eu me pergunto por que ele não vem mais me visitar.

– Você chegou a citá-lo algumas

vezes em nossas conversas. Mica é o nome dele, certo? Mas agora, pela primeira vez, fiquei preocupado por você estar pensando tão profundamente nisso a ponto de estar com essa cara. Há alguma razão para eu sentir ciúmes? Pois confesso que acabei de sentir uma onda de ciúmes.

— Claro que não, isso é totalmente sem sentido. Ele era meu amigo de infância, mas desapareceu da minha vida anos atrás. Eu o amo como a um irmão, gostaria de saber o que aconteceu, apenas isso.

— Entendo. Bem, você não tem o telefone, o endereço ou qualquer

outro contato dele? Eu ficaria feliz de acompanhá-la em uma visita.

— Essa é a parte estranha. Eu não sei onde ele vive, mas ontem, talvez, eu tenha encontrado sua família na internet... no leste da Europa.

— Isso é muito longe, Kat. A menos que ele vivesse nestas colinas quando era pequeno e agora tenha se mudado para a Europa.

— Faria sentido, mas meu pai teve contato com a família dele naquela época, e eles já viviam lá.

— Então talvez você esteja confundindo algo, querida.

— Sim, essa é a única explicação

– falei em voz alta o que já repetira para mim mesma centenas de vezes desde o momento em que vira a foto de Mica coberto de espinhos como eu. – Eu enviei um e-mail para os pais dele, espero que respondam em breve.

– E se eles responderem e houver uma forma de encontrarmos o Mica, conte comigo – Gregg disse.

– Obrigada, você é maravilhoso.

Em seguida, ele ligou seu velho rádio e por algumas horas ficamos ouvindo as músicas alegres de que ele tanto gostava. As mesmas que haviam me atraído para ele da

primeira vez, conduzindo-me pela floresta até encontrá-lo, como se fosse meu destino final. Um porto seguro.

Mas mesmo as músicas e a companhia perfeita de meu namorado não eram suficientes para desviar completamente meus pensamentos de Mica.

Certamente ele não era o mesmo menino da foto.

Não poderia ser.

A época, a história toda, o contato que papai manteve com os pais daquele menino por um tempo, o local em que eles viviam, o fato de Mica não ter espinhos... Tudo

provava que não se tratava da mesma pessoa.

Ainda assim, por que eu não conseguia deixar de ver meu melhor amigo de infância através dos olhos miúdos e do sorriso sincero daquele garotinho da foto?

Qual seria a conexão entre ambos?

E por onde andaria Mica, afinal?

CAPÍTULO 60

Algumas semanas se passaram, e a resposta dos pais do menino feito de espinhos que vivia na Europa nunca veio.

Não perdi as esperanças, porém. E estava animada com a aproximação do início do meu curso de paisagismo.

Ansiava por conhecer novas pessoas. Mesmo que cada par de olhos que me vissem fossem mais um desafio, eu tinha aceitado e já não sentia tanto medo. Jamais deixaria que me apedrejassem ou machucassem novamente, em qualquer sentido.

Como completei a maior parte dos meus estudos em casa, sentia um frio na barriga gostoso ao pensar em frequentar uma sala de aula novamente.

Eu teria de levar meu acolchoado para me sentar na cadeira, assim como os dedais para fazer anotações. Isso provavelmente faria

com que todos rissem da minha cara ainda mais, mas eu não me importava. Queria estudar, aprender, tocar nas flores, saber como trabalhar com elas.

Papai e Gregg estavam mais nervosos que eu, foi até engraçado de se ver.

Na noite anterior ao primeiro dia do curso, eu mal consegui dormir. Pulei da cama bem antes de o despertador tocar, sentindo-me apreensiva, mas de uma forma empolgante.

Já havia deixado o material arrumado há uns dois dias, bem como escolhera um novo vestido de

seda, que eu fizera no início do mês com o lindo tecido que ganhara de aniversário do meu pai.

Gregg me acompanharia até o curso, na cidade, então precisaríamos sair de casa com certa antecedência.

E foi um mundo novo!

Aquele dia todo representou o início de uma nova fase da minha vida.

Muitas mudanças estavam acontecendo desde o dia em que saíra do chalé e conhecera Gregg na mata.

Era como se eu tivesse dado um peteleco em uma peça de dominó e,

em seguida, todas as outras peças que ainda permaneciam enfileiradas de pé também foram caindo. Uma a uma.

A entrada de Gregg em minha vida. A completa ausência de respostas sobre o Mica. A reabertura de minha relação com papai e o fato de que conversávamos sobre mamãe agora, sem medos. Passar a ver sua morte de outra forma, sentindo-me menos culpada, como prometera ao meu pai naquele dia à beira do lago. O trabalho no roseiral. O perdão silencioso que dei à Lolita. O dia em que descii para a cidade pela

primeira vez após minha humilhação, entregando rosas às pessoas no mesmo local em que fui ferida, e que foi também o mesmo dia em que conheci e amei a família e os amigos do meu namorado.

Sim, agora eu tinha um namorado! Às vezes pensava que era um sonho.

Tudo mudara, e percebi que isso só acontecera porque eu mudara primeiro.

Quando me enclausurei no chalé como uma lagarta no casulo, não sabia que precisaria de todo aquele tempo até que finalmente virasse uma borboleta e alçasse voo.

Meus voos estavam cada vez mais altos e inesperados, e era como se a vida sorrisse para mim ao me ver voando.

A única rosa a caminhar sobre a terra e capaz de realmente se apaixonar. Assim Gregg me definia, e agora eu entendia o que aquilo significava.

Eu me sentia como a rosa que finalmente desabrochara, e como a borboleta monarca que um dia matara com meu veneno, mas que renascera para a vida e saíra de casa para voar.

CAPÍTULO 61

No fim da tarde, após meu primeiro dia de estudos de paisagismo, cheguei exausta e feliz ao chalé.

Gregg me acompanhara também no caminho de volta, e papai nos esperava com nossos chás e biscoitos preferidos. Até mesmo

Joaquim, que estava solto no pasto da clareira, veio me receber. Ele parecia sentir o quanto eu estava feliz.

— Bom menino — falei, aproximando-me de meu cavaleiro o máximo possível sem tocá-lo.

Gregg, papai e eu nos sentamos à mesa para aproveitar os biscoitos que papai mesmo assara, enquanto eles me bombardeavam com perguntas a respeito do curso.

Eu tinha gostado bastante da professora, embora ainda fosse ter mais dois professores diferentes ao longo do curso todo, e também tinha me sentido confortável na cadeira

com meu acolchoado. Eu realmente senti que iria amar aqueles estudos.

O prédio era lindo por dentro, decorado com flores de todas as espécies que se pode imaginar, e possuía estufas, canteiros e jardins para as aulas práticas dos alunos.

Logo, eles chegaram à pergunta que mais temiam: eu fizera amigos?

Após pigarrear, respondi com cuidado:

– Não exatamente.

– Não exatamente? O que isso quer dizer? – papai perguntou imediatamente.

Ele e Gregg fitavam-me com apreensão.

– Ainda é muito cedo e tivemos pouco tempo para conversar. Porém, simpatizei com uma garota que se sentou na bancada ao meu lado, e talvez eu tente conversar com ela ao longo da semana.

Eles pareceram aliviados com a resposta e continuaram a fazer mais perguntas enquanto tomávamos nosso chá.

Entretanto, eu não havia sido completamente honesta com papai e Gregg. Era verdade que não tive muito tempo para conversar com os outros alunos no primeiro dia de aula. Mas não havia menina nenhuma com quem eu simpatizara.

Não que eu não quisesse; pelo contrário, eu adoraria fazer amizades. Porém, ninguém se sentara ao meu lado na bancada e, nos poucos intervalos, sei que fui o assunto principal dos cochichos alheios, assim como o tempo todo fui a vítima de olhares curiosos e preconceituosos.

Mas eu me sentia em paz.

Nada me faria desistir do curso e eu estava orgulhosa de mim mesma por isso.

Com o tempo, sei que os alunos se acostuariam com minha presença e eu deixaria de ser o assunto principal. Estava pronta

para aceitar aquele desafio e realizar meus sonhos, mesmo que meus companheiros de jornada não estivessem tão felizes assim por me ter ao lado.

LIVRO DA VIDA

VII

Quanto mais eu vivia, mais eu queria viver. E quanto mais amava, mais queria amar.

Assim como quando me refugiara no chalé. Quanto mais me escondia, mais queria me esconder, até deixar

de existir.

Eu podia ter um sorriso meio quebrado, marcado por todas as experiências ruins que tive e por cada queda que levei, mas ao menos eles eram sorrisos sinceros e existiam porque eu sentia que era amada.

CAPÍTULO 62

Mais tarde naquela noite, Gregg acendeu uma pequena fogueira para nós, e conversamos enquanto assistíamos ao crepitar das chamas.

– Estou muito orgulhoso de você, sabia? – ele disse. – Você é tão determinada e corajosa, e me faz querer ser uma pessoa melhor. Ser

alguém que merece estar do seu lado.

Sorri com aquela afirmação.

Era impressionante como Gregg conseguia sempre dizer a coisa certa no momento certo. Ele sempre sabia como usar as palavras de forma mágica e fazê-las atingirem meu coração, além de me fazerem abrir um sorriso.

Impressionante também era o quanto eu o amava. O amor parecia aumentar um pouquinho com cada respiração e me dava até vontade de chorar de alegria, apenas de pensar que eu estava junto dele.

— Você preenche todos os

espaços vazios da minha alma – falei, tentando fazer justiça às palavras maravilhosas que ele sempre me dizia, assim como ao imenso sentimento que cultivava por ele.

– Isso é lindo, Kat.

– Apreendi com o tempo e após passar por tantos momentos difíceis que a alma de qualquer pessoa não é intacta. Ela é fragmentada, dilacerada e rasgada várias vezes ao longo da vida. Ela é também cheia de espacinhos vazios, causados pelas dores e pela solidão. E você, Gregg, completa cada um desses espacinhos vazios

que há em mim. Eu só queria ter você mais perto.

– Não tem como ficar mais perto que isso, querida. Eu estou em você, e sei disso porque você também está em mim. Também a sinto em cada fragmento da minha alma, mesmo que jamais possa saber qual a textura da sua pele...

Em seguida, virei de costas para ele e, com cuidado, ele pegou meus cabelos e os acariciou.

Não sei por que nunca havíamos feito isso, aquela era a única parte de mim que não representava perigo.

Com muito cuidado para não

esbarrar em algum espinho, Gregg penteou com as pontas dos dedos meus cabelos longos e dourados. Alisou e acarinhou os fios, e mais que nunca eu o senti bem junto de mim. Em mim, como tinha de ser, como sempre fora.

Foi um momento tão mágico que senti até mesmo uma lágrima rolar por minha face.

Uma lágrima do bem, um choro contido e feliz.

Era um sinal enviado pela minha alma, um sinal de que ela se sentia completa.

As feridas haviam cicatrizado, os cacos haviam sido colados, e todos

os vazios estavam agora preenchidos. E se aquilo não era amor, nada mais seria.



Conforme as semanas foram passando, eu me sentia cada vez mais cansada.

Continuava a trabalhar no roseiral algumas horas por semana, e no restante do tempo frequentava o curso de paisagismo (no qual ainda não fizera amigos e, aparentemente, jamais faria), a

cuidar de Joaquim, conversar com papai, fazer meus desenhos a giz e ficar com Gregg.

A princípio, eu pensara que estava cansada devido à mudança de rotina e ao início do curso. Porém, logo vi que não era o caso.

Eu me sentia fisicamente cansada e, com o avançar dos dias, essa sensação foi piorando.

Algumas tardes, quando eu voltava para o chalé após o curso ou o trabalho, o ar me faltava e eu tinha de fazer bastante força para respirar.

Escondi o máximo que podia de papai e Gregg, mas estava aflita

com a possibilidade de eles logo perceberem.

Eu teria de contar para não pegá-los de surpresa.

Temí que eles se preocupassem com minha a saúde, mas, com o tempo, eu mesma me senti amedrontada. Algo acontecia com meu corpo.

Num entardecer, enquanto voltava do roseiral, eu já havia tomado a decisão de conversar com papai e Gregg a respeito de como me sentia, já que Gregg voltaria ao chalé naquela noite, após alguns dias ausente na cidade.

Encontrei uma borboleta

monarca pelo caminho.

Aquilo era algo bem comum, já que havia várias delas na região, mas, mesmo assim, o encontro com aquela borboleta foi especial. Diferente.

Eu imediatamente me lembrei da borboleta monarca que tinha matado, sem querer, anos atrás, e de como fora ela quem me mostrara que a morte estaria sempre a um toque de distância da minha pele, assim como o amor sempre estivera.

Considerando como eu me sentia mal nos últimos dias e não tinha bons pressentimentos quanto à

minha saúde, pensei pela primeira vez que, talvez, a morte logo rompesse a barreira que nos separava.

Nem mais um toque nos afastaria, a morte estaria em mim um dia.

Como eu aprendera ao longo dos anos, havia beleza naquele pensamento também.

Havia beleza na borboleta monarca de anos atrás e nesta que agora eu contemplava; na minha saúde e na ausência dela, porque às vezes é assim que tem de ser. Havia beleza na vida, desde o primeiro até o último suspiro.

E havia beleza no toque final,

aquele que nos separa da morte e do amor, e que um dia me obrigaria a fechar os olhos.

OITAVO ATO

*Sonhos que se tornam
fragmentos de
vergonha*

CAPÍTULO 63

Gregg preparou tudo para aquele dia. Separou os acolchoados para meu assento e também para o volante e subiu até o chalé com o carro de sua mãe.

Papai já não tinha um veículo há um bom tempo, mas mesmo assim não havia motivos para que eu não

aprendesse a dirigir, ainda mais se meu namorado insistia tanto para me dar aquelas aulas.

Após me buscar na clareira do chalé, ele dirigiu pelas estradinhas de terra que ficavam nas adjacências da floresta, passando pelo roseiral e seguindo adiante, até encontrar uma estrada reta e com poucos buracos ou qualquer obstáculo que pudesse me atrapalhar.

— Pronta? — perguntou, fitando-me de forma divertida.

— Como nunca — respondi, saindo do veículo para assumir o banco do motorista, já com os acolchoados

que Gregg colocara.

Com atenção e cuidado, Gregg primeiramente me disse para que servia cada uma das peças e botões à minha frente, já que eu não tinha noção nenhuma daquilo, e depois de uma palestra de quase meia hora sobre o funcionamento do carro e algumas das partes que eu usaria instantaneamente para dirigir e também sobre segurança, ele permitiu que eu ligasse o veículo.

Cuidadosamente, comecei a colocar em prática seus primeiros ensinamentos, sob os olhares apreensivos de Gregg.

— Você não confia em mim? —

indaguei, achando graça na forma como ele me olhava.

– Confio, mas...

– Mas...?

– A primeira aula de direção pode ser um tanto desastrosa...

Não permiti que ele terminasse aquela frase e saí andando com o carro a baixa velocidade.

Era mais fácil do que parecia a princípio e, após alguns minutos dirigindo por aquela estradinha reta e completamente deserta, eu já estava sorrindo, e senti que Gregory havia relaxado um pouco no assento ao lado.

Aumentei um pouco a velocidade

e comecei a rir, sentindo o vento bagunçar delicadamente meus cabelos. Era uma boa sensação.

Nós dois rimos um pouco mais, talvez de alívio por eu estar realmente conseguindo fazer aquilo, ou talvez por nervosismo, não sei afirmar.

Pisei no acelerador mais um pouquinho.

– Cuidado – Gregg disse.

Passado mais um tempo, já estávamos quase chegando próximos à entrada de uma chácara, quando ele disse:

– É melhor dar a volta, Kat, e refazer o mesmo percurso, para não

correremos o risco de dirigir onde pode haver moradores e trabalhadores.

– Sim, senhor – falei, zombando de suas expressões extremamente sérias, ao contrário de como sempre costumavam ser.

– Você quer que eu vire o carro para você?

– Claro que não! Não é apenas girar o volante? Vou fazer isso agora mesmo, está bem?

– Está bem... – ele disse, voltando a ficar apreensivo.

Claro que Gregg não se conteve e, discretamente, tocou no volante ao mesmo tempo que eu,

conduzindo-me enquanto eu fazia a curva.

– Cuidado para não encostar em meus espinhos sem querer, Gregg.

Como se quase tivesse se esquecido de que, se me tocasse por acidente, correria risco de vida, ele afastou as mãos.

Fiz a curva sem problemas e continuei dirigindo pelo mesmo percurso que acabara de traçar, agora na direção oposta. Gregg continuava a me olhar com receio e a dar dicas de como dirigir.

Aumentei mais a velocidade e troquei a marcha.

Estava adorando aquilo. Até

comecei a cantar baixinho. Depois, pensando em como era especial dividir aquele momento com ele, perguntei:

– Como você acha que seria se... a gente se beijasse?

– Você realmente quer conversar sobre isso agora, Kat? Eu preferiria que você não perdesse a concentração na estrada.

– Apenas me responda. Vai levar alguns segundos.

– Por que você não me diz primeiro como acha que seria um beijo nosso?

– Está bem.

Respirei fundo, absorvendo a

energia e o calor daquele momento, em que eu sentia que podia tudo. Falei com um sorriso discreto nos lábios:

– Acho que seria leve como o bater de asas de uma borboleta.

Continuei a olhar para frente, prestando atenção na estrada e controlando o volante. Meu coração batia rápido. Era um ótimo momento da minha vida; um belo momento para partilhar com quem se ama.

– E eu acho que seria como... como um pedacinho do céu – Gregg disse, fitando o horizonte através do vidro do carro. – Você se lembra

das nuvens que costumamos observar do alto do cânion? Em como elas se movem e mudam completamente o cenário em uma questão de poucos instantes?

Claro que eu me lembrava.

Lembrava-me de cada dia que passamos juntos, de cada caminhada na mata e de cada tarde em que nos sentamos juntos para ler, descansar ou conversar sobre a vida, fosse à beira do lago vermelho ou no topo do cânion.

Também me recordava das nuvens, que pareciam quase ao alcance das nossas mãos quando estávamos lá em cima, e como elas

se moviam, pintando o céu como se ele fosse um quadro, dando vida a ele, como se seu movimento fosse uma dança, daquelas que a gente jamais quer interromper.

Gregg me fazia sonhar de olhos abertos.

— Acho que seria assim se nos beijássemos — ele continuou a dizer —, como o céu, mudando, se movendo, se agitando e, então, se tornando suave e claro de novo.

Eu sorri, e ele completou:

— Mas você sabe que eu não preciso te beijar para me sentir no céu ao seu lado, não sabe?

Concordei, sentindo que meu

coração explodiria de alegria. Aumentei um pouquinho mais a velocidade e percebi que Gregg tinha pressionado as mãos contra o banco no qual estava sentado, demonstrando que ainda não se sentia confortável comigo ao volante ou com a velocidade, mesmo que ela ainda estivesse consideravelmente baixa e que eu estivesse dirigindo sem dificuldade alguma.

Não sei como aconteceu o que veio a seguir.

Não faço ideia de onde ela saiu e de como eu não a havia visto antes. Só sei que eu sorria naquele

instante, pouco antes da minha visão se tornar trevas e dúvidas e pânico.

Uma vaca invadira a estrada e entrara bem na frente do carro.

Pisei rapidamente no freio, tentando fazer com que não batêssemos contra o animal.

Ouvi Gregg gritando ao meu lado e, em seguida, tudo ficou escuro e eu não senti mais nada.

CAPÍTULO 64

– Kat?! *Kat!!!*

Gregg gritava e se desesperava ao meu lado.

Eu não perdera a consciência por completo, mas assim que o *airbag* fora acionado, ele evitou que o impacto da colisão com a vaca me afetasse, contudo, bloqueou

temporariamente a entrada de ar em meus pulmões e eu me desesperei.

Foi como se o mundo, de um segundo para o outro, tivesse deixado de existir e eu estivesse mergulhada no meio do nada.

Logo em seguida, meus espinhos perfuraram o *airbag*, e fui capaz de puxar ar para dentro dos pulmões. Mas o desespero se tornou maior quando o ar não chegou lá. Eu fazia força para inspirar, mas ele faltava, sufocando-me cada instante mais.

Senti a ponta de meus dedos tremerem. Agarrei-me ao volante paralisado à minha frente, e concentrei-me em respirar com

força.

Um pouco de ar começou a invadir meu corpo, mas ainda não era suficiente.

O sufoco apenas tinha diminuído e não ido embora, e a dificuldade para respirar me assustava.

Gregg gritava ao meu lado.

Aparentemente, a batida fora leve e ele não se machucara, porém fitava-me com medo estampado no rosto.

Percebi que ele queria me balançar, chacoalhar, fazer com que eu conseguisse respirar melhor, mas não podia encostar em meus espinhos.

Em meio aos seus gritos, logo percebi que ele telefonava para a emergência e dava nossa localização.

Tudo que lembro depois disso foi que tive que subir sozinha na maca, já que ninguém podia me carregar, e, ainda com dificuldade para respirar, senti quando colocaram um tubo fino nas minhas narinas e, em alguns instantes, comecei a me sentir melhor.

Antes, a visão estava embaçada e eu sentia como se o mundo estivesse invertido e confuso. Escuro e sem ar.

Aos poucos, as cores e a vida

foram se normalizando e eu agradeci aos céus por ser capaz de respirar novamente.

Gregg estava sentado ao meu lado fitando-me com apreensão, enquanto a ambulância deslizava pelas ruas.

Antes de falar com ele, pensei por um instante no que acabara de acontecer.

Uma vaca tinha invadido a estradinha de terra na qual eu dirigia.

Mesmo tendo pisado de leve no acelerador algumas vezes, ainda dirigia a uma velocidade baixa, portanto, a colisão não fora grande.

Mas fora o suficiente para acionar os *airbags*.

Senti-me sufocada em uma fração de segundos, e quando voltei a conseguir respirar, já não era capaz. Reconheci aquela sensação.

Em menor escala e de forma menos assustadora, eu já a sentira antes. Vinha sentindo há alguns dias sempre que caminhava mais do que devia ou subia algum morro na volta da escola de paisagismo ou mesmo do roseiral. Sempre que precisava me abaixar e levantar repetidas vezes para cuidar das rosas. Sempre que tentava me exercitar junto de Joaquim na

clareira.

Era por isso que eu tinha evitado caminhar com Gregg ou papai nos dias que haviam se passado. E era por isso que eu deveria evitar não apenas situações que exigiriam fisicamente de mim, mas também situações mais emocionantes ou que me deixassem nervosa.

Aquele pequeno acidente de carro apenas confirmara minhas suspeitas e me fizera sentir raiva de mim mesma por ter adiado tanto para contar isso a Gregory e ao papai.

Alguma coisa errada estava acontecendo comigo

Eu estava doente.

CAPÍTULO 65

Caminhava lentamente pela clareira ao lado de Joaquim.

Meu cavaleiro, como sempre, entendia que eu não estava bem e diminuía o próprio passo para acompanhar meu ritmo.

Fitei-o por alguns instantes:

— Meu menino, você está tão...

maduro. – Tive que engolir o choro. Era duro encarar aqueles que eu amava em tempos difíceis, em que aprendia que a vida é tão efêmera e que cada instante vale mais que ouro. Tudo podia ser tirado de mim. – Você sempre me compreendeu e ficou do meu lado, não é? Parece que foi ontem que nós o recolhemos e adotamos. Você é minha família, Joaquim, e eu o amo muito.

Em resposta, ele soprou com força o ar das narinas e balançou suavemente a crina, silenciosamente dizendo que compreendia o que eu dizia. O tempo realmente passara rápido

demais.

Pensei em quantas vezes havíamos caminhado juntos e brincado na clareira quando eu tinha mais saúde.

Apesar de já estar com uma idade avançada, ele continuava um lindo cavalo. Seus olhos continuavam puros e sinceros, como na primeira vez que o vi, e mostravam-me o quanto ele me amava.

Uma semana se passara desde que eu voltara do hospital após o pequeno acidente enquanto aprendia a dirigir – o que não voltaria a fazer tão cedo.

Eu realmente estava com problemas respiratórios e precisaria de mais alguns exames, que faria nos dias a seguir.

Após minha respiração normalizar naquele dia em que cheguei ao hospital, o médico fez questão que eu passasse a noite lá.

Greggory e papai não saíram do meu lado por um segundo sequer, e tenho certeza que, mesmo que eu tenha cochilado por alguns momentos entrecortados, nenhum deles pregou os olhos naquela noite.

Agora que eu estava de volta ao chalé, eles finalmente concordaram

que eu podia dar uma volta na clareira com Joaquim, desde que andasse a passos curtos e lentos e me mantivesse no campo de visão deles, que me observavam de casa.

A bronca por eu ter escondido que não me sentia bem já fazia algum tempo veio, mas não foi tão grande assim. Claro que papai disse que, quando estamos doentes, quanto mais cedo o diagnóstico for feito e o tratamento iniciado, mais chances temos de recuperação. Porém, o susto tinha sido tão grande e a preocupação dele e de meu namorado tão intensa que eles logo pararam de focar no que acontecera

para se preocuparem com o que estava por vir.

Ambos encheram os médicos de perguntas e marcaram pessoalmente os exames solicitados. Em poucos dias, eu teria terminado todos e finalmente saberia o que vinha causando minha fadiga e dificuldade respiratória.

Obviamente estava aflita, mas podia jurar que os homens da minha vida, papai, Gregg e até mesmo Joaquim pareciam ainda mais nervosos.

Pensando nisso, enquanto me deslocava vagarosamente sobre a grama, lembrei-me do outro homem

da minha vida.

Sim, ele seria um homem agora, depois de tantos anos.

Meu grande amigo Mica.

Seus pais jamais responderam àquele e-mail, se é que realmente fossem seus pais. E eu continuava a me perguntar por que ele se fora para não mais voltar.

Eu precisava tanto de sua amizade naquele momento frágil da minha existência, em que respirar já não era uma certeza...

CAPÍTULO 66

Desde o sonho conturbado e constrangedor que tivera com Gregg um bom tempo atrás, jamais voltara a sonhar com ele.

Sempre prestei bastante atenção aos meus sonhos, pois, principalmente quando pequena, eu sonhava que não havia espinhos

sobre minha pele. E eu tocava as pessoas, abraçava e beijava meu pai e até mamãe, mesmo que só tivesse visto sua face por meio de fotografias. Tocava os animais e cavalgava sobre Joaquim sem medo de feri-lo.

Era libertador.

Conforme fui crescendo e me sentindo mais acorrentada à minha condição, parei de ter sonhos lindos e sem espinhos, e em todas as vezes em que sonhei, minha pele era exatamente como na realidade: repleta dos espinhos venenosos.

Na noite anterior ao dia em que faria os exames conclusivos, eu

sonhei que me afogava e que os espinhos me acorrentavam.

Estava mergulhada em um mar azul-escuro, lodoso, sem fim, e afundava cada vez mais à medida em que o ar me faltava. Eu sentia a vida ser drenada de mim.

Era desesperador, mas era também um alívio, pois eu ansiava para ver o que encontraria do outro lado, saber se também teria espinhos lá ou se o céu seria como nos meus sonhos de infância.

Foi então que meus espinhos começaram a crescer. Cada um deles se alongou e deu voltas ao redor do meu corpo, alcançando

meu pescoço e me enforcando. Os espinhos garantiram que o ar, que já não me alcançaria, fosse embora ainda mais rapidamente.

Uma sombra surgia à superfície distante daquele mar sem-fim. Eu a contemplava, pequenina e solitária, a espreitar-me de longe, enquanto a vida me deixava.

Reconheci aquela silhueta. Era Gregory.

Nem ele nem seu amor poderiam me salvar, trazer de volta o ar para mim, e eu sabia que estava tudo acabado. Aquele era o adeus ao mundo e aos que amava.

O amor de Gregg havia me

trazido nova vida e uma nova forma de ser feliz, e me acompanharia para sempre. Mas não poderia me tirar daquele mar de sufocamento, não seria capaz de tirar os espinhos que apertavam meu pescoço com força.

Isso não fazia o nosso amor pequeno. Pelo contrário, fazia dele humano.

Era um amor tão grande que me fez temer a morte, e era isso o que tornava aquele adeus tão significativo.

Era meu último suspiro e eu o queria sentir daquela forma, fitando Gregory ao longe. Contemplando

sua beleza, que era toda a beleza da vida para mim.

Não doeu morrer.

Após o sufoco, que durou alguns minutos, reinou o silêncio.

Todo o silêncio e a ausência de cores e movimentos preencheram meu mundo.

Mas eu não estava vazia; pelo contrário, sentia-me repleta.

E meus olhos se abriram.

Eu estava mais uma vez ofegante.

Coloquei meu aparelho respiratório e deixei o ar invadir meus pulmões. Estava acordada. Estava viva.

Os espinhos continuavam a

recobrir minha pele, mas tinham o tamanho normal de sempre; nenhum deles ousava se espichar e me apertar o pescoço com força bruta.

Gregg e papai aproximaram-se imediatamente, perguntando ao mesmo tempo como eu me sentia.

Meu pai aparentemente estivera vagando pela casa. Chegara muito rápido ao meu quarto e, pelo que percebi, não tinha feições de quem acabara de ser despertado.

Greggory, por sua vez, dormia em um colchão ao pé da minha cama.

Eles sempre revezavam quem passaria a noite ali comigo, para

garantir que eu não ficaria sem ar durante o sono.

Tranquilizei-os e pedi que voltassem a dormir, dizendo que estava bem.

Quando tornaram a apagar as luzes, escutei os passos de papai indo e vindo na sala.

Eu também não voltaria a dormir. Não porque estivesse com medo de ter mais pesadelos, mas porque queria tirar da vida cada segundo que ela podia me dar. Dormir era como perder tempo, e eu já não queria me dar esse luxo.

A voz de Gregg quebrou o silêncio da noite, sem aviso.

- Kat?
- Sim?
- Estou com medo.

LIVRO DA VIDA

VIII

Sentia-me tão idiota por um dia ter pensado que a alegria podia ser real.

Quem eu estava tentando enganar?

Havia uma taverna em algum

lugar das colinas. Nunca tinha ido até lá, mas já ouvira boatos de alguns caçadores e aventureiros que iam para o local para afogar as mágoas em um copo de uísque.

Talvez eu devesse fazer isso.

Talvez devesse me preparar melhor para o que estava por vir.

Sentia tanto medo.

Havia esperado tanto por momentos alegres, mas agora sentia que eles eram lentamente tomados de mim pela vida. Era algo realmente doloroso.

Seria esse o efeito do tempo em cada um de nós? Ou a alegria apenas era impossível para alguém

como eu? Meus espinhos a afastavam também?

Não tinha essas respostas, mas sabia que algo estava errado bem dentro de mim.

A gente sente. Sempre sente o que está por vir – mas, às vezes, a vida consegue surpreender e deixar tudo ainda mais difícil.

Doía tanto ver a breve felicidade, talvez até mesmo irreal, afastando-se. O pior de tudo era pensar que quando ela realmente se fosse, eu teria de conviver com o aroma adocicado que ela deixara em meus dias.

A alegria fizera questão que eu

tivesse um vislumbre de como ela era só para que eu soubesse o que estaria perdendo.

CAPÍTULO 67

Como ninguém mais daquele chalé conseguiu dormir depois que acordei ofegante de meu pesadelo, ficamos todos prontos antes da hora.

O primeiro exame estava marcado para as nove horas da manhã e, embora tivéssemos que

descer até a cidade, ainda assim estávamos muito adiantados.

Enquanto Gregg levava Joaquim para um rápido passeio e papai arrumava algumas coisas na cozinha, tentando se distrair, resolvi ligar rapidamente o computador e checar meus e-mails.

Os professores de paisagismo estavam me enviando material para estudar em casa, além de pedirem trabalhos e relatórios, já que eu não podia mais frequentar as aulas.

Odiava aquilo. Já tinha estudado em casa por tantos anos! Estava gostando de frequentar a escola, mesmo que ainda recebesse olhares

curiosos e até de repulsa e não tivesse feito amigos. Ainda assim, gostava da sensação de estar numa sala de aula, e aquilo fora tirado de mim.

Muriel também fora bastante compreensiva quando papai lhe explicou a situação e disse que eu não poderia mais trabalhar por tempo indeterminado.

Sua conversa com ela acontecera no mesmo dia em que ele fora até a fazenda onde vivia o dono da vaca que causara o acidente.

O animal tivera atendimento veterinário e estava bem. Era muito forte e a colisão não havia sido tão

intensa.

O dono da vaca, assim como Muriel, lamentou muito saber sobre minha saúde.

E eu lamentei todos os momentos que perdi junto das rosas. Meu trabalho me fazia muita falta e eu confesso que me sentia até um pouco perdida longe das flores.

Abri meus e-mails e vi mais alguns recados de professores e arquivos para estudar.

Como havia várias mensagens na caixa de entrada, quase deixei de notar aquela pela qual tanto tinha esperado.

Os pais do menino que vivia no

leste da Europa e que, assim como eu, era feito de espinhos, haviam finalmente me respondido!

Talvez até o próprio menino respondera a minha mensagem. Eu não sabia se não clicasse e lesse o conteúdo.

Meus dedos tremiam e eu mal conseguia clicar no local certo.

Com o coração quase paralisado em meio à tormenta de pensamentos e sentimentos que me envolvia, li:

Querida Kat,

Desculpe a demora para responder, ainda é muito doloroso falar sobre isso.

Lembramo-nos de seu pai e de como ele falava com carinho de você. Ficamos felizes ao saber que você está bem e que nos escreveu.

Porém, é impossível que você tenha conhecido nosso filho. Ele nunca deixou a cidade em que nasceu.

Sentimos muito ao lhe dar essa notícia, mas o Micahil faleceu há pouco mais de oito anos.

Ele era uma criança amável e nunca deixou que os espinhos lhe impedissem de sorrir. Temos certeza de que vocês seriam bons amigos caso tivessem tido a chance de se conhecer.

Mande nossas saudações a Rubens.

Desejamos que a vida lhe conceda sempre sabedoria e paz.

CAPÍTULO 68

Micahil?

Nunca havia deixado o leste da Europa?

Falecera há cerca de oito anos?

Em meio àqueles pensamentos e frases que rodopiavam em volta de mim, ouvi papai se aproximar:

— Kat, vamos? Acho melhor

irmos com um pouco de antecedência, para chegarmos com calma ao hospital.

Hospital?

Ah, sim, os exames. Aqueles que me diriam por que eu sentia a vida me deixar um pouquinho mais a cada dia.

O mundo todo rodopiava quando desliguei o computador. Eu mal podia sentir minhas pernas.



Eu, papai e Gregg aguardávamos sentados na recepção do setor de diagnóstico por imagem do

hospital.

Já fazia quase uma hora desde que eu terminara o último exame, mas o médico pedira que esperássemos ali mesmo, pois solicitara que adiantassem os laudos.

O doutor Jack, que cuidava de mim desde o dia do acidente de carro, havia explicado que normalmente os laudos dos exames de imagem demoravam horas ou até mesmo dias para saírem oficialmente, mas dadas às condições da minha situação, ele pedira que adiantassem os resultados, para falar conosco antes

de voltarmos ao chalé.

A pedido de sua secretária, fomos conduzidos para sua sala.

Era ampla e muito branca, repleta de esqueletos e imagens ósseas nas paredes, além de uma prateleira repleta de livros.

Ele providenciara uma cadeira extra para que todos pudessem se sentar e, segundo suas expressões entregavam, era melhor estarmos sentados para ouvir o que ele tinha a dizer.

Fitei-o por um breve segundo enquanto me sentava sobre um acolchoado que carregava para todos os cantos para recobrir

assentos. Era um homem já envelhecido e com poucos fios de cabelo. Sua pele era rosada e seu nariz adunco, e ele tinha olhos muito cansados.

Respirando fundo, falou:

– Kat, você é um desafio em minha carreira, confesso que estou completamente perdido em seu caso.

– O que isso quer dizer, doutor?

– Apesar de sua doença ser rara, Kat, como você sabe desde o princípio, algo inédito aconteceu. E temo que... não seja algo nada bom.

– Por favor, doutor Jack, diga-

nos o que está acontecendo – pediu papai.

– Sim. Para evitar que a angústia de vocês três se prolongue, vou falar de uma vez o que os resultados das radiografias torácicas e da ecocardiografia mostraram.

Gregg suava ao meu lado, embora não estivesse quente, e nenhum de nós piscou até que o doutor terminasse de falar:

– Os espinhos da Kat, como vocês todos sabem, são deformidades epidérmicas. O coração, por outro lado, é um órgão muscular. Inusitada e

estranhamente, as imagens mostram que alguns espinhos estão começando a nascer no coração da Kat.

Naquele instante, eu fui transportada de volta para meu pesadelo daquela noite.

Aquele silêncio mortal, a ausência total de cores e movimentos. A vida sendo lentamente sugada de mim... Se esvaindo... Desvanecendo... Minha alma sendo sugada do corpo. E tudo o que eu sentia era o amor que havia construído na vida.

Ele me acompanhava.

Por muito tempo, fiquei naquela

inércia. Não ouvi nada, não falei uma palavra sequer, nem mesmo consegui distinguir qualquer imagem ou pessoa à minha frente.

Tudo era abstrato e fugaz. E a vida era de uma efemeridade que doía.

Em meu peito, espinhos cresciam e me matavam. Silenciosamente. Pouco a pouco.

Mas a ironia é que eles matavam só a casca, o músculo, a vida. Não matavam o que eu tinha por dentro. Os sentimentos, os sonhos, as vontades.

Depois de um tempo que não sei mensurar, tornei a permitir que as

imagens ao meu redor ganhassem foco.

Eu estava deitada numa cama de hospital.

Não sabia dizer como tinha ido parar lá, nem o que acontecera desde a notícia que recebera do doutor Jack.

Momentos da minha vida eram um borrão, e eu percebi que estava chorando.

– Kat? – Era papai que estava ali, ao meu lado, velando meu sono.

Percebi que ele também chorava.

– O que aconteceu? – perguntei com a voz falhando.

– Você entrou em um estado de

transe, um tipo de choque, quando o doutor disse... – Ele interrompeu a frase, como se falar fosse tornar aquela situação ainda pior. – Quando ele deu a notícia. Você teve falta de ar novamente e foi trazida para o quarto.

– Quanto tempo faz?

– Três horas.

– Você viu, papai? Viu as imagens, as radiografias?

Ele concordou com a cabeça, deixando que mais lágrimas rolassem.

– Eles estavam lá, não estavam? Os espinhos? – perguntei, já ciente da resposta.

– Estavam, sim, filha. Claros, finos e pontudos, como os da sua pele.

– Eu estou morrendo – falei para mim mesma. – O doutor disse quanto tempo eu tenho?

– Não, Kat, não é possível afirmar. Eu e o Gregg conversamos com ele depois que você dormiu. Infelizmente, não há informações ou registro de que isso tenha acontecido com qualquer outra pessoa no mundo. O doutor Jack e sua equipe não têm ideia de como os espinhos nasceram no seu coração, já que não é um órgão epidérmico, mas tudo que sabemos

é que eles estão lá e não há nada para se fazer.

— Nada?

— Nada, minha filha, nada. A cirurgia seria arriscada e ineficaz, visto que são muitos espinhos e alguns ainda estão crescendo. Tampouco há tratamento. Como você sabe, sua condição é rara, e todas as pessoas que já a apresentaram morreram ainda jovens, por diversas razões. Mas nunca ninguém teve espinhos no coração. Acredite, filha — ele disse, assoando o nariz, enquanto ainda chorava copiosamente —, se houvesse qualquer coisa que

pudesse ser feita, nós faríamos.

– Eu sei...

– Filha, se eu pudesse, eu trocaria de lugar com você.

Nós choramos por muito tempo. As lágrimas eram inevitáveis perante nossa impotência naquela situação. Não havia nada que pudesse ser feito, apenas *esperar*.

Segundo papai, Gregg estava dando uma volta no hospital para esfriar a cabeça. Ele ficara muito agitado e tivera medo de me deixar nervosa quando eu acordasse.

Então, em algum momento do meu choro junto de papai, vi com os cantos dos olhos quando

Greggory entrou no quarto.

Aproximando-se vagorosamente, pude notar que ele tremia, e que me olhava de forma diferente.

Com ainda mais amor, se isso fosse possível.

Papai se afastou e permitiu que ele chegasse bem do meu lado.

— Gregg, meu coração tem espinhos, eu... eu não sei o que pensar...

— Você, meu amor, é única no mundo.

— Na vida e na morte — falei por entre as lágrimas que nos acompanhavam. — Até que há beleza nisso. Você me mostrou o

quanto a vida é linda, Gregory.
Minha morte também será. Única.

CAPÍTULO 69

Raras foram as semanas que consegui passar inteiras no chalé a partir daquele momento.

O doutor Jack entrou em contato com outros médicos ao redor do mundo. Ninguém jamais vira ou ouvira falar de um caso como o meu, tampouco poderiam oferecer

qualquer tipo de ajuda ou tratamento.

Nos dias bons, eu ia para casa com minha máquina de oxigênio e repousava. Em dias muito, muito bons mesmo, conseguia dar uma voltinha na clareira com Joaquim.

Já nos dias ruins – a maioria –, estava sempre no hospital, conectada a máquinas diversas.

Gregg lia para mim, trazia filmes, buquês e mais buquês de rosas vermelhas. Ele e papai não me deixaram um instante sequer. Eram como meus guardiões.

Meu vigésimo aniversário logo chegou, encontrando-me mais uma

vez no leito hospitalar. Fraca e com cada vez mais dificuldade para respirar.

Era estranho fazer vinte anos e celebrar a vida estando quase no fim dela – como eu não podia deixar de pensar. Porém, mais estranho ainda era saber que estava com Gregg há dois anos. Afinal, eu o conhecera no dia em que fizera dezoito. Era agri-doce saber que ele ficara ao meu lado todo aquele tempo e que seus sentimentos por mim eram verdadeiros. Porém, eu sabia que em breve o deixaria e isso partia meu coração e cada um de seus espinhos.

Gregg se encarregou de convidar sua família e seus amigos, que tive o prazer de conhecer, assim como Muriel e alguns funcionários do roseiral, e até mesmo meus professores do curso de paisagismo, para uma pequena festinha em meu quarto do hospital.

Os enfermeiros e médicos, que haviam desenvolvido extrema compaixão e apego à mim, também tiraram um instante de seus afazeres para celebrarem comigo.

Tentei manter as aparências e fingir que aquele estava sendo um momento especial. No fundo, era aquela velha dualidade: a alegria

de estar com pessoas queridas em um dia em que eu celebrava a vida, e a tristeza de saber que, provavelmente, aquele seria meu último aniversário.

Papai trouxe vários petiscos, sucos e meus chás preferidos. As enfermeiras encheram balões e penduraram no meu quarto, que ficou bem colorido e alegre. Muriel trouxe cestas e arranjos lindos com as rosas mais perfeitas do roseiral.

Algumas lágrimas caíram durante o parabéns e quando apaguei as vinte velinhas.

E quando todos se foram, eu senti dor. Ela tinha vencido; não pude

evitar.

A dor no peito, devido aos espinhos cardíacos, aumentava de forma absurda com o passar dos dias. Mas a dor que senti após a festinha do meu vigésimo aniversário foi por sentir que meus sonhos já não mais se realizariam.

Eu não sabia como encarar a morte iminente e não sabia mais o que esperar ou querer dos dias que ainda, talvez, teria de encarar.

Vi todos os meus sonhos se estilhaçarem em frente aos meus olhos e se tornarem fragmentos de vergonha. Senti que estava podre por dentro, envergonhada de mim

mesma e de todos ao meu redor.

O pior de tudo era saber que o fim estava próximo e que eu partiria sem jamais ter tocado outro ser humano. Sem saber qual era a sensação de sentir alguém amado bem pertinho.

O amor é tão abstrato que o toque o torna concreto. E eu iria embora sem deixar meu amor sólido por Gregg e por papai. Isso parecia fazer com que os espinhos no meu coração crescessem mais rapidamente e doessem cada segundo mais.

Gregg entrou no quarto naquele instante, carregando uma rosa cheia

de espinhos afiados.

O olhar que ele me lançava queimava feito fogo. Havia raiva e pesar ali. E muito medo.

Mas não era raiva de mim; era da vida. Para mim, eu sabia que ele trazia apenas seu amor.

Percebi que seus dedos sangravam.

Ele segurara o cabo da flor com tanta força que acabou deixando que os espinhos invadissem sua carne.

Seu sangue era vermelho e vivo como aquelas pétalas.

Como sempre, ele parecia saber exatamente o que eu estava

pensando e sentindo porque,
quando me estendeu a rosa
manchada pelo seu sangue,
sussurrou bem próximo do meu
ouvido:

— Kat, eu quero que você me
toque.

NONO ATO

*Olhos tão azuis e tão
bonitos*

CAPÍTULO 70

Eu nunca tive que me despedir de ninguém. Quando perdi mamãe, claro, era muito pequena e, por mais que sua ausência tenha doído durante toda a minha vida, eu nunca tive que me despedir dela. Não exatamente.

Mica também sumira sem uma

despedida propriamente dita.

Ou seja, eu nunca havia dito *adeus*.

Apenas a mim mesma e a quem eu fui um dia. Disse adeus às minhas tristezas do passado, às dúvidas e aos medos. Conforme deixei o amor entrar em minha vida com todas as forças, eu disse adeus a muitas coisas ruins. Mas era uma forma boa de dizer adeus.

Agora, porém, as pessoas que eu amava estavam todas ali, vivendo meu dia a dia no hospital e seria eu quem iria partir.

Elas teriam que se despedir de mim e me deixar ir. Essa sensação

era terrível.

De ter que dizer adeus sem querer. De ter que dizer adeus e ser você quem vai se afastar.

Eu não queria ter que me despedir daqueles que amava. Nunca e em nenhuma circunstância.

Saber que isso aconteceria por minha causa, e que eles, de certa forma, já começavam a sentir o luto por mim antes mesmo de me verem partir, era sufocante.

E era também inevitável.

Tudo que eu precisava era encontrar a forma certa de dizer adeus a quem amava.



Quando Gregg entrou no meu quarto e pediu que eu o tocassem, eu quis atender ao seu pedido.

Mais que tudo, eu tremi e ofeguei e lacrimejei. Porque eu queria aquilo com toda minha alma, todo meu corpo; queria tê-lo na ponta de todos os meus espinhos e senti-lo nos vãos entre eles.

Mas não podia.

Jamais iria embora sabendo que eu o havia colocado em perigo, que o ferira conscientemente.

Nossa história não era *Romeu e Julieta*. Nós não precisávamos

morrer juntos. Nosso amor transcendia e ia além da vida. E, conseqüentemente, ia muito além da morte.

Era maior e mais forte que a morte.

Eu sabia disso porque levaria o amor comigo, ao mesmo tempo em que o deixaria ali, junto de Gregg, e continuaria viva de muitas formas através daquele sentimento.

Gregg não devia se ferir por algo tão belo. Deveria, sim, viver por isso.

Ele deslizou os dedos por entre os fios longos de meus cabelos, aceitando minha decisão, e fez uma

trança, a qual passou as horas seguintes alisando.

CAPÍTULO 71

Quando abri os olhos, voltando lentamente do sono, ela estava ali.

Não era a primeira vez que isso acontecia – que ela me via dormir e era a primeira pessoa que eu encontrava ao abrir os olhos.

Lolita.

A menina que eu, de certa forma,

quis ser, quis ter como amiga. Tão parecida comigo e tão diferente.

A menina que não era feita de espinhos, mas sabia rasgar sentimentos com palavras e olhares.

A menina que eu gostava de seguir pelo roseiral anos atrás, tentando entender como era ser normal.

Ela estava agora ao lado de minha cama no hospital.

Gregg apareceu rapidamente na porta. Tinha a expressão preocupada e, certamente, não queria me deixar sozinha com ela.

— Está tudo bem — eu lhe disse, e, ainda relutante, ele afastou-se,

deixando-me sozinha com minha visitante inesperada.

Assim como havia sido em nosso reencontro silencioso no roseiral, trocamos um profundo olhar. Desta vez, porém, ela viera totalmente desarmada.

Sem que precisasse dizer, eu sabia que ela não estava ali para me ferir.

Assim como ela sabia que eu a perdoara.

— Eu... trouxe algumas rosas vermelhas — ela disse meio sem jeito.

Olhei para a mesa que ficava ao lado da minha cama. Havia um

lindo arranjo ali, com as rosas vindas do meu – *nosso* – roseiral.

– Você adivinhou que elas são minhas preferidas.

Rimos timidamente daquilo tudo, um pouco constrangidas.

Lolita era uma pessoa especial em minha vida em tantos níveis que eu mal sabia o que sentir ao tê-la ali do meu lado. Aquilo significava muito.

O marco em minha – *nossa* – história não foi quando eu quis ser como ela, mas quando quis ser diferente. Totalmente diferente.

Naquela vez em que ela me magoou e eu quis feri-la com meu

veneno, ela mesma me lembrou da bondade que havia em mim.

E esta história sobre minha vida é também sobre bondade.

Foi Lolita também quem despertou o mais profundo sentimento de perdão que já vivenciei. É difícil descrever o quanto ele é poderoso. O perdão, sim, remove montanhas.

Lolita era bonita por dentro e por fora principalmente porque era cheia de falhas, e ela me deixava ainda mais bonita porque sempre foi capaz de despertar sentimentos lindos dentro de mim, intensos e reais (não necessariamente

perfeitos), que me ensinaram a viver a vida como deve ser.

Na primeira vez em que a vi, ela me fez sentir algo tão mesquinho quanto a inveja. Mas isso não durara, porque não vinha da minha alma. Já a bondade e o perdão, sim.

Conversamos poucas vezes ao longo da vida, e a maioria das palavras que trocamos foram ofensivas, mas ela havia me ensinado tanto que eu jamais seria capaz de agradecer-lhe à altura.

Eu derramei uma pequena lágrima naquele momento.

E Lolita sorriu para mim.

Derramei mais lágrimas ainda ao

perceber por meio de seu sorriso que já não havia preconceito ali.

– Obrigada por ter vindo – falei.

– Eu precisava – ela respondeu.

– Eu também precisava que você viesse.

Alguns dos espinhos de meu coração pararam de doer e eu respirei em paz. Era uma paz completa e profunda, que durou apenas alguns segundos, mas que marcou um desfecho em minha vida.

Realmente, havia beleza em tudo e em todos, e Lolita foi uma das pessoas que mais mostrou isso a mim.

Era estranho pensar, mas eu a amava.

Porque nas histórias não devemos amar apenas os mocinhos, é preciso amar também os vilões.

— Você gosta de filmes? — perguntei, ligando a tevê.

Ela fez que sim, e puxou uma cadeira para se sentar próxima a mim.

Assistimos a dois filmes em sequência, e até mesmo nos momentos em que as enfermeiras me trouxeram refeições ou medicamentos, ela continuou ali me fazendo companhia.

Papai e Gregg entraram algumas

vezes no quarto para ver se estava tudo bem, mas entenderam que precisavam nos deixar a sós naquele dia.

Quando chegou a hora de nos despedirmos, Lolita, como sempre, não disse nada.

Ela ficou parada me encarando e nós trocamos histórias inteiras através de nossos olhares.

E quando ela já se afastava e caminhava em direção à porta para sair, eu disse:

- Eu sei por que você veio hoje.
- Por quê?
- Porque você é minha amiga.

CAPÍTULO 72

Minha saúde piorou consideravelmente nos dias que se seguiram e passei a sentir dores cada vez mais insuportáveis.

Mal conseguia fazer alguma coisa sozinha, e precisava que me deslocassem em uma cadeira de rodas nos raros momentos em que

deixava o quarto do hospital.

Estava cada vez mais fraca e abatida e o cansaço me dominava, já que era necessário me superar até mesmo para respirar.

Ligada a vários aparelhos, permaneci no hospital por vários dias em sequência.

Obviamente, já não ia trabalhar há várias semanas e, mais que nunca, eu sentia falta das rosas. Sentia falta do perfume invadindo minhas narinas e aquecendo meu coração, das pétalas afagando meus cabelos e dos espinhos reconfortando meus próprios espinhos, como um lembrete de que

eu não estava sozinha em minha sina.

As rosas também adoeciam, também partiam deste mundo. Eu não seria exceção.

Por mais doloroso que estivesse sendo minha partida, eu não tinha escolha. E ao ver a tristeza de papai e Gregg, comecei a questionar minha própria postura.

Eles estavam tristes porque eu estava triste, e isso era extremamente egoísta de minha parte.

Apesar de todas as dificuldades, eu tinha vivido uma boa vida. E, se podia afirmar essa frase sem

titubear, devia isso às pessoas que me fizeram compreender que o amor é mais forte que qualquer pedrada, mais ousado que qualquer espinho e maior que qualquer tristeza.

Papai e Gregg não mereciam me ver mergulhada num oceano de inconformidade.

Toda rosa foi um dia um botão. E então suas pétalas se abrem, seus espinhos prosperam, sua vida brilha e se glorifica. Perfuma e embeleza. Em seguida, ela murcha e se vai.

Minha vida merecia ser celebrada, e eu ainda podia tirar

forças dos sentimentos gigantescos que me habitavam e partir com resignação e amor pleno, apesar das lágrimas, que seriam inevitáveis.

Só que essas lágrimas não precisavam ser carregadas de tristeza e desespero, mas sim de emoção e gratidão, por ter vivido uma vida com espinhos e ainda assim ter sido capaz de sorrir em muitos dias.

Eu era grata pelo amor de papai e Gregg, que fazia qualquer toque parecer totalmente dispensável agora. Era um amor mais reconfortante que qualquer abraço,

e eu quase podia sentir que era a pessoa mais amada do mundo.

Essas considerações, que fiz durante uma noite no hospital, sem conseguir dormir devido às dores causadas pelos espinhos, foram suficientes para que pudesse esboçar um pequeno sorriso.

No dia seguinte, quando Gregg despertou de seu sono, na cama improvisada ao lado da minha no hospital, eu tinha algo importante a lhe dizer.

— Como se sente? — ele perguntou, antes mesmo de abrir os olhos.

— Estou bem. Estou feliz — falei

com sinceridade.

– Feliz?

– Sim. Por que não estaria? Eu recebi mais amor na vida que muitas pessoas, e isso fez valer a pena os momentos de solidão, as pedradas e, acima de tudo, os espinhos.

– Kat, eu não sei o que dizer. Você me inspira. Pena que eu não consiga partilhar de sua resignação.

– Mas eu preciso que você faça isso por mim. Durante minha vida, eu venci em alguns dias e perdi em todos os outros. Mas mesmo perdendo na maioria das vezes, hoje vejo o quanto é bonito estar

viva, e o quanto é bonito conviver com os espinhos. Cada um deles é uma bênção e uma maldição, e eles me tornaram mais forte. Eu não sei quem eu seria se não os tivesse. Já quis muito não tê-los; hoje, só me reconheço por causa deles. Quando me perco dentro de mim, são os espinhos que me mostram o caminho de volta. E *muitas vezes* eu precisei encontrar o caminho de volta ao longo da vida.

Respirei fundo e continuei a falar. Ele não me interrompeu, ouvia atentamente cada uma de minhas palavras:

– Gregg, eu preciso de você mais

que nunca. Entendo que esteja triste com minha condição de saúde. Eu estaria arrasada se fosse o contrário. Mas, se eu puder lhe fazer um último pedido, eu peço que você se despeça de mim sendo você mesmo.

– O que isso quer dizer, querida?

– Notei que ele derramava uma lágrima discreta e solitária ao me fitar.

– Você, Gregg, é a pessoa mais positiva que eu conheço. Sempre ligado à natureza, à vida calma e harmoniosa, sempre capaz de me fazer rir. E é desse Gregg que vou me despedir, é dele que preciso

agora... no final. De sua essência.

– Me perdoe por não ter visto isso antes. Me perdoe por ter me perdido tanto, Kat. Eu vou achar o caminho de volta pra você.

Naquela tarde, ele apareceu no meu quarto com incensos, livros e músicas de meditação, filmes de comédia e jogos de tabuleiro.

– Seu desejo é uma ordem, minha rainha – disse, fazendo uma enorme reverência no meio do quarto, enquanto colocava uma música alegre para tocar.

Reconheci aquele som imediatamente. Fora exatamente aquela música que me tirara do

chalé após dois anos de clausura.

Eu me lembrava daquele dia como se fosse hoje. Não queria sair de meu esconderijo, não conseguia mais deixar de ser o monstro espinhoso que se esconde na floresta. Mas aquela música alegre tinha despertado minha ira e eu precisara ver quem atrapalhara meu retiro.

No fim daquele caminho, encontrara Greggory pela primeira vez e, com ele, o recomeço de tudo. Mesmo que ele tenha me perseguido com um taco de beisebol, aquele foi um dos melhores dias da minha vida.

Foi como acordar após um longo pesadelo.

E fora aquela música que me conduzira até Gregg e me fizera voltar a ver a beleza da vida.

– Achar o caminho. É importante sempre achar o caminho de volta – ele me disse, referindo-se aos momentos em que nós dois havíamos nos perdido e então reencontrado o caminho mais uma vez.

Para se achar é preciso se perder. E eu passei por esse ciclo várias vezes ao longo da vida.

Quando reparei, Gregg estava dançando em meu quarto e me

fazendo rir, como apenas ele sabia fazer.

Ele executava passos estranhos e poses de meditação que eu nem no auge de minha saúde ousaria executar.

Papai entrou no quarto naquele momento e, encabulado, saiu correndo dali.

A felicidade me atingiu ao ver que nós dois, eu e Gregg, ainda tínhamos forças para encontrar o caminho de volta. Tínhamos um ao outro.

CAPÍTULO 73

Acordei com um pequeno alvoroço no interior do meu quarto. Abri os olhos um tanto assustada, mas a voz de papai logo me trouxe de volta à realidade:

— Acordamos você, querida? Desculpe, pensei que estivesse lendo.

– Eu estava... – respondi. – Devo ter caído no sono sem perceber... *O que vocês estão fazendo?*

Greg, que vinha logo atrás, respondeu:

– Pensamos em deixar seu quarto hospitalar um pouco mais pessoal. Sabe, do jeito que você gosta.

Era exatamente isso que eles estavam fazendo ao trazer para o quarto todos os meus bichinhos de pelúcia.

Gregg, papai e alguns enfermeiros que os ajudavam tinham entrado no meu quarto com os braços cheios de bichos de

pelúcia e os espalharam pelo local. Pelo que pude perceber, eles haviam trazido todos que eu tinha. Nenhum ficara no chalé.

– Lembra-se desse carinho aqui? Ele estava sentindo sua falta – Gregg disse, enquanto balançava meu velho amigo, Sancho Pança, o Pancho, em minha direção.

– Também senti falta dele – falei, pegando-o no colo e lhe dando um grande abraço. – É muito legal isso que vocês fizeram. Obrigada.

– De nada, querida. Queremos vê-la feliz – meu pai respondeu, aproximando-se. – Há algo mais que possamos fazer?

Eu já estava pensando naquilo há alguns dias. Eles provavelmente pensariam que aquele pedido era um pouso ousado e até mesmo louco, mas eu tinha de arriscar.

– Existe uma coisa.

– Pode pedir – disse Gregg entre um sorriso.

– Qualquer coisa – completou papai.

– Bom, já que posso pedir qualquer coisa, lá vai. Sei que estou bastante fraca, mas com a ajuda de vocês acho que posso fazer isso.

Respirei fundo, tomando coragem, e continuei:

– A visita que recebi de Lolita no outro dia foi muito importante para mim. Ela me fez perceber, dentre muitas outras coisas, que não sou perfeita, mas que também não sou uma aberração. Sou diferente, assim como todo mundo é. Nunca fui perfeita, nem sempre alegre ou otimista, mas sim uma pessoa real, com medos, dúvidas e sentimentos divididos, atitudes às vezes controladas pelo amor, às vezes pela coragem, muitas vezes pela fraqueza. Em alguns momentos, aceitei meus espinhos; em outros apenas quis ter uma pele lisa como todos têm. E estou passando por

uma fase complicada, em que ao mesmo tempo em que busco aceitar que logo vou partir, às vezes sinto uma raiva e uma tristeza sem fim por isso.

– Tudo isso é absolutamente normal, filha.

– Você é maravilhosa, Kat.

Papai e Gregg ouviam atentamente e concordavam com o que eu dizia. Completei:

– A visita de Lolita me trouxe um desfecho importante. E como todas as pessoas, eu preciso de mais alguns. Preciso dizer adeus da forma certa para algumas coisas e pessoas. E para Joaquim, meu

Joaquim.

— Kat, você está pedindo para sair do hospital neste momento em que sua saúde está completamente fragilizada? — papai questionou.

— Estou, sim. Eu preciso disso agora mais que tudo. Vejam como o Pancho está velho e gasto. Eu já não olhava para ele há muito tempo. Ele estava só criando poeira num canto do meu quarto. Como ele, há muitas coisas que deixei para trás. Preciso me despedir delas de uma forma que me traga paz. Agora.

Papai e Gregg se entreolharam, refletindo a respeito do meu pedido e dos riscos que ele traria.

CAPÍTULO 74

A beleza daquele dia foi além dos limites e fez meu coração explodir de felicidade.

Gregg e papai haviam conversado com o doutor Jack, e ele me liberou para ir às colinas durante uma manhã, desde que voltasse para o hospital até o

horário do almoço, não fizesse esforço e tivesse a supervisão de um enfermeiro.

Assim, eu e meus três acompanhantes partimos para o chalé.

Não há como descrever o que senti no caminho de volta para casa. Pensei que nunca veria aquele caminho de novo. Estava tudo ali. Cada arbusto, árvore e rochedo que eu conhecia e amava tanto.

Primeiro, eu quis ir direto para o roseiral.

O enfermeiro empurrava minha cadeira de rodas. Papai e Gregg caminhavam ao meu lado. E eu

sorria e chorava sem parar.

Mas eram lágrimas de emoção que eu tanto queria, e não de tristeza, que certamente não caberiam naquele momento.

Muriel e os demais funcionários me esperavam, já sabendo de minha visita, e me receberam com palmas e gritos de felicidade.

Sorri para cada um deles e, então, voltei minha atenção às flores.

O mar vermelho, formado pelas rosas mais lindas do mundo, estava todo ali. Esperando por mim.

Era como se as rosas tivessem sentido minha falta quase tanto

quanto eu sentira falta delas. O perfume estava mais delicado do que eu me lembrava, assim como a beleza. Uma beleza que, ao mesmo tempo em que era de fato delicada, era também agressiva.

Todos aqueles espinhos.

Eu me lembrei dos momentos que passei naquele local, lembrei das tardes e mais tardes que passei ali, fosse trabalhando, fosse desfrutando da companhia das flores — meu reflexo —, ou brincando com Mica.

Mica.

Conforme dei as instruções, o enfermeiro me levou até o velho e

saudoso cantinho onde eu e meu melhor amigo de infância costumávamos brincar.

Pedi que me deixassem sozinha ali por um instante.

Sentada na cadeira de rodas, naquele local que era sagrado ao meu coração, eu quase podia sentir a presença de Mica junto de mim. Não importava onde ele estivesse ou o que tivesse acontecido em sua vida, eu sabia que, em qualquer lugar do mundo, ele estava feliz. Porque ele era um menino feliz, que só sabia sorrir e dizer palavras doces.

Lembrei-me de seu sorriso e do

dia em que nos conhecemos, à sombra de uma árvore não muito distante dali. E das tantas vezes em que brincamos por entre as rosas vermelhas.

Sentia mais falta dele e daqueles dias que podia imaginar.

– Adeus, Mica – sussurrei.

Pude sentir que o vento, que tantas vezes me abraçara e me confortara na solidão, carregou minhas palavras até o coração de meu amigo e que, onde quer que ele estivesse, receberia minha despedida e também estaria pensando em mim.

A vida, às vezes, nos separa das

peessoas que amamos sem grandes explicações, mas não é por isso que tudo que vivemos juntos seja apagado. Pelo contrário, mesmo que Mica tivesse tomado outro rumo, eu sentia que a marca que ele deixara em mim havia sido profunda. Eterna. Eu amava meu pequeno amigo de sorriso fácil e olhos miúdos.

Fora um belo desfecho.

Mais alguns viriam a seguir.

Com uma mistura de conforto e pesar, deixei o roseiral e não olhei para trás.

Fui levada até o chalé.

Não haveria tempo para dar uma

volta na floresta, tampouco seria seguro. Mas eu aproveitei para olhá-la com carinho. Já havia memorizado suas trilhas e clareiras. O cânion, os riachos, o lago vermelho. Tudo estava vivo em minha memória e continuaria a ser o cenário perfeito da minha vida.

Na clareira do chalé, meu coração se contorceu dentro do peito.

Joaquim pastava ao lado da casinha de madeira.

Meu lindo cavalinho, que fora carregado pela tempestade, mas que só trouxera luz para meus dias, parou de comer grama quando viu

que eu me aproximava.

Ainda na cadeira de rodas e sentindo um pouco de dificuldade para falar, eu disse pausadamente:

– Você está lindo, meu menino. E eu tenho orgulho de você, sempre terei. Joaquim... você é meu filho, meu irmão, meu amigo, meu cavalinho querido. Papai vai cuidar de você quando eu... *partir*.

Estava soluçando, sem perceber.

– Eu te amo demais, Joaquim. Demais.

Meu cavalinho me encarava de volta, com olhos tão negros e profundos que eu podia ver quanto sentimento havia ali. Eram águas

infinitas. Sua capacidade de amar era infinita. E, dentro de mim, eu o ouvi dizer:

Eu também te amo, Kat.

Ele não precisava de palavras. Joaquim me disse tudo com os olhos, como sempre fez. Sua companhia, fiel e reconfortante, fez com que eu me sentisse amada até mesmo nas adversidades.

Estava ficando muito nervosa, e o enfermeiro achou melhor não abusar. Então ele, papai e Gregg me conduziram para o interior do chalé.

Meu lar estava exatamente da forma que eu havia deixado.

O cantinho da costura. Os livros. Os móveis. Meu quarto – a única mudança era a ausência dos bichinhos de pelúcia, que agora me acompanhavam no hospital.

Tudo que eu deixara para trás me esperava de volta.

E aquele era o momento certo para voltar. Havia deixado muito para trás. E uma dessas coisas me aguardava lá embaixo no porão.

Realmente, era o momento certo de voltar para tudo.



Sozinha no porão, eu observei

todos os desenhos que colara nas paredes ao longo dos anos, ao lado dos desenhos de mamãe.

Ainda havia tempo para mais um.

Peguei giz e papel, aproximei a cadeira de rodas da velha mesa de carvalho e comecei a desenhar.

Usei bastante giz verde, assim como mamãe fazia, mas também usei várias outras cores. Aquele era um momento colorido e alegre.

Desenhei a mim mesma. Mas, pela primeira vez, desenhei-me com espinhos.

Era hora de aceitar quem eu era em todos os sentidos. Se em todos os outros desenhos daquelas

paredes, eu era uma menina normal, sem espinhos, na última ilustração eu seria como realmente era.

Como fora do início ao fim.

Com espinhos por toda a pele.

Ao final daquela manhã que os médicos me concederam, coleí meu último desenho junto dos outros nas paredes do porão. E, em seguida, pedi que me levassem para fora do chalé e me deixassem observar a cidade ao longe.

Muito da minha história se passara naquelas ruas. Muito da minha vida havia se moldado a partir dos acontecimentos do meu aniversário de dezesseis anos,

numa esquina que agora estava lá,
abaixo das colinas, misturando-se a
tantas outras na minha visão
distante.

No fim, tudo valera a pena.
Até mesmo os desfechos.

CAPÍTULO 75

Gregg entrou no quarto do hospital com um sorriso bobo na face, carregando algo nas mãos, embora estivesse escondendo de mim o que era.

— O que você traz aí? — perguntei.

— Algo que você gosta muito,

com certeza.

Continuei com cara de interrogação, então logo ele emendou:

– Eu sei que você reconheceu que a cor preferida de sua mãe era o verde porque era o giz mais gasto da primeira caixa que você encontrou, anos atrás. Usei o mesmo princípio quando estivemos hoje cedo no chalé.

– Não estou entendendo – falei, confusa.

– Você nunca me respondeu qual era seu livro favorito. Sempre disse que amava vários da mesma forma e não poderia escolher um

preferido.

– E é verdade.

– Talvez. Mas hoje, enquanto você desenhava no porão, dei uma boa olhada na sua estante de livros de uma forma que nunca havia visto. Porque eu quero saber tudo sobre você, Kat. Nunca é tarde demais para descobrir algo novo, ainda mais algo tão importante assim.

– E o que você descobriu em minha estante, Gregory?

Ele mostrou o que escondia atrás das costas. Era meu velho exemplar de *O Pequeno Príncipe*.

– Você é danado mesmo! Esse é

realmente um dos meus favoritos.

– De todos os livros da sua estante, ele é o que tem as folhas mais gastas. Aposto que você já as folheou mais do que poderia contar.

– Você está certo. Não sei dizer quantas vezes li esse livro. Talvez seja por causa da rosa... – falei. – Pensando bem, é por muitos motivos.

– “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” – ele falou, citando uma passagem do livro.

Aceitei o desafio, e respondi com uma de minhas citações favoritas:

– O amor é a única coisa que cresce conforme se reparte.

– Esse livro é realmente demais, posso entender porque você gosta tanto dele. Eu também o li várias vezes quando era mais novo.

– Se você reparar na história, ela tem muito de mim. Acho que o que nos conecta com uma história mais profundamente é quando nos vemos nela. E eu sempre me vi na rosa e no apego gigante que desenvolvi pelas pessoas que me cativaram ao longo da vida.

– Você é uma rosa única, Kat. Realmente tem muito dessa história em você.

Passamos o restante da tarde conversando não apenas sobre aquele, mas sobre vários outros livros que marcaram nossas vidas.

Era impressionante o poder das histórias, e eu fazia questão de que a minha fosse feliz no final.

Estava sendo.

LIVRO DA VIDA

IX

Eu penso em vários dias da minha vida.

Na borboleta que matei com meu toque, quando pequena, sem querer. Nas flores estranhas, cujas pétalas tinham o formato de animais

diversos, que carreguei com Mica certa vez pela floresta.

No dia que eu Gregg nos sentamos no topo do cânion pela primeira vez e conversamos sobre as nuvens.

Cada dia da minha vida havia sido bonito. Olhando para trás agora, eu sabia disso. Conseguia ver isso claramente.

Havia, de fato, beleza em tudo.

E não me refiro apenas aos dias bons, mas também aos dias aparentemente ruins. Sim, como o dia em que fui apedrejada ou o dia em que descobri que cresciam espinhos em meu coração. Cada dia

tinha seu brilho e havia direcionado minha vida para o que ela era agora: bonita.

E se um dia eu quis que as pessoas não mais me olhassem, hoje eu sentia que nada, nenhum olhar maldoso ou insulto, poderia me derrubar.

A dor tinha me trazido insegurança muitas vezes, mas agora ela me fortalecia, e eu aprendi, no final das contas, o quanto era bonita.

O caminho que me levara até essa conclusão era sinuoso, repleto de luz e trevas, mas era um caminho, e qualquer caminho é

importante.

Aprendi que há sonhos que só existem para nunca serem realizados.

Eu jamais poderia tocar alguém. Eu e Gregg não teríamos um primeiro nem um último beijo. Não teríamos beijo algum.

Mas isso não importava, porque eu tinha alguém que gostava de mim como eu era.

E isso mostrava a beleza de tudo, até mesmo dos sonhos que nunca se realizariam, porque sempre há algo além deles que nós nem imaginamos.

A jornada para que eu

compreendesse isso tinha sido longa, mas muito bonita. E ainda hoje tenho alguns momentos em que me entrego às dúvidas e me questiono. Sou humana, frágil em tudo que sinto e penso, por mais que queira provar o contrário.

Mas, lá no fundo, hoje sei e aceito que sou bonita como sou e que ninguém jamais terá o direito de pensar o contrário – seja a respeito de mim ou de qualquer outra pessoa, porque cada um carrega uma beleza diferente.

Ser feliz é uma escolha. Ser bonito é também uma escolha, porque é a gente quem decide como

vai se enxergar quando olhar no espelho a cada novo dia.

Eu agora me enxergava bonita, mesmo com os espinhos. E decidira que as últimas páginas do livro da minha vida seriam felizes, porque eu merecia isso.

A caminhada fora longa até ali.

CAPÍTULO 76

Ainda havia algo pendente em minha vida. Algo que não tivera um desfecho apropriado.

Meu curso de paisagismo.

No tempo em que frequentava as aulas, realmente não fizera amigos, mas também não lamentava mais por isso. As pessoas ali ainda não

estavam prontas para aceitar o diferente e eu compreendi que cada um tem seu tempo.

Porém, gostava muito de estudar, principalmente sobre as plantas, que podia tocar e acariciar e que eram uma parte importante da minha vida.

Papai e Gregg, que faziam tudo e mais um pouco para minha felicidade, levaram um notebook para meu quarto do hospital para que eu continuasse a receber os e-mails com lições e materiais de pesquisa que os professores me enviavam.

Assim, mesmo a distância,

consegui concluir o curso.

Os professores foram pessoalmente ao hospital me entregar o certificado de conclusão, que papai mandou emoldurar e pendurar sobre a cama.

Era mais uma conquista, e fiquei profundamente agradecida por ter tido tempo suficiente para alcançá-la. Mesmo com as dores, com a dificuldade respiratória e o cansaço excessivo, e mesmo conectada a tantos aparelhos, eu ainda conseguira realizar mais um sonho.

A imprensa me procurou. Alguns jornalistas fizeram uma matéria lá na escola de paisagismo,

entrevistaram professores e depois pediram para falar comigo no hospital.

Eu sabia que a imprensa não era minha grande amiga. Na ocasião de meu apedrejamento, sei que saíram matérias realmente especulativas e absurdas a meu respeito, e sei também que Lolita ganhou um espaço para falar sobre mim na época e publicar fotos da famosa menina feita de espinhos.

Mas muitos haviam se apiedado de mim e tomado meu partido ao lerem aquelas matérias de anos atrás.

Só que nada disso me interessava

agora.

Eu não precisava provar nada a ninguém e não me importava que mais matérias sobre mim fossem impressas, lidas, assistidas.

Não daria entrevistas, tampouco me importaria com aquilo tudo.

Apenas eu e as pessoas que me amavam sabíamos quem eu era, e isso era o que havia de mais valioso.

Se as pessoas me viam como monstro ou vítima, não seria agora que mudariam de ideia, e eu realmente não me importava com isso.

Tudo o que me importava agora

era o quanto eu havia crescido.

As pedras não mais me atingiam.

Os insultos e julgamentos já não tinham efeito nenhum em mim.

O resto era só memórias.

CAPÍTULO 77

Os familiares e amigos de Gregg vinham me visitar com frequência, de modo que meu quarto estava sempre bastante agitado, conforme o doutor Jack permitia, claro.

Mas chegou um dia em que eu realmente me senti mais cansada e com mais dor que o normal.

Sabia que estava chegando a hora. Eu quase podia sentir que estava partindo.

Naquela tarde, as visitas diminuíram, conforme eu tinha pedido, e solicitei que apenas papai ficasse comigo.

Havia algumas coisas que queria lhe falar enquanto ainda tinha forças suficientes para as palavras.

— Você me ensinou uma vez, papai, que chorar não é sinônimo de fraqueza — comecei dizendo, e continuei. — Você me ensinou tantas coisas lindas. Obrigada por ser o melhor pai do mundo.

— Você que me ensinou, Kat. Eu

aprendi com você, filha, que as pequenas gentilezas é que são os grandes feitos. A gente faz bem para uma pessoa por meio de um sorriso ou um olhar. Você é extremamente sensível e perceptiva, e me ensinou a ver os detalhes de tudo e a beleza de cada um deles.

— Se eu te ensinei, foi enquanto também aprendia. Aprendi que são os pequenos gestos de bondade que determinam quem são os grandes heróis. É fácil fazer algo grande, que marque as pessoas, difícil mesmo é ser capaz de fazer pequenos gestos no dia a dia que mudam a vida daqueles que estão

ao nosso redor. Pequenos gestos salvam vidas. Você sempre fez isso por mim, papai, pequenos e grandes gestos que me salvaram. Você é meu herói.

– Querida... você é um milagre.

Ele não sabia se ria ou chorava, então fez as duas coisas e eu o acompanhei.

– Papai – falei com um pouco de dificuldade, enquanto algumas lágrimas ainda rolavam –, eu queria falar a sós com você hoje porque precisava lhe mostrar algo.

– O que é, filha?

– Há alguns anos, quando passei por aquela fase difícil em que não

queria sair muito de casa, eu menti para você algumas vezes. Eu dizia que saía quando você estava no trabalho, mas, na verdade, eu ficava o tempo todo trancada. Não queria ver o mundo e nem queria que o mundo me visse.

— Isso já não importa, Kat.

— É que, naquela época, eu passei por algo ruim. Quando desci para a cidade, em meu aniversário de dezesseis anos...

Eu estava prestes a contar tudo o que acontecera naquele dia. Os insultos. O apedrejamento. Mas ele me interrompeu:

— Kat, eu sei o que aconteceu

naquele dia.

– Sabe?

– Sim. Talvez não saiba todos os detalhes, mas eu ouvi conversas sobre isso na loja de animais, e também pela cidade quando precisei ir buscar alguma mercadoria. Cheguei até mesmo a ler alguma coisa no jornal. Eu soube desde o início que aquele dia mudou a sua vida, e mais que tudo, isso moeu meu coração por vê-la tão ferida, mas eu sempre soube que você iria se reerguer, e lhe dei espaço para fazer isso. Pensei que tocar no assunto lhe faria mal, já que você nunca quis falar sobre

isso. Eu tenho minhas próprias cicatrizes, e sei que algumas coisas precisamos enfrentar sozinhos. E você foi tão forte o tempo todo. Eu sou o pai mais orgulhoso do mundo.

– Obrigada, papai. Obrigada por tudo.

Então, afastei levemente a camisola de meu corpo e a levantei até o ponto onde precisava. Ali estava o que eu queria lhe mostrar.

– Essas são algumas das feridas, papai, de quando fui apedrejada. Eu não sei dizer se as escondi de você esse tempo todo por vergonha ou por medo de magoá-lo.

– Não tem problema, filha, eu

agradeço pela confiança em mostrá-las agora.

Elas estavam todas ali.

Os espinhos que haviam se quebrado ou amassado já tinham se regenerado há tempos, mas entre eles era possível ver as linhas das cicatrizes dos cortes feitos pelas pedras mais afiadas que me foram atiradas.

Já não sentia vergonha daquilo.

As cicatrizes também eram uma parte importante de mim, e eu não seria eu se não as tivesse.

Eu era mais bonita e mais forte e mais feliz justamente porque tinha aquelas cicatrizes. Porque um dia

fora ferida e aprendera a recomeçar.

Papai observou-as rapidamente, e logo as recobri. Ele sorriu ao vê-las e ao contemplar o quanto elas eram necessárias.

Ele respeitou meu silêncio sobre aquele assunto e respeitou meu afastamento do mundo durante os dois anos em que me mantive enclausurada, e isso era mais uma prova de que eu tinha o melhor pai do mundo.

Ele não me forçou a seguir em frente, mas sim me conduziu silenciosa e gentilmente para o recomeço, através do seu amor e de

sua fé em mim, ciente de que eu teria meu próprio tempo.

Papai me acolheu e amou como fui desde o começo, sem qualquer restrição. Ele me tratou com respeito e me fez feliz todos os dias. Não seria possível expressar minha gratidão por esse homem que, ao perder o grande amor da sua vida, ainda teve forças para amar mais, de um jeito novo.

Foi esse amor que me deu forças. Desde o primeiro dia.

CAPÍTULO 78

Em seguida, pedi a Gregg que entrasse e que papai nos deixasse a sós.

Também tinha algo a dizer ao meu namorado. A propósito, eu ainda achava surreal o fato de ter um namorado. Quem diria?

Quantos dias eu passei triste por

não ter um amigo em minha vida? Antes de conhecer Mica, claro. Pensei que ninguém jamais se aproximaria de mim. Ter um namorado, então, era um sonho tão ousado que jamais me permiti.

Isso ia além da história da menina que procurava joaninhas no jardim e que só as encontrou quando parou de procurar. No meu caso, era como se eu nunca nem tivesse procurado joaninha nenhuma, pois pensava que elas eram inalcançáveis.

Gregg era maravilhoso, e mostrou que estaria comigo até o fim. Era melhor do que eu poderia

imaginar e do que julgava merecer.

Ele entrou no quarto e se aproximou da cama. Não pude deixar de notar que chorava. Tive que me controlar para não chorar junto com ele, mas era muito difícil.

– Está chegando a hora, não está?
– ele perguntou, entre soluços.

Fiz que sim.

Aquilo era realmente difícil, e não era hora de cobrar de Gregg que não chorasse, afinal de contas, chorar não era sinal de fraqueza, como eu tinha aprendido e vivenciado.

– Às vezes estar vivo pode ser realmente silencioso e solitário –

ele falou. – Acho que vai ser assim quando... *Quando...*

– Eu sei – respondi com sinceridade –, minha vida foi assim boa parte do tempo, mas você trouxe tanta beleza, Gregory.

Não pude deixar de pensar, por um breve instante, no que aquilo significava.

Às vezes é tão solitário e silencioso estar vivo. Ele tinha razão.

Mas Gregg, papai, Mica, Joaquim, e até mesmo Lolita... Cada um contribuía para trazer som e cor para minha vida. Quantas pessoas podem dizer que amaram e

foram amadas de verdade na vida?
Poucas.

Eu era uma delas. Havia pessoas que realmente amaram a menina feita de espinhos, e isso era motivo suficiente para eu me sentir grata.

– É difícil dizer adeus, Gregg – falei –, mas tenho tentado ver o lado positivo de tudo, até nos momentos mais dolorosos, e acho que devemos agradecer por termos a oportunidade de nos despedirmos. Muitos não têm essa chance. Muitas pessoas partem desse mundo sem aviso prévio, deixando assuntos inacabados e pessoas amadas sem uma despedida adequada. Eu estou

indo embora tendo colocado um ponto-final em tudo. Agradeço por você ter ficado ao meu lado até o fim e por ter me dado a oportunidade de lhe dizer adeus, e de mais uma vez afirmar o quanto eu te amo. Amo demais, Gregg. Demais.

— Eu entendo o que você está dizendo, Kat, e sou eu quem deve agradecer. Acredite, eu fui o cara mais sortudo do mundo por ter você em minha vida. E nada, *nada* jamais vai ser maior que esses anos que passamos juntos. Você fez de mim uma pessoa melhor. Eu teria um milhão de coisas a lhe dizer

agora, infinitas razões para agradecer e relembrar, e um sem-número de motivos para tentar explicar o quanto eu te amo, mas acho que tudo se resume à seguinte frase: você vai fazer falta no mundo. De verdade. Uma falta que vai ser sentida por cada célula do meu corpo, que jamais te tocou, e em cada dia que eu viver sem você.

— É sobre isso que eu queria falar — respondi, direcionando a conversa, antes que nós dois embarcássemos num mar de lágrimas sem fim. — Sobre seu futuro. Sem mim.

— Por favor, Kat, eu não estou

pronto para pensar em um dia sequer sem você.

— Mas você precisa, Gregg, eu tenho pouco tempo.

Estava mais fraca e com dificuldades para falar a cada minuto. Precisava me apressar e dizer tudo que queria, mesmo que doesse. E cada palavra trocada naquele momento com Gregg doía, sim, doía muito. Mas eu só partiria com o coração em paz se soubesse que ele continuaria a viver também em paz. Isso me daria esperanças de reencontrá-lo um dia, em algum lugar melhor.

Eu sabia que, se não dissesse

certas coisas, as palavras não ditas se tornariam fantasmas que o assombrariam para sempre, invadiriam seus sonhos pela noite e sussurrariam em seus ouvidos, acorrentando-o, aprisionando-o. Seriam fantasmas que me acompanhariam na eternidade.

Eu tinha a oportunidade rara de dizer tudo o que queria a quem amava. Precisava realmente dizer *tudo*.

– Você me fez muito feliz, Gregg. Isso deve motivá-lo a seguir adiante.

– Não sem você ao meu lado.

– Espero que isso mude com o

tempo, querido. Eu sempre pensei que a felicidade era algo inalcançável, mas hoje sei que é mais como andar na corda bamba, entende?

– Não sei exatamente aonde você quer chegar.

Tomei fôlego, e ainda com um pouco de dificuldade, expliquei:

– Eu já fui triste e feliz. Sei que é difícil ser triste, mas é ainda mais difícil ser feliz, porque quando se está feliz, é como se estivesse andando em uma corda bamba. Você pode cair a qualquer momento. Aliás, você vai cair, inevitavelmente. O que nos segura e

nos dá forças nos momentos de queda são exatamente as experiências que colecionamos ao longo da caminhada. Por isso, tudo é importante. Cada sorriso e cada dor. Eu valorizo até mesmo os dois anos que passei me refugiando no chalé, porque não posso me julgar, se era aquilo que eu precisava naquele instante para continuar a viver. Tudo é válido, exceto o preconceito, claro.

— Você está certa. A vida é mesmo tão complexa. A felicidade e a tristeza também são.

— E é exatamente por essa rede complexa de sentimentos que eu

preciso que você pense em você quando eu não estiver aqui, Gregg. Pelo menos um pouco. Eu sei que você vai cair da corda bamba, mas você pode encontrar uma forma de se segurar nela, nem que seja com a pontinha dos dedos. Você não precisa cair completamente, e pode achar uma forma de subir de volta.

— Será muito doloroso.

— Eu sei, querido, eu sei. A tristeza vai empurrá-lo para baixo e querer que você afunde cada vez mais. Mas a felicidade que construímos juntos será fundamental para que você possa se segurar. Você tem que pensar dessa forma,

agir dessa forma, Gregory, e deixar que nossos momentos felizes o impulsionem e permaneçam sempre vivos.

Ele soluçava ao meu lado, e eu sentia que meu corpo todo tremia. Aquilo era ainda mais difícil do que eu tinha previsto quando imaginei aquela conversa em minha cabeça.

– Eu vejo tudo o que vivemos como um grande quebra-cabeça – ele disse entre as lágrimas –, com infinitas peças, que nós preenchemos juntos. Talvez, como em qualquer relacionamento, nós tenhamos perdido alguma peça pelo

caminho, mas nós conseguimos, no dia a dia, preencher nossos vazios.

— E, mais tarde, quando você olhar para o quadro todo — falei, compreendendo seu pensamento —, vai perceber que o que o torna único são justamente as peças que não foram preenchidas. De longe, elas podem dar a impressão de que algo está errado. Mas, se você olhar de perto, vai perceber que elas apenas provam que tudo foi real.

— Kat... Eu amo seus espinhos.

— E eu amo seus defeitos, Gregg.

— O que eu vou fazer? Eu nunca vou achar as peças que faltam para

completar o quebra-cabeça.

— É exatamente sobre isso que eu estava falando. Você não deve ficar tentando encontrar as peças que faltam na nossa história. O que preenchemos juntos foi lindo e feliz, e o que ficou faltando vai sempre tornar nosso quadro único. Assim como seus olhos azuis, que eu sempre achei tão bonitos. Eles certamente embelezam nosso quadro.

— Isso não tem graça.

— Eu sei — respondi com um sorriso fraco —, mas eu realmente preciso que você deixe o nosso quebra-cabeça como ele está. Pode

sempre olhar para ele e sentir saudades, mas você não pode montá-lo sem mim. O que ficou faltando, simplesmente ficou faltando. Você deve... começar a montar outro quebra-cabeça.

— O que você está sugerindo, Kat?

Doía, mas eu precisava dizer aquilo. Precisava que ele soubesse como eu me sentia com relação àquele assunto:

— Você deve estar aberto para amar novamente, Gregg. Você é especial demais para ficar sozinho. Você merece amar e ser amado.

Ele me fitava com um misto de

incompreensão e incredulidade na face. Talvez pensasse que eu estava sendo cruel ao dizer aquilo. E talvez estivesse mesmo. Não era a hora nem o local para isso, mas, pensando bem, nunca haveria um momento certo para dizer essas coisas.

Eu estava sendo sincera. Desejava aquilo para ele, mesmo que doesse em mim dizer tudo agora.

Tomei coragem e continuei:

— Monte um novo quebra-cabeça, um novo relacionamento, corra riscos quando eu me for, eles sempre valem a pena. Além disso,

seus olhos azuis são bonitos demais para nunca mais olharem alguém com paixão. Se você não fizer isso por mim nem por você, faça por seus olhos. Para que eles tenham um novo horizonte a fitar.

CAPÍTULO 79

— Eu entendo o que você está dizendo, Kat. Não quero e não vou discutir. Não consigo nem pensar nisso agora. Apenas penso em você, meu amor.

— Tudo bem. Mas prometa que não vai se fechar. Não completamente.

– Não posso prometer isso.

– Por favor, Gregg, é meu último pedido. E eu apenas peço que você seja feliz...

Ele chorou por vários minutos, e eu não o interrompi. Por fim, ele balançou a cabeça, dizendo que sim.

Estava aceitando meu pedido e aquilo me bastava.

– Essa jornada toda me fez aceitar meus espinhos – falei para ele, olhando bem dentro de seus olhos. – Obrigada por tê-los aceitado também. Eu até consigo me achar bonita quando me olho no espelho.

– Você é linda, Kat, é perfeita.

– Existe preconceito no mundo, Gregg. Eu sofri por ser diferente. Acho que eu mesma tive preconceito de mim por muito tempo, mas seu amor e de outras pessoas que me aceitaram sem me julgar fez com que eu quebrasse minhas próprias barreiras.

Naquele instante, as máquinas começaram a emitir apitos diferentes, e meu coração batia totalmente fora do compasso.

– *Kat...*?

– Gregg... – falei, em meus últimos suspiros. – Você pediu que eu o tocasse. Não pude atender.

Mas peço agora que feche os olhos brevemente. E imagine que estou segurando sua face. É exatamente isso que eu faria se pudesse.

Fechamos os nossos olhos ao mesmo tempo e, sem mover os dedos e sem levantar as mãos da cama do hospital, eu senti como se o tocasse.

Nós estávamos completamente conectados.

Não era real, mas era quase. E eu senti como se minhas mãos deslizassem sobre seu rosto e sentissem sua pele macia. Cada centímetro de sua face. Eu a segurei e alisei, como sempre quis fazer. E

sabia que levaria aquela sensação comigo.

Quando tornei abrir os olhos, Gregg continuava próximo de mim, mas distante do meu toque, como sempre estivera.

A uma distância segura.

– Você conseguiu imaginar que eu o tocava? – perguntei, já não sendo capaz de segurar as lágrimas.

Ele sorriu, chorou e soluçou... Estava feliz e triste. Aquele momento era tão lindo. E Gregg conseguiu deixá-lo ainda mais belo quando respondeu:

– Sim. *E foi real.*

CAPÍTULO 80

Após o momento mágico que eu tivera com Gregg, pedi que papai voltasse ao quarto.

Tinha chegado a hora, e eu precisava que os dois estivessem ali comigo.

Cada um deles ficou de um lado da cama e eu sorri para eles, sem

conseguir dizer mais nada.

Já não havia nada mais a ser dito.

Um filme da minha vida passou pela minha cabeça. Cada um dos vinte anos que vivi. Cada página do livro da minha vida havia sido um pranto e um riso. E, em ambos os casos, minha história estava cheia de amor.

Olhei demoradamente para papai e Gregg. Eles choravam e tremiam e não podiam desgrudar os olhos de mim. Pensei em como nunca havia beijado ou abraçado qualquer um deles, e também no quanto os amava da forma mais profunda que

existe.

Os olhos de Gregg estavam vermelhos de tanto chorar, mas ainda eram os mais lindos que eu já tinha visto.

Tão azuis. Tão bonitos. Seriam a imagem mais linda que eu levaria comigo.

Eles eram da cor do céu, e eu esperava que, de alguma forma, eu pudesse vê-los de novo, bem pertinho de mim, a olharem para mim.

Era naqueles olhos azuis que, se eu olhasse bem de perto, mesmo que num rápido vislumbre, eu conseguia ver Deus.

Ouvi um som ao longe. Parecia chuva.

Sim, estava chovendo.

Não era uma tempestade. Apenas uma garoa, daquelas que sempre gostei, pois sentia que elas me abraçavam pela vida.

Ao mesmo tempo em que a chuva começou lá fora, eu sentia que algo me puxava. Era como se eu fosse sair dali, mas não meu corpo.

Muita coisa ficaria para trás, mas o essencial estava sendo puxado comigo. Era uma sensação única e reconfortante e, por um instante breve e infinito, eu senti que a saúde voltou a me percorrer.

Os espinhos não mais doíam, eu não me sentia cansada.

Falei algo, qualquer coisa, e já não tinha mais dificuldade para falar. Sentia-me jovem, revigorada. Chamei papai e Gregg, mas eles permaneciam chorando ao meu lado, não podiam me ouvir.

Concentrei-me então no som da chuva, tentando acalmar meu coração e compreender o que acontecia.

Certamente a chuva viera me abraçar mais uma vez.

Me carregar, pensei.

E foi naquele instante que alguém me respondeu, como se tivesse lido

meus pensamentos:

– Não é a chuva que vai carregá-la. Eu vou.

Eu conhecia aquela voz. Engraçada. Divertida. Alegre.

– Mica! – falei, girando a cabeça.

Ele estava ao meu lado, ainda no quarto do hospital, e me estendia a mão.

CAPÍTULO 81

Papai e Gregg continuavam ao lado da cama, ainda choravam e pareciam alheios ao fato de que eu estava de olhos abertos e falando. Eles não viam Mica, não podiam nem mesmo ouvi-lo ou perceber sua presença.

— Você é um anjo? — perguntei.

Ele não havia envelhecido.

Apesar de anos terem se passado desde que eu o vira pela última vez, Mica continuava uma criança. O tempo não passara para ele.

— Pode chamar como quiser. Cada um dá um nome mesmo. — Ele deu de ombros, com aquela expressão divertida que eu bem conhecia. — Só sei que sou seu amigo.

— Mas você me abandonou.

— Não é verdade. Eu sempre estive do seu lado. Não a deixei nem por um momento sequer, foi você quem optou por não me ver mais.

Achando tudo aquilo complexo e lindo demais para ser verdade, continuei a fazer mais perguntas:

– Você era o menino da foto, o filho daquele casal do leste da Europa, com quem papai conversou pela internet?

– Sim. Sinto muita falta de meus pais.

– Mas como? Você tinha espinhos como eu quando...?

– Quando estava vivo? Sim, eu tinha exatamente a mesma anomalia que você. Morri ainda criança. Foi nessa época que meus pais pararam de conversar com o seu pai. Eles sofreram muito, não conseguiam

mais falar sobre mim. Foi legal a forma como você se despediu das pessoas que ama, isso vai dar força a elas. Eu não fiz isso, e minha família sofreu bastante.

— Eu ainda não entendo como você nunca teve espinhos quando nos encontrávamos para brincar na floresta e no roseiral.

— Lá para onde estamos indo, você pode ser como quiser. Se for o seu desejo, você também pode não ter mais espinhos.

Não precisei pensar para responder àquilo. Já havia tido a vida toda para saber como me sentia:

– Mas eu quero os espinhos, quero continuar a ser como sou.

– Então, assim será. Kat, agora nós precisamos realmente ir. Sua mãe está esperando por você.

– Minha mãe?

– Sim. Vamos? – ele perguntou, ainda estendendo a mão.

– Eu posso tocá-lo?

– Claro que pode. Você sempre pôde, não podia me ferir. Mas você não estava pronta para saber disso quando era criança.

Aceitei a mão de Mica e levantei da cama do hospital.

Sentia-me completamente cheia de vigor e saúde. Nenhuma dor me

acompanhava.

Comecei a caminhar de mãos dadas com Mica.

Então, detive-me por um instante e olhei para trás.

Foi uma sensação estranha ver meu corpo ainda deitado na cama do hospital. De olhos fechados. Sem vida.

Papai e Gregg estavam ao meu lado. Até o fim.

Só que aquele não era exatamente o fim. Era o fim apenas de um ciclo, mas não da vida como um todo. Eu continuava viva. Andava, respirava, falava. Podia sentir.

Sentia-me mais viva que nunca.

Eu estava viva porque tudo o que levaria comigo desta vida era amor. Ele me preenchia naquele momento, e faria com que eu estivesse sempre viva naqueles que amava. Assim como uma parte deles partia agora comigo.

O amor une para sempre, mesmo. Essa é a única verdade da vida.

É ele que nos torna imortais e que deixa a marca de nossas pegadas fincadas na terra.

Papai e Gregg não podiam mais me ver. Isso era estranho. Mas eu consegui ver beleza até mesmo naquele momento.

Há, sim, beleza até em momentos que muitos podem considerar tristes. E há beleza também nas separações, porque elas não são para sempre. Depois, virão os reencontros.

— Vamos? — Mica indagou novamente. — Você tem que olhar pra frente.

Virei meu pescoço, sabendo que Gregg e papai estavam atrás, ao lado da cama que eu acabara de deixar. Ao mesmo tempo em que estavam dentro de mim.

Apertei com força a mão de Mica e olhei para a frente. Eu continuava recoberta por espinhos,

mas não podia machucar meu amigo.

Naquele instante, uma paz sem limites me invadiu.

Vi o quarto do hospital desaparecer ao meu redor, e uma luz forte e brilhante preencheu minha visão. E eu mergulhei no mais absoluto silêncio.

Continuei a caminhar.

Eu estava em casa.

EPÍLOGO

Quando cheguei em casa hoje, no fim da tarde, quase não vi o envelope que havia sido colocado na caixa de correio. Por sorte, ele era maior que de costume, e uma ponta ficou para fora, dobrada, avisando-me de que algo ali me esperava.

Era um convite de casamento.

O convite de casamento de Gregory.

Ele tinha feito aquilo que minha filha pediu que fizesse: reconstruir sua vida e compartilhar seus dias ao lado de alguém.

Faz sete anos que Kat nos deixou e não há um dia em que eu não derrame algumas lágrimas por sua ausência. Mas não é de forma triste. Sei que ela jamais aprovaria que eu vivesse mergulhado na tristeza. As lágrimas são de paz, ao pensar no quanto sua existência teve sentido e no quanto a trilha que ela deixou por esta vida ainda vai inspirar

muitas pessoas.

Sei que Gregory pensa o mesmo. *Sente* o mesmo. Os dias que ele passou ao lado de minha filha irão para sempre ficar em suas lembranças. Dolorosas, felizes e únicas.

Ele é um bom rapaz.

Eu continuei a viver no chalé. Não apenas porque este foi o último lar de minha filha, o que faz com que eu sinta sua presença aqui dentro, mas principalmente porque ela amava este lugar. Eu jamais conseguiria caminhar para longe dele.

Comprei mais alguns cavalos.

Assim como Joaquim sempre fez companhia à Kat, eles também preenchem os meus dias. Todas as manhãs eu os levo para um local aqui perto, nas colinas, onde trabalhamos com pacientes especiais. *Diferentes*. Pessoas que enfrentam dificuldades e que sofrem preconceito, seja de forma psicológica ou física, e que têm seus medos e suas dores amenizados quando estão na companhia dos cavalos. Chamamos isso de equoterapia, uma prática que tem se espalhado cada vez mais pelo mundo.

Eu me lembro da Kat sempre que

estou com os cavalos. E também com as rosas – e seus espinhos, que hoje acho tão belos.

Também me lembro da minha filha quando vejo algum ato de bondade no mundo ou algum ato de preconceito. Quando ouço sua música preferida ou qualquer outra coisa de que ela gostava. Um vento manso, uma caixa de giz, um bicho de pelúcia. Ela está aqui, em todos os lugares, porque está em mim.

Por muito tempo depois que ela se foi, eu não tive coragem de me olhar no espelho.

Minha pele lisa e sem espinhos, tão *normal*, parecia tão feia.

Eu me senti feio por muitos anos quando pensava em Kat.

Hoje tenho plena consciência de que ela foi a pessoa mais pura que já conheci. A mais verdadeira.

Todos têm espinhos ao seu redor. Todos são capazes de ferir e magoar; a diferença é que Kat nunca escondeu isso. Ela nasceu com seu lado perigoso e ameaçador à mostra.

Tão real. Tão ela mesma. Tão linda.

Enquanto entro no chalé, carregando o convite de casamento de Gregory, penso que preciso comprar um terno novo. Essa é uma

tarefa difícil para um homem solitário como eu. Tenho certeza de que Kat iria adorar ir comigo até a loja.

Sento-me no sofá, cansado. Estou ficando velho. Minha agilidade já não é a mesma. Minhas pernas e coluna reclamam das caminhadas.

Então, permito-me, assim como em todos os fins de tarde, fechar os olhos por alguns instantes e pensar em Kat e em sua mãe. Liliana.

É preciso ser forte para não abrir as comportas da dor de já não tê-las mais ao meu lado. Só a coragem me permite saber separar a alegria da tristeza e pensar nelas com uma

felicidade nebulosa – ao mesmo tempo em que castiga, me dá forças para abrir os olhos e levantar. Seguir a vida.

Passei por momentos muito difíceis, mas a coragem veio justamente da inspiração que Kat trouxe à minha vida.

No fim, ela descobriu quem era e por que era tão especial. Ela deixou um legado à humanidade. O legado da beleza.

Há beleza em todos os cantos e em todas as pessoas. Há beleza em quem elogia, mas também em quem ofende. Em quem ajuda e em quem maltrata. Num sorriso e numa

lágrima. Em olhares mansos e também nos raivosos. No primeiro choro de um bebê recém-nascido e no último pulsar do coração de um ser. No início e no fim e em cada curva do caminho a vida é bela. Até mesmo na escuridão mais sombria.

As rosas são bonitas. Mas seus espinhos também.

Kat viu isso em tudo e em todos. E hoje eu consigo me ver bonito quando finalmente miro meu reflexo no espelho. E quando saio de casa e vejo as pessoas, sei que todas elas são bonitas.

E a Kat... ela era — é — tão linda. Meu coração se alegra ao pensar

que no fim ela soube disso.

MENSAGEM DA AUTORA

Finalizei este livro em uma época de grandes mudanças em minha vida. Estava me mudando de país, e, portanto, tendo que dizer “até logo” a muitas pessoas que amo. Por mais que as novas

perspectivas e os sonhos sejam a parte bonita de qualquer mudança, é sempre preciso saber a hora de se despedir, mesmo que seja por um tempo. Isso fez com que eu estivesse extremamente sensível e emotiva quando concluí a jornada de Kat, e eu me aproximei dela profundamente, podendo afirmar que este foi o livro em que coloquei mais de mim até agora.

Ao longo da história, Kat tem que dizer adeus a várias pessoas e, sobretudo, a si mesma — aos sentimentos, sonhos e desejos que precisa abandonar. Muito disso foi uma metáfora do que eu mesma

passava, embora, claro, minha vida seja completamente diferente da de Kat.

As metáforas estão presentes no livro todo – os espinhos, as rosas –, e são sobre mim e sobre as pessoas que já conheci ao longo da vida. Quem nunca atirou alguma pedra e quem nunca teve pedras atiradas contra si e sangrou? As cicatrizes estão por todas as partes, em cada ser que respira.

Ao longo da escrita de qualquer livro, geralmente escuto uma determinada seleção de músicas. Resolvi brincar com isso dessa vez. Em cada uma das páginas

dedicadas ao “Livro da Vida” de Kat, busquei inspiração em uma canção. Dentre as muitas que me acompanharam nessa história, selecionei nove, e cada uma delas me ajudou a compor esses breves momentos de divagação da personagem, por meio de uma frase ou ideia.

Por fim, gostaria de deixar registrado que eu não queria que a Kat tivesse esse nome. Ela teria outro nome, que já estava em minha cabeça, mas minha mãe escolheu Kat e não pude deixar de atender a seu pedido. Hoje sei que foi o nome perfeito e não vejo a personagem

tendo qualquer outro.

Onde quer que você esteja, onde quer que esteja lendo esta história, qualquer que seja a sua própria história, quero dizer o seguinte: ame o diferente. E lembre-se que, às vezes, algumas coisas que amamos, mesmo que estejam tão próximas, não podemos tocar. Todos temos espinhos ao nosso redor. Há beleza até mesmo nisso.

Eu amo você, porque você é diferente de mim. E desejo que tenha uma vida feliz, e que quando ela tiver momentos tristes, você saiba conviver com os espinhos.

Até a próxima!

Fabiane Ribeiro

SOBRE A AUTORA

Fabiane Ribeiro é médica veterinária e escritora, apaixonada pelos animais e pelas palavras. Nasceu em Mogi Mirim (SP), em 1987. A partir de 2012, teve alguns de seus textos publicados em coletâneas.

Obteve grande sucesso de

público com Jogando Xadrez com os Anjos, seu romance de estreia publicado pela Universo dos Livros.

Recentemente mudou-se para os Estados Unidos, e reside agora em Nova York, onde estuda Escrita Profissional e Criativa.